

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO – CSE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E RELAÇÕES
INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

JADNA SONIA MARCOS

**O COMÉRCIO EXTERIOR DAS MESORREGIÕES CATARINENSES
DE 2000 A 2010**

**Florianópolis
2012**

JADNA SONIA MARCOS

**O COMÉRCIO EXTERIOR DAS MESORREGIÕES CATARINENSES
DE 2000 A 2010**

Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais para a obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420- Monografia.

Área de pesquisa: Economia Internacional

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seabra

Florianópolis

2012

JADNA SONIA MARCOS

**O COMÉRCIO EXTERIOR DAS MESORREGIÕES CATARINENSES
DE 2000 A 2010**

A banca examinadora atribuiu nota 9,5 para essa monografia

Banca Examinadora:

Prof.º Dr.º Fernando Seabra

Prof.º Drº Hoyêdo Nunis Lins

Prof.º Drº Arley Luiz Fachinello

Florianópolis

2012

*À minha família e amigos, que
sempre estiveram ao meu lado.*

RESUMO

O presente trabalho busca descrever e analisar as mudanças ocorridas no perfil do comércio exterior das mesorregiões catarinenses de 2000 a 2010, em um contexto de apreciação cambial, crise econômica internacional e após a abertura econômica dos anos de 1990. A necessidade de entender as mudanças no comércio exterior das mesorregiões catarinenses decorre da escassez de artigos e documentos bibliográficos mais regionalmente focados e da busca pela compreensão dos acontecimentos recentes da economia catarinense, além do entendimento dos impactos que a política cambial nacional exerceu sobre espaços territoriais de uma unidade da federação. Cada mesorregião agrupa características distintas das demais, portanto, a influência da taxa de câmbio apreciada e da crise econômica mundial se deram de formas diversas sobre os diferentes produtos e/ou setores das mesorregiões. Contudo, de modo geral, observou-se o crescimento acelerado das importações, em função da taxa de câmbio apreciada e da política tributária do estado de Santa Catarina. As exportações sofreram mais impacto da crise econômica internacional, sendo que alguns setores observaram perda da competitividade externa devido à política cambial adotada de 2000 a 2010.

Palavras-chaves: Mesorregiões Catarinenses; Economia Catarinense; Comércio Exterior Catarinense.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Municípios Pertencentes à Mesorregião Grande Florianópolis

Anexo B: Municípios Pertencentes à Mesorregião Norte Catarinense

Anexo C: Municípios Pertencentes à Mesorregião Oeste Catarinense

Anexo D: Municípios pertencentes à Mesorregião Serrana

Anexo E: Municípios Pertencentes à Mesorregião Sul Catarinense

Anexo F: Municípios Pertencentes à Mesorregião Vale do Itajaí

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	45
Figura 2: Exportações da Mesorregião Grande Florianópolis por Seções da NCM.....	47
Figura 3: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)	48
Figura 4: Exportações de Calçados e Semelhantes (Capítulo SH2 64) e de Produtos Cerâmicos (Capítulo SH2 69)	50
Figura 5: Exportações de Móveis, Mobiliário, Aparelhos de Iluminação não Especificados em Outros Capítulos (Capítulo SH2 94).....	53
Figura 6: Importações da Mesorregião Grande Florianópolis por Seções da NCM.....	54
Figura 7: Importações de Plástico (Capítulo SH2 39) e de Borracha (Capítulo SH2 40)	55
Figura 8: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85).....	57
Figura 9: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	61
Figura 10: Exportações da Mesorregião Norte Catarinense por Seções da NCM	63
Figura 11: Exportações de Sementes e Frutos Oleaginosos e Outros Grãos (Capítulo SH2 12) e Gorduras e Óleos (Capítulo SH2 15).....	64
Figura 12: Exportações de Resíduos das Indústrias Alimentares (Capítulo SH2 23) e Fumo e seus Sucedâneos Manufaturas (Capítulo SH2 24)	66
Figura 13: Exportações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85).....	67
Figura 14: Importações da Mesorregião Norte Catarinense por Seções da NCM.....	69
Figura 15: Importações de Produtos Químicos Inorgânicos (Capítulo SH2 28), Adubos ou Fertilizantes (Capítulo SH2 31) e Plástico (Capítulo SH2 39).....	70
Figura 16: Importações de Produtos de Ferro, Ferro Fundido e Aço (Capítulo SH2 72).....	71
Figura 17: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85).....	73
Figura 18: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	75
Figura 19: Exportações da Mesorregião Oeste Catarinense por Seções da NCM	78
Figura 20: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)	79

Figura 21: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SH2 44).....	81
Figura 22: Importações da Mesorregião Oeste Catarinense por Seções da NCM.....	82
Figura 23: Importações de Produtos Hortícolas, Plantas, Raízes e Tubérculos, Comestíveis (Capítulo SH2 07), Cereais, Sementes e Frutos Oleaginosos (Capítulo SH2 10), Grãos, Sementes e Frutos Diversos (Capítulo SH2 12).....	83
Figura 24: Importações de Produtos Hortícolas, de Frutas ou de Outras Partes de Plantas (Capítulo SH2 20), Resíduos e Desperdícios das Indústrias Alimentares e Alimentos Preparados para Animais (Capítulo SH2 23).....	85
Figura 25: Importações de Produtos Químicos Orgânicos (Capítulo SH2 29), Plástico (Capítulo SH2 39) e Borracha (Capítulo SH2 40)	87
Figura 26: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	90
Figura 27: Exportações da Mesorregião Serrana por Seções da NCM.....	92
Figura 28: Exportações de Produtos Feitos com Carne, Miudezas ou Sangue (Capítulo SH2 16)	93
Figura 29: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SH2 44), Papel e Cartão, Obras de Pasta de Celulose, de Papel ou de Cartão (Capítulo SH2 48).....	94
Figura 30: Importações da Mesorregião Serrana por Seções da NCM.....	96
Figura 31: Importações de Cereais (Capítulo SH2 10), Produtos da Indústria de Moagem, Malte, Amidos e Féculas (Capítulo SH2 11), Gomas, Resinas e Outros Extratos Vegetais (Capítulo SH2 13).....	97
Figura 32: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84)	99
Figura 33: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	102
Figura 34: Exportações da Mesorregião Sul Catarinense por Seções da NCM	104
Figura 35: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)	105
Figura 36: Exportações de Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Capítulo SH2 24)	106
Figura 37: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SE 44).....	107
Figura 38: Exportações de Produtos Cerâmicos (Capítulo SH2 69).....	108

Figura 39: Importações da Mesorregião Sul Catarinense por Seções da NCM.....	110
Figura 40: Importações de Produtos Químicos Inorgânicos, Compostos Inorgânicos ou Orgânicos (Capítulo SH2 28), Adubos ou Fertilizantes (Capítulo SH2 31) e Plástico (Capítulo SH2 39)	111
Figura 41: Importações de Cobre e suas Obras (Capítulo SH2 74).....	113
Figura 42: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010.....	116
Figura 43: Exportações da Mesorregião Vale do Itajaí por Seções da NCM	117
Figura 44: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)	118
Figura 45: Exportações de Preparações de Carne, de Peixes, de Crustáceos, de Moluscos (Capítulo SH2 16), Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Capítulo SH2 24).....	120
Figura 46: Exportações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85).....	121
Figura 47: Importações da Mesorregião Vale do Itajaí por Seções da NCM.....	123
Figura 48: Importações de Plástico e suas Obras (Capítulo SH2 39).....	124
Figura 49: Importações de Algodão (Capítulo SH2 52), de Filamentos Sintéticos (Capítulo SH2 54) e de Fibras Sintéticas Descontínuas (Capítulo SH2 55)	125
Figura 50: Importações de Ferro Fundido, Ferro e Aço (Capítulo SH2 72) e de Cobre e suas Obras (Capítulo SH2 74)	126
Figura 51: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85).....	127
Figura 52: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), Calçados e Semelhantes (Cap. SH2 64) e Produtos Cerâmicos (Cap. SH2 69)	131
Figura 53: IVCRs do Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Cap. SH2 84) e Elétricos (Cap. SH2 85).....	132
Figura 54: IVCRs das Carnes e suas Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02) e das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44)	134
Figura 55: IVCRs das Preparações de Carnes Diversas (Cap. SH2 16), das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44), do Papel e Cartão, Obras de Pasta de Celulose, de Papel ou de Cartão (Cap. SH2 48).....	136
Figura 56: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), do Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44) e Produtos Cerâmicos (Cap. SH2 69).....	137

Figura 57: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), das Preparações de Carnes Diversas (Cap. SH2 16), do Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Cap. SH2 84) e Elétricos (Cap. SH2 85)..... 139

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Quantidade de Trabalhadores por Ano para Fabricar Vinho e Tecidos	19
Tabela 2: Estratégias Genéricas	28
Tabela 3: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Grande Florianópolis	44
Tabela 4: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Norte Catarinense	60
Tabela 5: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Oeste Catarinense	76
Tabela 6: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Serrana.....	89
Tabela 7: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Sul Catarinense	102
Tabela 8: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Vale do Itajaí ..	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	14
1.2 OBJETIVOS	15
1.2.1 Objetivo Geral	15
1.2.2 Objetivos Específicos	15
1.3 METODOLOGIA E ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2 TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL E COMPETITIVIDADE.....	18
2.1 TEORIA CLÁSSICA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL.....	18
2.2 TEORIAS MODERNAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL	20
2.2.1 A Teoria Hecksher-Ohlin ou Dotação Relativa dos Fatores	20
2.2.2 Linder e a Extensão da Demanda Doméstica.....	22
2.2.3 A Teoria do Ciclo do Produto de Vernon.....	23
2.2.4 Krugman e os Mercados Imperfeitos	25
2.2.5 Porter e a Vantagem Competitiva das Nações	26
2.3 A DOENÇA HOLANDESA OU MAL DOS RECURSOS NATURAIS.....	30
3 ABERTURA COMERCIAL BRASILEIRA	32
3.1 PRIMEIRA FASE (1988-1989)	32
3.2 SEGUNDA FASE (1990-1994)	34
3.3 TERCEIRA FASE (1994-1998).....	35
4 A FORMAÇÃO ECONOMICA E A ABERTURA COMERCIAL DE SANTA CATARINA	37
5 COMÉRCIO EXTERIOR DAS MESORREGIÕES CATARINENSES	41
5.1 GRANDE FLORIANÓPOLIS	43
5.1.1 Comércio Exterior da Mesorregião Grande Florianópolis.....	44
5.1.2 Exportações da Mesorregião Grande Florianópolis.....	46
5.1.3 Importações da Mesorregião Grande Florianópolis	54
5.2 NORTE CATARINENSE	58
5.2.1 Comércio Exterior da Mesorregião Norte Catarinense.....	60
5.2.2 Exportações da Mesorregião Norte Catarinense.....	62
5.2.3 Importações da Mesorregião Norte Catarinense.....	69
5.3 OESTE CATARINENSE.....	74
5.3.1 Comércio Exterior da Mesorregião Oeste Catarinense	75
5.3.2 Exportações da Mesorregião Oeste Catarinense	77
5.3.3 Importações da Mesorregião Oeste Catarinense.....	82

5.4 MESORREGIÃO SERRANA.....	88
5.4.1 Comércio Exterior da Mesorregião Serrana.....	89
5.4.2 Exportações da Mesorregião Serrana	91
5.4.3 Importações da Mesorregião Serrana	96
5.5 MESORREGIÃO SUL CATARINENSE	100
5.5.1 Comércio Exterior da Mesorregião Sul Catarinense	101
5.5.2 Exportação da Mesorregião Sul Catarinense	103
5.5.3 Importações da Mesorregião Sul Catarinense.....	109
5.6 MESORREGIÃO VALE DO ITAJAÍ	114
5.6.1 Comércio Exterior da Mesorregião Vale do Itajaí.....	115
5.6.2 Exportações da Mesorregião Vale do Itajaí.....	117
5.6.3 Importações da Mesorregião Vale do Itajaí.....	122
6 VANTAGENS COMPARATIVAS DAS MESORREGIÕES CATARINENSES	129
6.1 ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA (IVCR)	129
6.2 ANÁLISE DOS IVCRS DAS MESORREGIÕES CATARINENSES.....	130
6.2.1 Mesorregião Grande Florianópolis.....	130
6.2.2 Mesorregião Norte Catarinense	132
6.2.3 Mesorregião Oeste Catarinense	134
6.2.4 Mesorregião Serrana.....	135
6.2.5 Mesorregião Sul Catarinense	137
6.2.6 Mesorregião Vale do Itajaí	138
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	145
ANEXO.....	149

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Na última década do século XX, a economia brasileira passou por um processo de abertura e estabilização econômica que modificou suas relações comerciais com o exterior e, por conseguinte, a inserção externa das unidades da federação. Para o estado de Santa Catarina, as trocas comerciais com o exterior possuem grande importância econômica, em função do perfil fortemente exportador e industrial desse estado. Tal afirmação é verdadeira tanto para o estado como um todo, como para as suas mesorregiões.

As mesorregiões são as unidades que melhor subdividem o estado de Santa Catarina segundo os critérios adotados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que os municípios que as integram possuem similaridades históricas, sociais, culturais e econômicas. Obviamente essas unidades não são extremamente coesas, mas se tornam variáveis possíveis de serem estudadas.

A busca pela compreensão das mudanças ocorridas no perfil do comércio exterior das mesorregiões catarinenses no contexto de apreciação cambial e maior abertura comercial com o exterior se torna um tema relevante diante da escassez bibliográfica sobre este assunto, mais especificamente da escassez de artigos recentes baseados em dados sobre as mesorregiões e não em dados agregados do estado de Santa Catarina.

Além disso, a análise das unidades que formam o estado de Santa Catarina contribui para o desenvolvimento de estudos mais regionalmente focados, que procuram analisar as peculiaridades de cada mesorregião, algo difícil de ser feito em função da dificuldade na obtenção de dados estatísticos e bibliografia científica sobre o tema.

Portanto, estudar as mudanças ocorridas no perfil do comércio exterior das mesorregiões catarinenses, tendo como conjectura fundamental as dificuldades impostas às exportações pela taxa de câmbio apreciada em função das exportações de *commodities*

agrícolas pela federação, é justificado pela necessidade de entender os impactos que a política cambial brasileira exerceu sobre o comércio exterior das mesorregiões catarinenses de 2000 a 2010.

1. 2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desse estudo é descrever e analisar as mudanças no comércio exterior das mesorregiões de Santa Catarina no período de 2000 a 2010, procurando identificar os efeitos causados pela taxa de câmbio apreciada no perfil do comércio exterior das mesorregiões catarinenses.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever, a partir das teorias do comércio internacional, o processo de abertura econômica do Brasil e de Santa Catarina;
- Analisar as mudanças na estrutura e o desempenho do comércio exterior das mesorregiões catarinenses no período de 2000 a 2010;
- Avaliar os índices de vantagens comparativas das mesorregiões, relacionando-os com a performance do comércio e a taxa real de câmbio;

1.3 METODOLOGIA E ESTRUTURA DO TRABALHO

Na realização desse estudo foi necessário utilizar uma série de procedimentos metodológicos para observar os perfis das trocas comerciais das mesorregiões catarinenses com o resto do mundo e para compreender como a taxa de câmbio influenciou. O tipo de pesquisa mais adequado a ser desenvolvido foi a pesquisa descritiva.

Em relação ao delineamento da pesquisa, utilizou-se amplamente a pesquisa documental através do site alicesweb2.mdic.gov do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O banco de dados disponibilizado pelo MDIC foi fundamental para que se tornasse viável o estudo do perfil do comércio exterior das mesorregiões catarinenses, sendo possível a pesquisa por municípios, que agrupados formam as mesorregiões.

A pesquisa bibliográfica foi muito importante na busca das explicações para os acontecimentos ocorridos durante os onze anos estudados, para a realização do levantamento do referencial teórico, do processo de abertura econômica do Brasil e de Santa Catarina e para o entendimento das características das mesorregiões catarinenses.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma. Primeiramente, abordam-se as diversas teorias do comércio internacional, com foco nas razões para a criação das trocas comerciais entre países e na *doença holandesa*. No capítulo seguinte, faz-se uma pequena apresentação do processo de abertura econômica ocorrido no Brasil nos anos de 1990, buscando criar um cenário do qual emergiram os anos 2000 em diante, período foco do estudo realizado nesse trabalho. Ainda com o intuito de dar base histórica para a descrição e análise do comércio exterior das seis mesorregiões catarinense, apresenta-se como mais um capítulo a formação econômica do estado de Santa Catarina.

O capítulo cinco se subdivide em seis subseções, nos quais estão descritos e explicados os comportamentos das trocas comerciais das seis mesorregiões que integram o estado de Santa Catarina e a influência que a taxa de câmbio exerceu sobre o comércio exterior da mesorregião Grande Florianópolis, da mesorregião Norte Catarinense, da mesorregião Oeste Catarinense, da mesorregião Serrana, da mesorregião Sul Catarinense e da

mesorregião Vale do Itajaí. O capítulo seis é complementar ao anterior, pois aborda os Índices de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) para os produtos e/ou setores mais importantes das mesorregiões. O último capítulo se dedica as conclusões sobre as mudanças no perfil das trocas comerciais das mesorregiões catarinenses com o exterior.

2 TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL E COMPETITIVIDADE

As teorias do comércio internacional buscam responder duas questões principais: o que determina o comércio entre os países e qual o benefício que ele proporciona (ISTAKE, 2003, p.47). Existem diversas teorias sobre a razão de existirem as trocas entre países, mas ainda hoje há muitas controvérsias sobre os efeitos do comércio exterior nas economias nacionais (CÂNDIDO; LIMA, 2010, p.303).

As principais teorias sobre o comércio exterior podem ser divididas em clássicas e modernas. A teoria clássica mais relevante é a das vantagens comparativas de David Ricardo. Nas teorias modernas se destacam a teoria de Hecksher-Ohlin, a teoria da demanda doméstica de Linder, a teoria do ciclo do produto de Vernon, a teoria dos mercados imperfeitos de Paul Krugman e as vantagens competitivas de Porter.

2.1 TEORIA CLÁSSICA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

A teoria das vantagens comparativas de David Ricardo ganhou destaque durante o debate em torno das Leis dos Cereais. Segundo Nunes (2003, p. 2), essas leis eram um conjunto de diversas regulamentações sobre o comércio exterior de cereais, vigorando do século XI até 1846, ano no qual ocorreu a liberalização. O objetivo principal das Leis dos Cereais era proteger a renda do proprietário rural (NUNES, 2003, p. 2).

Em sua obra *Princípios de Economia Política e Tributação*, David Ricardo demonstrou que dois países teriam vantagens quando se especializassem na produção do bem em que possuíssem maior eficiência relativa, ou seja, eficiência em termos de horas dispendidas na produção de um bem em relação à quantidade de horas utilizadas para a produção do outro bem (RICARDO, 1982, 101-104 p.).

O exemplo utilizado por David Ricardo para explicar a teoria das vantagens comparativas nos remete ao Tratado de Methuen, que dispôs sobre as transações comerciais entre Portugal e Inglaterra. No exemplo apresentado, Portugal e Inglaterra comercializam entre si vinho e tecido, respectivamente, mas é Portugal que detém vantagens absolutas na produção. A Inglaterra pode estar em tal situação que necessitando do trabalho de 100 homens por ano para fabricar tecidos, poderia, no entanto, precisar do trabalho de 120 durante o mesmo período, se tentasse produzir vinho. Portanto, a Inglaterra teria interesse em importar vinho, comprando-o mediante a exportação de tecidos. Em Portugal, a produção de vinho pode requerer somente o trabalho de 80 homens por ano, enquanto a fabricação de tecido necessita do emprego de 90 homens durante o mesmo tempo. Será portanto vantajoso para Portugal exportar vinho em troca de tecidos. Essa troca poderia ocorrer mesmo que a mercadoria importada pelos portugueses fosse produzida em seu país com menor quantidade de trabalho que na Inglaterra. Embora Portugal pudesse fabricar tecidos com o trabalho de 90 homens, deveria ainda sim importa-los de um país onde fosse necessário o emprego de 100 homens, por que lhe seria mais vantajoso aplicar seu capital na produção de vinho, pelo qual poderia obter mais tecido da Inglaterra do que desviasse parte de seu capital do cultivo de uva para a manufatura daquele produto (RICARDO, 1982, p. 104-105).

Ele explica da seguinte maneira a vantagem que os dois países obteriam com o comércio exterior:

Tabela 1: Quantidade de Trabalhadores por Ano para Fabricar Vinho e Tecidos

PAÍS	VINHO	TECIDOS	CUSTOS	CUSTOS
			COMPARATIVOS VINHO	COMPARATIVOS TECIDOS
PORTUGAL	80	90	0,66	0,90
INGLATERRA	120	100	1,5	1,11

Fonte: Elaborado pela autora com base em Ricardo (1982, p. 104-105).

Através do exame do quadro acima, infere-se que a produção de vinho em Portugal é 34% mais eficiente do que na Inglaterra e a produção de tecidos portugueses também possui custos menores do que a inglesa, na ordem de 10%. Entretanto, os vinhos portugueses apresentam vantagem de custos comparativos maiores do que os tecidos desse mesmo país. A Inglaterra se mostra menos eficiente do que Portugal na produção dos dois bens, mas sua desvantagem de custos comparativos é menor nos tecidos, se ela mesma fabricasse vinho seria 50% menos eficiente do que Portugal, sendo que nos tecidos é apenas 11% menos eficiente.

Dessa forma, poderia produzir tecidos e trocar por vinho, ao invés de ela mesma os produzir, realocando de forma mais eficiente os fatores de produção.

As vantagens comparativas podem ser entendidas como a indução à especialização entre países para determinadas indústrias. Dessa forma, parte-se de que exista, em um determinado país, vantagem absoluta em duas indústrias, mas a vantagem absoluta é maior em uma indústria do que em outra. Assim, o comércio seria possibilitado se o país se especializasse naquela indústria em que sua vantagem absoluta fosse maior, e relegasse ao outro país a indústria em que sua vantagem absoluta fosse menor, de modo a possibilitar-se a especialização da produção (RESENDE JR, 2003, p.37).

2.2 TEORIAS MODERNAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Nas teorias modernas sobre o comércio internacional, a principal preocupação dos teóricos reside na determinação dos fatores que condicionam os fluxos comerciais de produtos manufaturados entre os países (SOARES, 2004, p. 37).

2.2.1 A Teoria Hecksher-Ohlin ou Dotação Relativa dos Fatores

No modelo de dotação relativa dos fatores há dois fatores de produção, o trabalho e o capital. Cada bem produzido possui uma relação capital/trabalho, dessa forma, existem mercadorias que são intensivas em capital e existem outras mercadorias que são intensivas em trabalho (SOARES, 2004, p. 42). As características naturais e econômicas dos países são importantes para a explicação da existência de comércio internacional; isso por que, assim

como as mercadorias, as nações podem possuir grande quantidade de trabalho e/ou de capital, sendo abundantes em trabalho e/ou capital, respectivamente (SOARES, 2004, p. 42).

Segundo esse modelo, a diferença de fatores de produção entre os países gera o comércio internacional, que por sua vez, proporciona maior bem-estar a ambos os países na medida em que os preços tendem a cair – cada um se especializa na produção de mercadorias em que alcança maior produtividade. (SOARES, 2004, p. 43)

Segundo Istake (2003, p.50), na teoria de Hercksher-Ohlin a dotação de fatores de produção dos países difere, sendo que é essa diferença que conduz os países a comercializar no mercado internacional. O comércio internacional seria, portanto, uma troca de fatores abundantes por fatores escassos. Segundo Ratti (1997, p. 336), cada país procurará se especializar e exportar o bem que utiliza na sua produção o fator relativamente abundante e barato, os produtos que exigem grande quantidade do fator escasso e dispendioso serão importados.

A teoria de Hercksher-Ohlin está baseada em quatro teoremas: o teorema de Hercksher-Ohlin, o teorema de equalização dos preços dos fatores de produção, o teorema de Rybczynski e o teorema de Stolper-Samuelson (ISTAKE, 2003, p.51).

O teorema de Hercksher-Ohlin afirma que cada país se especializará e exportará o bem intensivo em seu fator abundante (WILLIAMSON, 1989, p. 39). Segundo Williamson (1989, p. 40), no teorema de Hercksher-Ohlin os países possuem as mesmas características, com exceção do tamanho territorial e da dotação de capital e trabalho.

De acordo com o teorema de equalização dos preços dos fatores de produção, desenvolvido por Paul Samuelson, o livre comércio equaliza os preços dos fatores de produção nos países que transacionam (ISTAKE, 2003, p.51).

Segundo o teorema de Rybczynski, o aumento da dotação de um fator aumenta mais do que proporcionalmente a produção do bem que utiliza esse fator intensivamente, diminuindo a produção do bem que não o utiliza (ISTAKE, 2003, p.51).

Por fim, o teorema de Stolper-Samuelson foi formulado inicialmente para abordar os efeitos de uma tarifa de importação (WILLIAMSON, 1989, p. 45). Ele trata da relação do preço dos fatores com o preço das mercadorias transacionadas. O teorema de Stolper-Samuelson foi formalmente enunciado da seguinte forma: “uma tarifa aumenta a renda do fator empregado intensivamente no bem que recebe proteção” (WILLIAMSON, 1989, p. 45).

2.2.2 Linder e a Extensão da Demanda Doméstica

Staffan Linder publicou em 1961 um artigo que buscava compreender quais as forças que determinam o comércio de produtos manufaturas entre os países (SOARES, 2004, p. 46). Ele estabeleceu uma distinção entre o comércio de produtos primários e o comércio de produtos industrializados. Segundo o economista sueco, o comércio de produtos primários é explicado pelo modelo de Heckscher-Ohlin, enquanto a estrutura da demanda, caracterizada pelas qualidades dos produtos diferenciados procurados num país, é o determinante do padrão de comércio de produtos industrializados (COUTINHO et al., 2005, p. 5).

Segundo Soares (2004, p. 46), se dois países possuem semelhanças em relação à extensão da demanda doméstica, então possuem estruturas de demanda muito semelhantes, portanto, os produtos exportáveis e importáveis de um também serão o do outro. O principal determinante da estrutura de demanda interna dos países é o nível de renda per capita (SOARES, 2004, p. 46-47).

Os países de renda per capita mais elevada tenderiam a consumir maior quantidade de produtos sofisticados e também produtos com um grau de sofisticação maior que os consumidos em países menos desenvolvidos. Por exemplo, os EUA consomem não só uma maior quantidade de carros, mas também de carros mais sofisticados que outros países menos desenvolvidos. (COUTINHO et al., 2005, p. 5)

Portanto, cada país limitaria sua produção aos bens que estejam dentro da faixa de qualidade dos produtos consumidos internamente, devido às incertezas na produção de bens que não tenham demanda estabelecida (SOARES, 2004, p. 46). Dessa forma, uma semelhança entre os níveis de renda per capita de dois países implica uma semelhança em suas demandas domésticas e nos produtos que fabricam, exportam e importam, portanto, na intensidade do seu comércio bilateral (SOARES, 2004, p. 47).

2.2.3 A Teoria do Ciclo do Produto de Vernon

Em 1966, Raymond Vernon publicou o artigo *Investimento externo e comércio internacional no ciclo do produto*, no qual propôs uma análise que privilegia as inovações, os efeitos das economias de escala e os papéis da ignorância e da incerteza sobre a determinação dos padrões de comércio (SOARES, 2004, p. 48).

Vernon estudou o ciclo do produto nos Estados Unidos. Nesse país, as inovações são resultantes da renda elevada e da substituição da mão-de-obra por capital (SOARES, 2004, p. 49). Cada novo produto passa por um processo de maturação que determina o consumo local e os fluxos de exportação e importação entre os países (SOARES, 2004, p. 49).

Surgem novos produtos, estes se desenvolvem, atingem a maturidade, entram em declínio e, eventualmente, desaparecem. Esta é a essência da noção de ciclo de vida do produto. Vernon parte deste conceito e o articula a uma teoria do comércio que aponta para uma noção de vantagens comparativas de caráter dinâmico e a uma teoria do investimento (produtivo) que pressupõe racionalidade limitada e estrutura de mercado em concorrência imperfeita. O resultado desta articulação é um modelo no qual o fluxo de comércio e a estratégia de localização da produção no exterior são explicados em função do ciclo de vida do produto (PESSOA; MARTINS, 2007, p.311).

Segundo Pessoa e Martins (2007, 311-312 p.), são basicamente quatro as hipóteses do modelo do ciclo de vida do produto de Vernon que devem ser explicitadas. São elas:

- 1ª Empresas localizadas em países avançados não diferem significativamente entre si;
- 2ª os produtores mais aptos a desenvolver novos produtos em qualquer dado mercado serão aqueles que possuam um conhecimento prévio desse mercado;
- 3ª dada a evidência de uma nova necessidade de consumo, supõe-se que o empresário se sentirá motivado a atendê-la;
- 4ª o modelo do ciclo do produto trata *especificamente* da inovação de produtos industriais voltados para consumidores de alta renda.

São basicamente três estágios pelo qual passa o produto inovador: produto novo, produto em maturação e produto padronizado (SOARES, 2004, p. 51). No primeiro estágio, a

demanda é crescente no mercado doméstico e inexistente no resto do mundo, as decisões de investimento e produção se mostram mais complexas devido à incerteza (PESSOA; MARTINS, 2007, p.314). O novo produto ainda não é padronizado, os insumos e as especificações finais do produto estarão sujeitos a grandes alterações. Nessa fase a concorrência ocorre através da diferenciação de produto entre poucos produtores (PESSOA; MARTINS, 2007, p.314).

No estágio intermediário, o número de produtores aumenta, a oferta cresce e se torna mais diversificada, o que pressupõe esforços crescentes de diferenciação de produtos, enquanto a demanda, que também estará aumentando, se torna mais sensível ao preço (PESSOA; MARTINS, 2007, p.315). À medida que a demanda se expande, ocorre a padronização dos produtos, tornando possível a realização de economias de escala. Nesse momento, as firmas devem decidir se irão se instalar em países com mão-de-obra mais barata, por que cada vez mais o custo de produção se torna importante (PESSOA; MARTINS, 2007, p.315). Entretanto, as decisões empresariais envolvem incerteza ou desconhecimento do futuro. Mas diante da necessidade de agir preventivamente, a fim de evitar uma perda do fluxo de rendas, estabelece-se no novo mercado antes que alguma concorrente o faça (PESSOA; MARTINS, 2007, p.315).

No último estágio, as firmas concentram sua produção em países com mão-de-obra barata, invertendo, portanto, a balança comercial com seu país de origem, que passa a ser importador do produto inicialmente inovador (SOARES, 2004, p. 51). Nessa fase a padronização do produto atinge o seu máximo, o consumo se massifica e a escala de produção é otimizada (PESSOA; MARTINS, 2007, p. 316). Cresce a importância relativa dos fatores capital e mão-de-obra enquanto declina a do fator tecnologia. Decorre daí que os custos tradicionais (custos de mão-de-obra, capital e matérias-primas) ganham importância em relação aos custos ligados à inovação (PESSOA; MARTINS, 2007, p. 317).

2.2.4 Krugman e os Mercados Imperfeitos

O modelo de Helpman e Krugman está fundamentado da ideia da concorrência imperfeita e na existência de economias de escala como causas geradoras do comércio internacional (OLIVEIRA, 2007, p. 11). Portanto, no comércio exterior as empresas não são tomadores de preços e sim possuem influência na determinação do preço de mercado (SOARES, 2004, p. 55).

As hipóteses do modelo são as seguintes segundo Oliveira (2007, p.12):

1. Existem dois fatores de produção (capital e trabalho);
2. existem dois tipos de mercadorias (manufaturas e alimentos);
3. dois países comercializam produtos entre si;
4. a estrutura de mercado típica do setor manufatureiro é a monopolística.

No modelo de Helpman e Krugman a especialização não será determinada somente pelas vantagens comparativas baseadas na dotação de fatores dos países, mas será fundamentada na junção dessas com as economias de escala (OLIVEIRA, 2007, p. 11). Portanto, no comércio internacional será verificada a existência de trocas inter-indústrias e intraindústrias (OLIVEIRA, 2007, p. 11). O comércio é intra-indústria quando as trocas são efetuadas entre setores iguais devido à diferenciação dos produtos e o comércio interindústria é característico do mercado onde operam as vantagens comparativas, ou seja, no qual os bens são homogêneos (SOARES, 2004, p. 55).

Existem três formas pelas quais os mercados imperfeitos promovem o comércio internacional: a concorrência monopolística, o *dumping* e as economias externas (SOARES, 2004, p. 55).

A concorrência monopolística é uma estrutura de mercado no qual existem diversas grandes firmas que afetam os preços em virtude das suas economias de escala. As firmas buscam se diferenciar dos concorrentes através da estratégia de diferenciação dos produtos,

assumem dessa forma que os consumidores não vão comparar preços com os produtos dos concorrentes por causa da diferenciação (SOARES, 2004, p. 56).

O *dumping* é uma prática desleal de comércio, mas através da possibilidade de sua ocorrência pode surgir intercâmbio de mercadorias entre países. O *dumping* ocorre quando uma empresa monopolista no mercado doméstico vende seus produtos por preços menores no mercado internacional, visando obter participação nesse mercado, normalmente disputando com outra empresa monopolista (SOARES, 2004, p. 57).

A terceira forma de criação de comércio entre os países é através das economias externas, que nada mais são do que economias de escala ao nível de uma indústria, ou seja, em um determinado setor geograficamente localizado (SOARES, 2004, p. 57).

Segundo Oliveira (2007, p. 13), existem três razões para justificar a ideia de que um conjunto de firmas pode ser mais eficiente do que uma firma que atua individualmente, são elas: a existência de fornecedores especializados; criação de um mercado de trabalho comum; e o transbordamento de conhecimento. Esses fatores agem como externalidades positivas melhorando a eficiência das firmas e as tornando mais competitivas internacionalmente, trazendo a ideia de rendimentos crescentes dinâmicos derivados principalmente do acúmulo de conhecimento (OLIVEIRA, 2007, p. 13).

2.2.5 Porter e a Vantagem Competitiva das Nações

A ideia básica da vantagem competitiva das nações para Porter é de que esta é o somatório das estratégias globais das empresas individuais, sendo limitadas por dois conjuntos de fatores: os fatores internos e externos (SOARES, 2004, p. 58). Os fatores internos são os pontos fracos e fortes da empresa e os valores pessoais dos seus componentes. Os fatores externos são as ameaças e oportunidade da indústria e as tendências e expectativas da sociedade (SOARES, 2004, p. 58).

A pergunta que norteia a análise da competitividade das nações de Michael Porter é apresentada no início do primeiro capítulo do livro *A vantagem competitiva das nações*. Segundo Porter (1989, p. 1), a pergunta que deve ser feita é “por que as empresas sediadas num determinado país são capazes de criar e manter uma vantagem competitiva em comparação com os melhores competidores do mundo em um determinado campo?”. Portanto, buscam-se entender quais os fatores existentes nas nações que condicionam às suas empresas vantagens competitivas. “O que devemos buscar são as características decisivas de uma nação que permitem às suas empresas criar e manter a vantagem competitiva em determinados campos, isto é, a vantagem competitiva das nações” (PORTER, 1989, p. 19).

Michael Porter faz uma ressalva importante para que se possam entender as vantagens competitivas de uma nação, para ele são as empresas e não os países que competem nos mercados internacionais e essas empresas não estão geograficamente confinadas em seu país de origem, pelo contrário, muitas possuem estratégias globais de produção (PORTER, 1989, p.43).

A unidade de análise do modelo de Porter é a indústria. Ele a define como “um grupo de competidores que produzem mercadorias ou serviços que competem diretamente entre si” (PORTER, 1989, p. 43). As empresas buscam estabelecer estratégias competitivas para competir nas suas indústrias. As estratégias competitivas devem levar em consideração a estrutura da indústria na qual a empresa compete e a posição que ela ocupa na indústria, mas tanto a estrutura quanto a posição na indústria são dinâmicas e podem ser condicionadas pelas empresas (PORTER, 1989, p. 44).

A natureza da competição pode ser entendida como a interação de cinco forças competitivas: (1) a ameaça de novas empresas; (2) a ameaça de novos produtos e serviços; (3) o poder de barganha dos fornecedores; (3) o poder de barganha dos compradores e (5) a rivalidade entre competidores existentes (PORTER, 1989, p. 45). A intensidade dessas forças determina a lucratividade no longo prazo de uma indústria (PORTER, 1989, p. 46).

A ameaça de novas empresas limita o potencial de lucro geral na indústria porque essas novas empresas trazem nova capacidade e buscam uma parcela do mercado, reduzindo as margens. Compradores ou fornecedores poderosos arrancam para si os lucros. Intensa rivalidade competitiva corrói os lucros, exigindo maiores custos de competição (em publicidade, promoção de vendas ou pesquisa e desenvolvimento) ou a transferência do lucro para os consumidores, na forma de menores preços. A presença de sucedâneos próximos limita o preço que os competidores podem cobrar sem provocar a substituição e corroer o volume da indústria (PORTER, 1989, p. 46).

Portanto, as forças competitivas agem de diversas formas afetando a taxa de lucro da indústria e, por conseguinte, a atratividade que ela exerce sobre as empresas.

Segundo Porter, a estrutura da indústria é importante para a determinação da competição internacional, ela cria exigências diferentes para o sucesso em diferentes indústrias (PORTER, 1989, p. 47). Além disso, as indústrias estruturalmente atraentes são as mais importantes na busca por um padrão de vida elevado, portanto, as empresas capazes de entrar nessas indústrias trazem benefícios em termos de padrão de vida e de produtividade para a nação. Por último, a modificação estrutural traz oportunidades de entrada em novas indústrias por parte dos competidores locais (PORTER, 1989, p. 47).

São dois os tipos de vantagens competitivas: menor custo e diferenciação. No menor custo, a empresa tem a capacidade de produzir e comercializar de forma mais eficiente do que seus concorrentes. Na diferenciação, a empresa consegue ofertar um bem com valor excepcional e superior em termos de qualidade (PORTER, 1989, p. 48). Também é importante saber qual é o âmbito competitivo, ou seja, a amplitude das estratégias competitivas de uma empresa (PORTER, 1989, p. 49).

Tabela 2: Estratégias Genéricas

		VANTAGEM COMPETITIVA	
ÂMBITO COMPETITIVO	Alvo Amplo	Liderança de Custos	Diferenciação
	Alvo limitado	Enfoque nos Custos	Diferenciação Focalizada

Fonte: Figura elaborada pela autora com base em Porter (1989, p. 50).

Os determinantes da vantagem competitiva nacional podem ser divididos em quatro itens como demonstrou Porter (1989, p. 87).

1. *Condições de fatores*. A posição do país nos fatores de produção, como trabalho especializado ou infra-estrutura, necessários à competição em determinada indústria.
2. *Condições de demanda*. A natureza da demanda interna para os produtos ou serviços da indústria.
3. *Indústrias correlatas e de apoio*. A presença ou ausência, no país, de indústrias abastecedoras e indústrias correlatas que sejam internacionalmente competitivas.
4. *Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas*. As condições que, no país, governam a maneira pela qual as empresas são criadas, organizadas e dirigidas, mais a natureza da rivalidade interna. (PORTER, 1989, p. 87)

Os atributos nacionais citados acima permitem e apoiam as empresas a conseguirem vantagens competitivas, que, por sua vez, determinam a competitividade de uma nação (PORTER, 1989, p. 88). Os determinantes das vantagens nacionais, ou como Porter chama “diamante”, são os pontos-chaves para que um país seja competitivo internacionalmente (PORTER, 1989, p. 88).

As condições fatoriais podem ser divididas em cinco grupos: recursos físicos, humanos, de conhecimento, de capital e infraestrutura (OLIVEIRA, 2007, p.15). Elas são inseridas no diamante nacional de acordo com o acesso e utilização adequada dos cinco grupos, ou seja, com a eficiência e efetividade da distribuição e utilização dos fatores (OLIVEIRA, 2007, p.15).

As condições de demanda determinam o rumo e as características do processo de inovação (OLIVEIRA, 2007, p.15). O terceiro item do diamante nacional é a presença de indústrias correlatas e de apoio que geram externalidades positivas, ou seja, a proximidade com fornecedores, a rede de relações entre empresas e etc, traz benefícios em termos de produtividade para as firmas (OLIVEIRA, 2007, p.15).

O último elemento que determina as vantagens competitivas nacionais é constituído pelas estratégias, estrutura e rivalidades entre as empresas. Segundo Oliveira (2007, p. 15), quanto maior a competição e rivalidade entre as firmas, maiores serão as chances de se formarem players internacionais.

2.3 A DOENÇA HOLANDESA OU MAL DOS RECURSOS NATURAIS

Nas subseções anteriores desse capítulo, foram apresentadas as principais teorias sobre a criação de comércio entre países e os benefícios que tal relação proporciona. Entretanto, é importante fazer algumas ressalvas as considerações anteriores, principalmente sobre o benefício da exportação de qualquer tipo de bem no qual o país tenha vantagens comparativas. Nessa subseção será abordada a *doença holandesa* ou mal dos recursos naturais.

A *doença holandesa* é a apreciação crônica da taxa de câmbio causada pela abundância de recursos naturais e humanos baratos, compatíveis com uma taxa de câmbio inferior àquela que viabilizaria as demais indústrias de bens comercializáveis (BRESSER-PEREIRA, 2007, p.2). Dessa forma, ocorre a perda de competitividade dos produtos não intensivos nos recursos abundantes, tornando a indústria cada vez menos capaz de exportar, mesmo que possua tecnologia, processos gerenciais e produtivos sofisticados.

A expressão *doença holandesa* surgiu em decorrência de um fenômeno ocorrido na Holanda na década de 1960, quando a descoberta de grandes depósitos de gás natural proporcionou através das exportações dessa *commodity* energética o aumento da renda e a apreciação do florim holandês, tornando as exportações dos outros produtos menos competitivas (NAKAHODO; JANK, 2006, p. 2).

Segundo Oreiro e Feijó (2010, p. 223), a abundância de recursos naturais pode ter como consequência a diminuição da participação da indústria no emprego e no valor adicionado devido à apreciação da taxa de câmbio, resultando em perda de competitividade da indústria e déficit comercial crescente da mesma. “Em outras palavras, a desindustrialização causada pela “doença holandesa” está associada a déficits comerciais crescentes da indústria e superávits comerciais (crescentes) no setor não industrial” (OREIRO; FEIJÓ, 2010, p. 223).

A doença holandesa causa uma desindustrialização precoce, em função da diminuição da participação da indústria no emprego e no valor adicionado ocorrer em um nível de renda baixo, inconsistente com o observado nos países desenvolvidos quando iniciaram o seu processo de desindustrialização (OREIRO; FEIJÓ, 2010, p. 223).

Como bem explica Palma (2005, p. 2), a maioria dos países industrializados atingiram a fase de desindustrialização por volta do final da década de 1960 e início dos anos 70, enquanto alguns dos países em desenvolvimento de alta renda começaram essa fase na década de 80. Mais ou menos na mesma época, alguns países latino-americanos também começaram a se desindustrializar rapidamente, a despeito do fato de que sua taxa de renda per capita era muito mais baixa do que as taxas de outros países.

A desindustrialização ocorrida nos países avançados se deveu ao dinamismo natural de suas economias, segundo Rowthorn e Ramaswamy apud. Nassif (2008, p. 75). A desindustrialização se manifestou como um fenômeno em que a perda da importância da indústria vis-à-vis o setor de serviços foi mais expressiva em termos da participação relativa no emprego total. Segundo Nassif (2008, p. 75), argumenta-se que o ritmo mais intenso de crescimento da produtividade do setor industrial provoca queda nos preços relativos dos bens industrializados e, por conseguinte, um forte estímulo à demanda desses produtos, além de explicar a queda relativa do emprego gerado nesse setor. “Nesse caso, a desindustrialização é paradoxalmente um fenômeno tecnológico, já que a indústria (ainda) constitui a principal fonte de progresso técnico” (NASSIF, 2008, p.75).

A desindustrialização precoce ocasionada pela *doença holandesa* “é uma grave falha de mercado que, quando não devidamente neutralizada, constitui-se em obstáculo fundamental ao crescimento econômico” (BRESSER-PEREIRA, 2007, p. 5). Segundo Bresser-Pereira (2007, p. 5), essa falha de mercado decorrente da existência de recursos naturais baratos e abundantes usados para produzir *commodities* que são compatíveis com uma taxa de câmbio mais apreciada do que aquela necessária para tornar competitivos os demais bens comercializáveis, mesmo que esses bens sejam produzidos com a melhor tecnologia e processos existentes.

Portanto, a apreciação do câmbio causada pela *doença holandesa* traz diversas consequências negativas para a indústria do país, tornando os investimentos na produção dos bens industriais não atrativos, ocasionando uma especialização na exportação de bens pouco dinâmicos e com baixa produtividade. Segundo Oreiro e Feijó (2010, p. 224), a desindustrialização é um fenômeno que tem impacto negativo sobre o potencial de crescimento de longo prazo, pois reduz a geração de retornos crescentes, diminui o ritmo de progresso técnico e aumenta a restrição externa ao crescimento.

3 ABERTURA COMERCIAL BRASILEIRA

A década de 90 foi palco de grandes mudanças na política de comércio exterior do Brasil. O período se caracterizou por um processo de abertura comercial e financeira abrangente, que se iniciou antes do governo Collor e se estendeu até o primeiro governo Fernando Henrique Cardoso. A integração comercial brasileira ocorreu no contexto de uma nova ordem mundial, a globalização (AVERBUG, 1999, p. 45).

A abertura comercial e financeira da economia brasileira pode ser dividida em três fases. A primeira fase corresponde ao último biênio da década de 80, marcado pelo início do processo de liberalização comercial, com a adoção de medidas de diminuição das alíquotas de importação e de restrição de barreiras não-tarifárias. Nessa fase foram realizadas duas reformas tarifárias (junho de 1988 e setembro de 1989), que buscaram diminuir a redundância tarifária (KUME; CORSEUIL, 2003, p. 12).

A segunda fase compreende os anos iniciais da década de 90, antes do Plano Real. Nesse período ocorreu a eliminação da maior parte das barreiras não-tarifárias e o estabelecimento de um cronograma para a diminuição das alíquotas de importação (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 1). A última fase do processo de abertura da economia brasileira foi realizada durante o Plano Real, houve tanto medidas liberalizantes quanto recuos na abertura, ditadas pela necessidade de controle de preços, sendo a estabilidade monetária o principal objetivo da política econômica (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 1).

3.1 PRIMEIRA FASE (1988-1989)

A mudança na orientação da política comercial brasileira se tornou visível a partir dos dois últimos anos da década de 80. Os anos de 1988 e 1989 se caracterizaram pelo início da redução das tarifas nominais e pela aplicação de medidas de diminuição das barreiras não-

tarifárias (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 2). Segundo Azevedo e Portugal (1998, p. 2), a reforma tarifária de maio de 1988 pode ser considerada um marco na busca da neutralidade do regime comercial, sendo o primeiro conjunto de medidas de teor liberalizante.

Os efeitos da reforma tarifária foram a diminuição da tarifa média de importação de 51% em 1985 para 41% em 1988 e a redução do intervalo de variação das alíquotas de importação, de zero até 105% para zero até 85%, unificaram-se diversos tributos incidentes sobre as importações e se reduziu o grau de proteção da indústria local, com tarifa média de proteção média passando de 51,3% para 37,4% (MIRANDOLA, 2003, p.39).

Em 1989, a tarifa média de importação continuou a ser reduzida, atingindo 35,5%, devido à continuidade da reforma tarifária (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 3). Segundo Nali de Jesus de Souza (2002, p.2), as principais medidas realizadas em 1989 foram:

- As tarifas passaram a variar na faixa de zero a 85%, sendo poucos os itens com tarifa superior a 50%;
- ampliação da quota de importações da Zona Franca de Manaus, de US\$ 960 milhões, para US\$ 1.070 milhões;
- maior facilidade para o pagamento das importações de máquinas, equipamentos, componentes, partes e peças destinadas às indústrias de máquinas têxteis, produtos têxteis e de confecções;
- liberação das restrições quantitativas às importações e às exportações de carne bovina.

Nesse ano, percebeu-se o efeito das medidas da política econômica sobre a abertura comercial, verificou-se a elevação da participação das importações no PIB, depois de anos de diminuição (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 3). Segundo Azevedo e Portugal (1998, p.3), “o desempenho das importações durante a primeira fase do processo de liberalização comercial está extremamente relacionado com o início da flexibilização das restrições comerciais e com o desempenho macroeconômico verificado no período”.

3.2 SEGUNDA FASE (1990-1994)

A segunda fase do processo de abertura comercial e financeira da economia brasileira se iniciou com o governo Fernando Collor de Melo e foi finalizada antes do início do Plano Real. O governo, empossado em 1990, acelerou a abertura comercial através de estratégias baseadas na maior seletividade e redução progressiva dos níveis de proteção tarifária, na eliminação de incentivos e subsídios, na supressão de controles quantitativos e no fim da proibição de importação de determinados produtos (SOUZA, 2002, p. 3).

No primeiro ano do governo Collor, foi instituída a Nova Política Industrial e de Comércio Exterior, que extinguiu a maior parte das barreiras não-tarifárias e definiu um cronograma de redução das tarifas de importação (AVERBUG, 1999, p. 46). As reduções se dariam gradualmente entre 1990 e 1994, de modo que, no final do período, a tarifa máxima seria de 40%, a média de 14%, a modal de 20% e o desvio-padrão inferior a 8% (AVERBUG, 1998, p. 46).

O cronograma de redução tarifária foi cumprido, de forma que no segundo semestre de 1993 as importações eram controladas apenas por tarifas (KUME; CORSEUIL, 2003, p. 15). Segundo Kume e Corseuil (2003, p. 13), “a nova política de importação buscava promover uma reestruturação produtiva, em que o diferencial de custos de produção interno e externo não superasse um determinado parâmetro”.

Em 1991, as principais medidas de política comercial adotadas foram: aumentar o limite de importação da Zona Franca de Manaus; criar o Programa de Fomento à Competitividade Industrial, o Programa de Financiamento à Exportação (PROEX), Comitê Consultivo Empresarial de Financiamento à Exportação (CEFEX), o Comitê de Financiamento da Exportação (CFE) e instituir uma linha de financiamento dentro do Programa de Financiamento à Exportação de Máquinas e Equipamentos (Finamex), operando no pré-embarque e no pós-embarque (SOUZA, 2002, p. 3).

O ano de 1992 se caracterizou pela retração vivida no País e pelo baixo crescimento ocorrido no resto do mundo. O Governo continuou incentivando as exportações através do PROEX e de diversos incentivos fiscais (SOUZA, 2002, p. 4).

O valor das importações cresceu quase 50% entre 1990 e 1993. A continuidade do crescimento das importações, tanto em valor quanto em volume, foi a principal característica da segunda fase da abertura comercial (AZEVEDO & PORTUGAL, 1998, p. 5).

3.3 TERCEIRA FASE (1994-1998)

A terceira fase da abertura comercial pela qual a economia brasileira passou esteve subordinada ao Plano Real, ou seja, a estabilidade monetária era o principal objetivo da política econômica. A última fase da abertura econômica pode ser dividida em três períodos, de acordo com a política de importação. O primeiro se estendeu de julho de 1994 ao primeiro trimestre de 1995. Do segundo trimestre de 1995 e até o segundo trimestre de 1996, observou-se o segundo período. O terceiro se estendia a partir do terceiro trimestre de 1996 (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 6).

Na primeira fase, a política de importações foi liberalizante (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 6). Para manter a inflação controlada o governo utilizou intensamente o instrumento tarifário, diminuiu as tarifas de uma série de produtos com maior peso nos índices de preços e antecipou a Tarifa Externa Comum (TEC) (KUME; CORSEUIL, 2003, p. 16).

O período compreendido entre o segundo semestre de 1994 e o final de 1995 foi marcado por um crescimento exponencial do volume e do valor das importações. Em apenas dois anos, entre 1993 e 1995, o valor das importações cresceu algo em torno de 100%. O quantum importado, por sua vez, aumentou em 85,3% (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 8). Segundo Azevedo e Portugal (1998, p. 8), uma série de fatores colaborou para que as importações obtivessem esse desempenho:

A conjugação de uma série de fatores colaborou para que as importações apresentassem este desempenho, entre os quais destacam-se: (i) o crescimento econômico verificado; (ii) a acentuada valorização nominal e real da taxa de câmbio; (iii) a manutenção da queda das alíquotas de importação; (iv) o maior acesso a financiamentos externos para as importações. (AZEVEDO & PORTUGAL, 1998, p. 8).

Em 1995, os déficits contínuos da balança comercial começaram a se tornar preocupantes diante da dificuldade de financiamento externo, gerada pela crise cambial mexicana e pela elevação das taxas de juros internacionais. Diante disso, o governo brasileiro elevou as tarifas de importação de determinados produtos, buscando conter o avanço das importações. (AZEVEDO; PORTUGAL, 1998, p. 6). André Averbug (1999, p. 47) explicita as razões dos avanços e recuos na abertura comercial entre 1995 e 1996.

Em 1995, com o Plano Real já em vigor e as políticas de integração comercial do Mercosul em andamento, a condução da política de importações passou a se subordinar aos objetivos da estabilização de preços e proteção (mesmo que moderada) dos setores mais afetados pela recente abertura. Esses dois interesses passam a exercer pressões antagônicas, já que o primeiro demanda maior abertura da economia para as importações, enquanto o segundo baseia-se no oposto. [...]. A partir de 1996, no entanto, observou-se pequeno viés de alta nas alíquotas de importação, na tentativa de conter o aumento do déficit em conta corrente devido, entre outros fatores, à estabilidade do real. (AVERBUG, 1999, p. 46).

No segundo semestre de 1996, o governo reassumiu uma postura liberalizante, tanto em função da pressão exercida pelos seus parceiros do MERCOSUL, e do risco de retaliações junto à OMC, como pela solução da crise externa, com o retorno dos capitais (AZEVEDO & PORTUGAL, 1998, p. 8). Porém, em fins de 1997, o governo elevou as tarifas em três pontos percentuais em função da crise no mercado financeiro internacional (KUME & CORSEUIL, p. 32).

As crises no mercado financeiro (mexicana em 1994, asiática em 1997 e russa em 1998) impuseram dificuldades de financiamento ao Brasil entre 1994 e 1998 (RODRIGUES, 2007, p. 33). Diante da diminuição das reservas internacionais, somada a impossibilidade de atrair investimentos externos, o governo brasileiro se vê obrigado a mudar o regime cambial em direção a taxas flutuantes no ano de 1999 (RODRIGUES, 2007, p. 33).

4 A FORMAÇÃO ECONÔMICA E A ABERTURA COMERCIAL DE SANTA CATARINA

Esse capítulo tem por propósito explicitar a formação econômica das mesorregiões de Santa Catarina desde o ano de 1880. Segundo Goularti Filho (2002, p.980), foi a partir de 1880 que o estado de Santa Catarina pode ser entendido como possuindo características que o unificam.

Nos últimos vinte e cinco anos do século XIX, o governo imperial incentivou a vinda de imigrantes europeus ao sul do Brasil. Com a chegada desses novos colonizadores à Santa Catarina, a ocupação se dispersou do eixo norte-Vale até o sul da província (GOULARTI FILHO, 2002, p. 980). Entretanto, já haviam localidades colonizadas por açorianos, que praticavam as atividades de pesca de baleia e a agricultura de subsistência, principalmente com o cultivo da mandioca (MATTEI, 2011, p. 3).

Durante o período acima mencionado houve um enorme processo de imigração para as regiões do Vale do Itajaí (Blumenau e Brusque), para a região Norte (Joinville e Jaraguá do Sul e São Bento do Sul) e para o Sul do estado (Criciúma e Urussanga). A partir deste período verifica-se o início da transformação da base econômica com o surgimento de pequenas indústrias nos setores alimentar, têxtil, erva-mate e de madeiras, o que possibilitou o salto para a industrialização efetiva no século seguinte. Em função disso, o sistema econômico deixa de ter sua base exclusivamente voltada para a subsistência local e passa a participar também da dinâmica do país, através do fornecimento de excedentes, em sua maioria de origem agropecuária. (MATTEI, 2011, p.3)

No oeste, iniciou-se a colonização por ítalo e teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul de 1910 até 1950 (GOULARTI FILHO, 2002, p. 983). Os alemães se concentraram mais na região do Vale do Itajaí e norte, os italianos no sul e no Vale do Itajaí e os poloneses no Alto Vale do Rio Tijucas e no planalto norte (GOULARTI FILHO, 2002, p. 981).

Para os imigrantes se instalarem, foi necessária a presença de financiamento governamental, terras disponíveis e companhias colonizadoras. As companhias colonizadoras e a construção de estradas carroçáveis e de ferrovias foram essenciais para fixar os imigrantes, desenvolver o mercado local e integrar a região ao mercado nacional (GOULARTI FILHO, 2002, p. 982).

No oeste, a colonização se baseou no sistema colônia-venda e na pequena propriedade voltada para a economia de subsistência e para a comercialização do excedente, permitindo a acumulação pulverizada e o surgimento de grandes madeireiros e proprietários de frigoríficos (GOULARTI FILHO, 2002, p. 982).

No início do século XX, começaram a se consolidar os setores que comandariam a economia catarinense até o início dos anos 60: têxtil, madeireiro e alimentar (GOULARTI FILHO, 2002, p. 983). O aumento da quantidade produzida de madeira, têxtil e alimentos não alterou o padrão de crescimento, baseado no capital mercantil. O aumento das exportações catarinenses para o mercado interno, de 1915 a 1929, pode ser entendido a partir: da expansão do complexo cafeeiro; do forte processo de diversificação econômica, com o surgimento de indústrias ligadas ao setor metal-mecânico e químico; da expansão urbana na Capital Federal; da construção das ferrovias integrando a Região Sul à Sudeste e de ferrovias ligando o interior catarinense aos portos; da proximidade com Curitiba e Porto Alegre (GOULARTI FILHO, 2002, p. 984).

A partir de 1945, a estrutura da economia catarinense começou a mudar com a ampliação da indústria metal-mecânica em Joinville, com o surgimento da indústria de papel, pasta e celulose no planalto e com o das cerâmicas no sul. O capital industrial e o capital mercantil foram o móvel da acumulação de 1945 a 1962 (GOULARTI FILHO, 2002, p. 986).

Nesse período, observa-se a diversificação e ampliação da base produtiva na economia catarinense. A diversificação se deu com o surgimento de novos setores como os de papel, papelão, pasta mecânica, cerâmico, metal-mecânico, plástico, materiais elétricos e indústrias ligadas ao setor de transporte. A ampliação se deveu ao aumento da produção dos setores como de papel, papelão, pasta mecânica, móveis e metal-mecânico; a ampliação da capacidade produtiva nos setores carbonífero e têxtil; e ao surgimento do complexo agroindustrial (GOULARTI FILHO, 2002, p. 987).

O processo de ampliação e diversificação da base produtiva possuía entraves, como a falta de energia, recursos financeiros e infraestrutura viária e portuária. Esses entraves reforçavam a desintegração econômica do Estado, em que cada região se especializava em determinado setor, sem articulação com as demais regiões (GOULARTI FILHO, 2002, 987-988 p.).

Dada à acumulação horizontal e à falta de comando do capital privado, somente o Estado dispunha de recursos suficientes e capacidade de articulação para comandar os investimentos necessários. O padrão de crescimento alterou-se a partir de 1962, com o novo sistema de crédito, os investimentos em energia e transporte e a consolidação do setor eletro-metal-mecânico, liderado pelas médias e grandes indústrias (GOULARTI FILHO, 2002, p. 988).

A economia passou a ser gerida por órgãos governamentais a partir da década de 1960. Com o Plano de Metas do Governo (Plameg -1961/65), o Estado passou a utilizar políticas econômicas para implantar e ampliar a infraestrutura e para financiar o capital privado local. Havia quatro áreas de atuação do planejamento governamental: financeira - financiar investimentos de longo prazo por meio de agências de fomento e programas de incentivos; transporte - integrar as mesorregiões produtoras aos mercados nacional e estadual; energia - ampliar a área de atuação da Celesc; e telecomunicações - aumentar a rede de telefonia e a oferta de linhas (GOULARTI FILHO, 2002, p. 990).

A partir dessas novas bases econômicas, começaram a despontar, nacional e internacionalmente, os grupos catarinenses, que passaram a comandar e a internalizar com maior intensidade o crescimento industrial no Estado (GOULARTI FILHO, 2002, p. 991).

Com o ajustamento do Brasil às políticas do Consenso de Washington, o Estado-nação e as unidades federativas inauguraram a etapa de liberalização econômica (GOULARTI FILHO, 2002, p. 991). A desarticulação política do Estado na condução do processo de acumulação, o grande capital multinacional, principalmente o financeiro, passou a comandar o processo de acumulação (GOULARTI FILHO, 2002, p. 992).

As principais mudanças ocorridas na economia catarinense com a liberalização foram: redução das atividades estatais; reestruturação da indústria cerâmica; desmonte do setor carbonífero; reestruturação patrimonial no complexo eletro-metal-mecânico; a desverticalização; a retração no segmento têxtil-vestuário e a desnacionalização no complexo agroindustrial (GOULARTI FILHO, 2002, p. 993).

A característica que marcou o desempenho do setor de revestimentos cerâmicos do sul catarinense foi a sua forma agressiva de atuar no comércio internacional. Na década de 80, a conquista do mercado externo tornou-se necessária à sobrevivência, obrigando as cerâmicas a introduzirem os novos métodos de produção e gestão. Quando da abertura do mercado, as

indústrias cerâmicas estavam adaptadas à concorrência internacional, evitando o desmantelamento (GOULARTI FILHO, 2002, p. 993).

O ano de 1990 marcou o fim do longo ciclo expansivo do carvão. O Governo Collor liberou a importação do carvão metalúrgico, desobrigou as siderúrgicas estatais a comprarem o carvão nacional, acabou com as cotas e fechou o Lavador de Capivari e as unidades da Indústria Carboquímica Catarinense (ICC) em Imbituba e Criciúma. Associado a essas medidas, iniciou-se o processo de privatização, que atingiu a Companhia Próspera, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), demitindo mais de 1.500 trabalhadores (GOULARTI FILHO, 2002, p. 994).

Os anos 90 significaram retrocessos para segmentos representativos da indústria nacional. Em Joinville, pode-se observar a reestruturação patrimonial da Tupy, a aquisição da Douat pela Franke e da Akros pela Fortilit. A crise social só não foi maior porque foi amortecida pelo surgimento de inúmeras micro e pequenas empresas, que ficam na franja das médias e grandes (GOULARTI FILHO, 2002, p. 994).

O segmento têxtil-vestuário foi o setor mais atingido em Santa Catarina com o processo de abertura comercial e sobrevalorização. Com a abertura comercial, reduzindo as alíquotas de importação para 20,0% em 1993, e a sobrevalorização cambial, ocorreu uma maciça importação de produtos acabados nos ramos têxtil e vestuário. Dentro do segmento, o item mais prejudicado foi o de confecção em geral (GOULARTI FILHO, 2002, p. 994).

O complexo agroindustrial catarinense foi duramente castigado com uma reestruturação patrimonial em favor de multinacionais. Com as novas exigências impostas pelos frigoríficos, como ganho de escala, novos sistemas de iluminação e ventilação e salas para as matrizes melhor adaptadas, além da estratégia de trabalharem com integrados que ficaram dentro de um raio de abrangência mais próximo da empresa, o número de suinocultores teve uma queda considerável (GOULARTI FILHO, 2002, 994-995 p.).

5 COMÉRCIO EXTERIOR DAS MESORREGIÕES CATARINENSES

O objetivo deste capítulo é avaliar a evolução da estrutura das exportações e importações das mesorregiões catarinenses no período 2000-2010. A avaliação por mesorregiões busca situar o desempenho de comércio exterior em nível regional, com suas especificidades em termos de especialização produtiva.

Segundo Bandeira (2005, p.11) o nível das mesorregiões é uma escala territorial menos abrangente que a macrorregional, porém é mais propícia à articulação de atores sociais. Portanto, as mesorregiões são espaços de articulações de atores sociais, políticos e econômicos (BANDEIRA, 2005, p.14).

A importância da utilização das mesorregiões como unidade de descrição e análise do comércio exterior, dá-se pela busca de unidades com maior coesão interna, ou seja, maiores similaridades históricas, sociais, culturais e econômicas. Obviamente, as mesorregiões não são completamente homogêneas em seu interior, mas permitem o agrupamento de municípios semelhantes em alguns dos critérios mencionados acima, sendo, portanto, um espaço territorial que melhor forma uma unidade de análise.

O estado de Santa Catarina é dividido em seis mesorregiões, são elas: Grande Florianópolis, Norte Catarinense, Oeste Catarinense, Serrana, Sul Catarinense e Vale do Itajaí. Em anexo estão os municípios que integram cada mesorregião. Diante da impossibilidade da utilização dos dados de todos os municípios de cada mesorregião, foram escolhidos os municípios de maior importância econômica em cada mesorregião.

A mesorregião Grande Florianópolis é formada por 21 municípios. Foi utilizada como amostra para o conjunto da mesorregião Grande Florianópolis, os municípios que representaram 80% do PIB dessa mesorregião em 2009 e 75% da população de 2007. Tais municípios são: Biguaçu, Florianópolis, Palhoça, São João Batista, São José e Tijucas.

A mesorregião Norte Catarinense é formada por 26 municípios. A amostra utilizada contém 80% do PIB da mesorregião em 2009 e 75% da população em 2007. Os municípios mais importantes foram: Canoinhas, Corupá, Garuva, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Joinville, Mafra, Porto União, Rio Negrinho, São Bento do Sul e São Francisco do Sul.

A mesorregião Oeste Catarinense é formada por 118 municípios. Os municípios mais importantes foram utilizados como amostra na análise do comércio exterior, representando 50% da população dessa mesorregião em 2007 e 50% do PIB em 2009. Os municípios mais importantes foram Caçador, Chapecó, Concórdia, Fraiburgo, Joaçaba, São Miguel d'Oeste, Seara, Treze Tílias, Videira, Xanxerê e Xaxim.

A mesorregião Serrana é formada por 30 municípios. Os municípios mais importantes foram utilizados como amostra na análise do comércio exterior, representando 75% da população em 2007 e 80% do PIB em 2009. Os principais municípios foram Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campos Novos, Correia Pinto, Curitibanos, Lages, Otacílio Costa, São Joaquim, Urubici e Urupema.

A mesorregião Sul Catarinense é formada por 44 municípios. Os municípios mais importantes foram utilizados como amostra na análise do comércio exterior, são eles: Braço do Norte, Capivari de Baixo, Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Orleans, Sombrio, Tubarão, Turvo e Urussanga. Tais municípios somaram 80% do PIB em 2009 e 75% da população em 2007.

A mesorregião Vale do Itajaí é formada por 54 municípios. Os municípios mais importantes foram utilizados como amostra na análise do comércio exterior, são eles: Balneário Camboriú, Blumenau, Bombinhas, Botuverá, Brusque, Camboriú, Gaspar, Guabiruba, Ibirama, Indaial, Itajaí, Itapema, Ituporanga, Navegantes, Penha, Pomerode, Porto Belo, Rio do Sul, Rio dos Cedros e Timbó. Tais municípios somaram 80% do PIB em 2009 e 75% da população em 2007.

5.1 GRANDE FLORIANÓPOLIS

No período colonial, as atividades econômicas predominantes na região que hoje é a mesorregião Grande Florianópolis eram à pesca artesanal e ao cultivo de produtos de subsistência, com destaque para a cultura da mandioca e a fabricação da farinha (MATTEI, 2011, p.5).

Após a Segunda Guerra Mundial, a mesorregião sofreu um processo de urbanização, contribuindo para a melhoria dos serviços de infraestrutura, dos serviços administrativos do estado e da integração com as demais regiões. Estabeleceu-se a Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis e mais recentemente se expandiram as atividades vinculadas ao turismo, transformando a capital catarinense em um dos mais importantes polos turísticos do estado (MATTEI, 2011, p.5).

No setor primário, as atividades ligadas à agricultura se restringem ao cultivo de produtos alimentares básicos, com destaque para os hortifrutigranjeiros no município de Antônio Carlos. No setor secundário, as atividades industriais são de pequeno porte e se distribuem por vários setores (alimentar, têxtil e de confecções, minerais não- metálicos, calçados e embalagens de plásticos). Entretanto, as atividades dos setores de informática, automação industrial e telecomunicações tem crescido, principalmente na cidade de Florianópolis. (MATTEI, 2011, p.5).

O setor terciário é o mais importante para a economia da mesorregião Grande Florianópolis, devido à presença dos serviços vinculados ao setor do turismo, do serviço de educação (universitário), dos empreendimentos comerciais, da infraestrutura da administração pública estadual e pelo fato de Florianópolis ser uma das principais praças financeiras do estado. (MATTEI, 2011, p.5).

5.1.1 Comércio Exterior da Mesorregião Grande Florianópolis

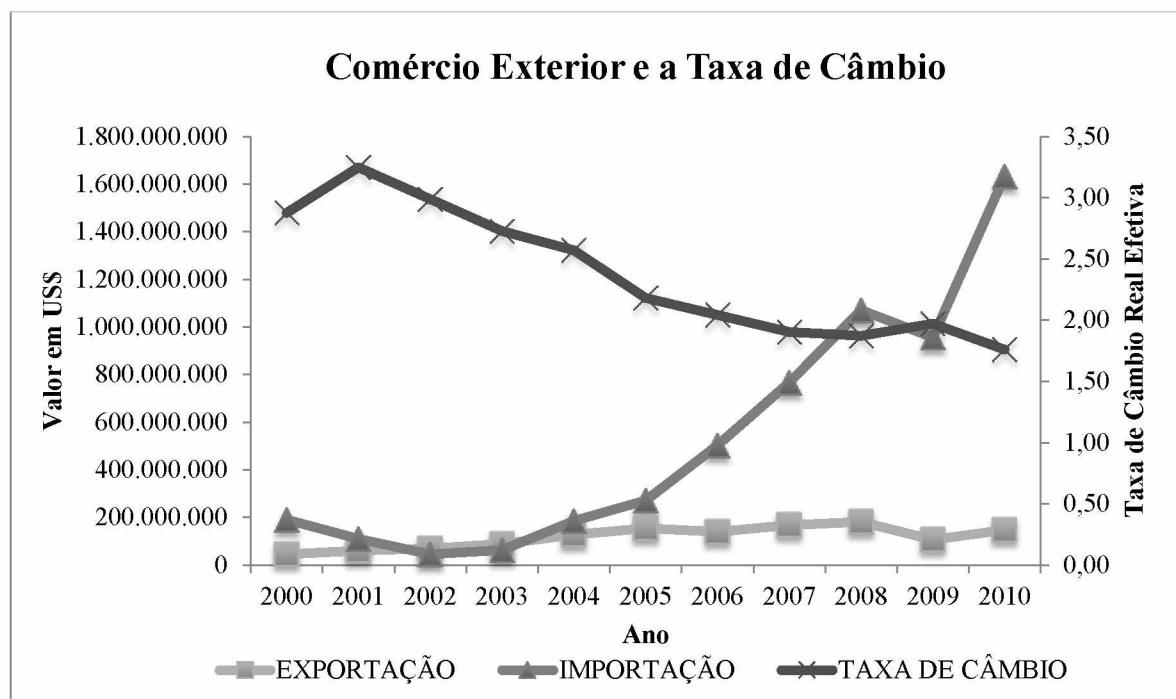
A análise do comércio exterior da mesorregião Grande Florianópolis tem como período os anos de 2000 a 2010. As exportações apresentam um crescimento médio no período de 15,94% frente a 41,48% de incremento médio das importações. Este dado nos mostra o perfil da mesorregião Grande Florianópolis, fortemente importador e com inúmeras dificuldades de expandir suas vendas externas.

Tabela 3: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Grande Florianópolis

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	147.566.225	1.632.219.819	-1.484.653.594	1.779.786.044
2009	105.099.615	955.521.477	-850.421.862	1.060.621.092
2008	181.488.076	1.069.612.708	-888.124.632	1.251.100.784
2007	166.909.775	765.861.864	-598.952.089	932.771.639
2006	139.619.313	502.418.777	-362.799.464	642.038.090
2005	154.147.261	270.784.636	-116.637.375	424.931.897
2004	127.578.088	184.468.778	-56.890.690	312.046.866
2003	88.695.096	63.110.259	25.584.837	151.805.355
2002	69.556.601	45.523.690	24.032.911	115.080.291
2001	59.992.475	109.732.794	-49.740.319	169.725.269
2000	44.751.541	189.801.684	-145.050.143	234.553.225

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 1: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA¹ e do Aliceweb2/MDIC

Nos primeiros seis anos do período estudado, as exportações cresceram 244,45%, alcançando a soma de 154 milhões de US\$. Porém, o saldo comercial permaneceu positivo apenas em 2002 e 2003, voltando a se tornar negativo a partir de 2004, quando as importações iniciaram um acentuado processo de expansão, principalmente em função da apreciação cambial.

Os últimos cinco anos do período estudado foram desfavoráveis às exportações da mesorregião Grande Florianópolis, principalmente no ano de 2009, refletindo a queda da demanda mundial, ocasionada pela crise econômica internacional. A queda no valor exportado de 2008 para 2009 foi de 74 milhões de US\$, não sendo recuperada no ano de 2010, no qual as exportações não alcançaram o valor ocorrido em 2005.

As dificuldades encontradas para alavancar as exportações também foram causadas pela apreciação da taxa de câmbio no período estudo. Ocorreram sucessivas valorizações da

¹ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

moeda nacional, diminuindo a competitividade das exportações da mesorregião Grande Florianópolis. A partir de 2006, a taxa de câmbio iniciou seu processo mais acentuado de apreciação, atingindo 1,75 reais por dólar em 2010, impactando negativamente o desempenho das vendas ao exterior da mesorregião em questão.

Em relação às importações, em três anos houve queda no valor importado, 2001 (-42,19%), 2002 (-58,51%) e 2009 (-10,67%). Nos demais anos, as importações cresceram de forma acelerada, principalmente após 2005, período marcado pela apreciação do real, refletindo em um incremento de 224,87% de 2006 a 2010, ou seja, 1,1 bilhão de US\$ de importações.

Diante do cenário exposto, o saldo comercial permaneceu crescentemente negativo, sendo que em 2010 foram 1,4 bilhão de US\$ a mais de importações em relação às exportações. A tendência de ampliação do déficit comercial não sofreu atenuação após a crise econômica internacional, pelo contrário, ampliou-se em função continuidade da política cambial.

Em relação a corrente de comércio, observa-se uma ampliação da importância do comércio exterior na mesorregião Grande Florianópolis, porém, como já foi explicitado, são as importações que promovem a maior influência das trocas comerciais internacionais na economia da mesorregião.

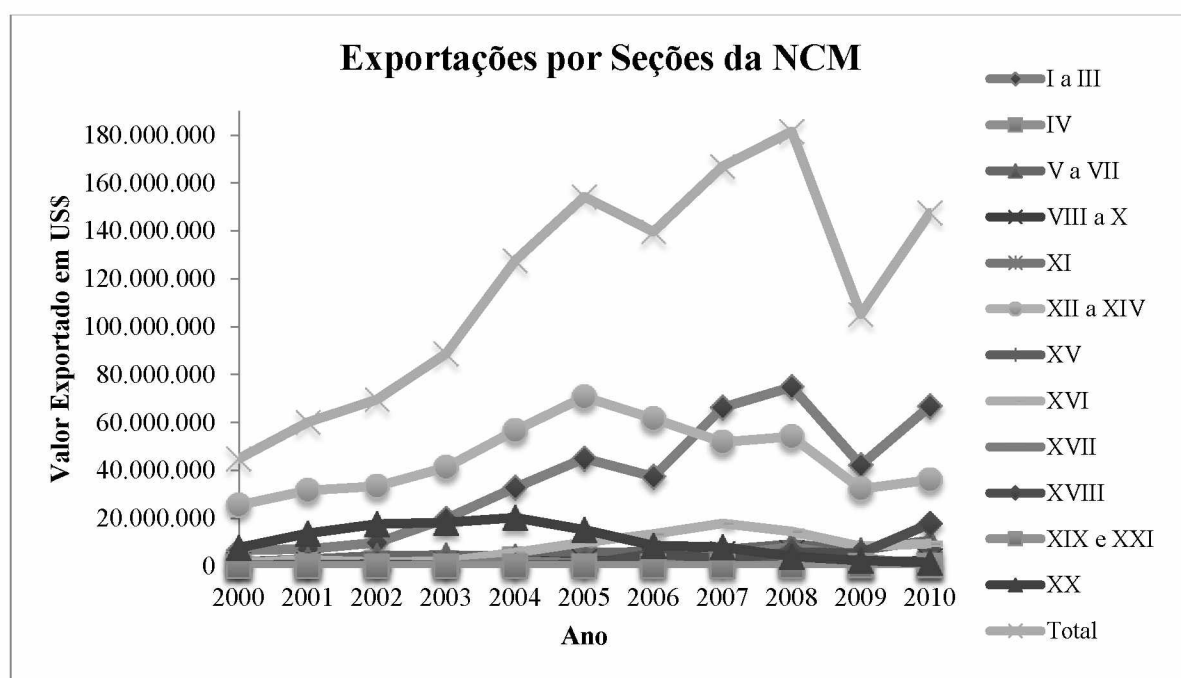
5.1.2 Exportações da Mesorregião Grande Florianópolis

As exportações da mesorregião Grande Florianópolis se concentram nas seções I a III, XII a XIV e XX da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Nas seções I a III estão agrupados os capítulos SH2 01 ao 15, que possuem como itens animais vivos e produtos do reino animal, vegetal, gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais. Nas seções XII a XIV estão reunidos os capítulos SH2 64 ao 71, que tem como produtos calçados, chapéus, guarda-

chuvas, obras de cabelo, de pedra e outros, produtos cerâmicos, vidro e suas obras, pedras preciosas e semelhantes, metais preciosos. Na seção XX estão agrupadas mercadorias e produtos diversos incluídos nos capítulos SH2 94 ao 96.

As seções XII a XIV representaram grande parte das exportações da mesorregião Grande Florianópolis até 2005, chegando a 45,82% do total exportado naquele ano. A partir de 2007, as seções I a III, que já estavam em crescimento desde 2002, assumiram grande importância na determinação do comportamento das exportações, tanto que em 2010 representavam 45,22% do total exportado. Paralelamente, a seção XX perdeu importância no decorrer dos 11 anos estudados, caindo de 17,18% do total exportado em 2000 para 1,01% em 2010.

Figura 2: Exportações da Mesorregião Grande Florianópolis por Seções da NCM



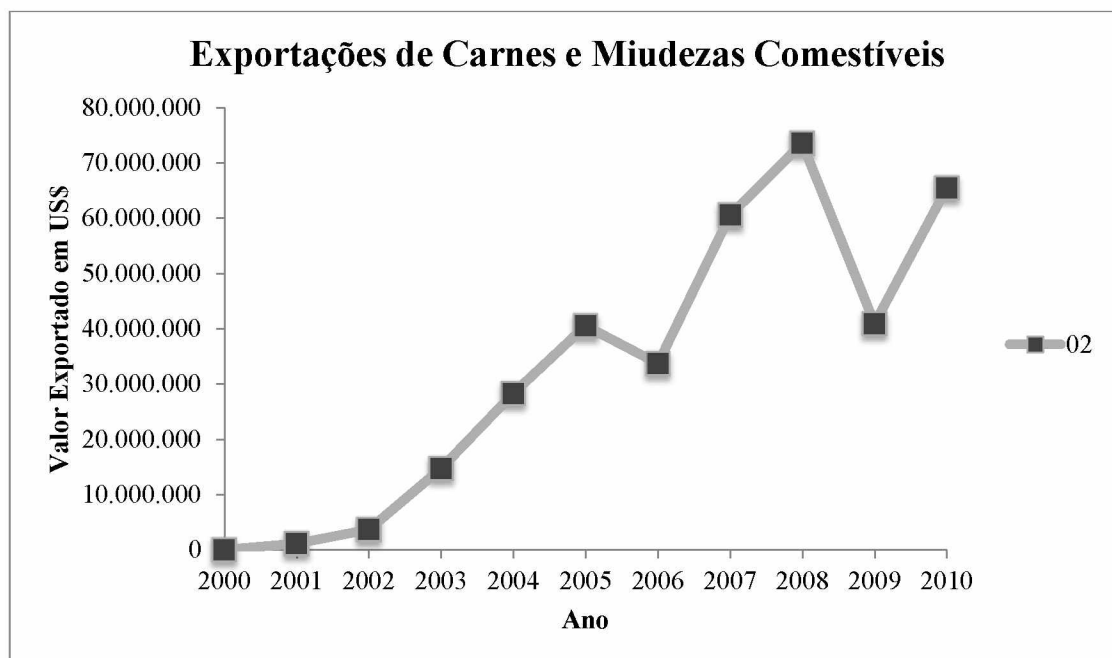
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações das seções I a III cresceram quase dez vezes nos 11 anos estudados, saindo de 6,5 milhões de US\$ em 2000 para 66 milhões de US\$ em 2010. Apenas em dois anos houve queda no valor exportado por essas seções, em 2006 e 2009. Nesse último ano, a retração das exportações foi de 43,69% em relação ao ano anterior, ou seja, diminuição de 32

milhões de US\$. Em 2010, as vendas ao exterior se recuperaram, porém não foi possível retornar ao valor pré-crise.

A partir dos dados disponibilizados pelo banco de dados Aliceweb 2 do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), infere-se que o capítulo SH2 02 foi o determinante do desempenho das exportações das seções I a III. No capítulo SH2 02 estão agrupadas carnes e miudezas comestíveis.

Figura 3: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de carnes e miudezas comestíveis foram insignificantes no início do período estudado, crescendo de forma moderada até 2002, quando sofreu acentuada elevação. A partir de 2003, as exportações desse capítulo cresceram 344,70%, saindo de 14 milhões de US\$ para atingir 65 milhões de US\$ em 2010. Apenas em 2009, houve queda significativa, na ordem de 44%.

A participação anual das carnes e miudezas comestíveis nas exportações das seções I a III se situou na ordem de 90% a partir de 2005, sendo facilmente identificada a correlação

entre o desempenho do capítulo SH2 02 e das seções I a III, evidenciando a importância das exportações de carnes e miudezas comestíveis para as exportações da mesorregião Grande Florianópolis.

Os produtos que contribuíram para o desempenho das exportações de carnes e miudezas comestíveis são pertencentes às posições SH4 0207 e 0210. O crescimento das vendas para o exterior de carnes de aves (posição SH4 0207) se tornou robusto e acentuado a partir do ano de 2002, alcançando no ano seguinte um valor exportado quatorze vezes maior do que o do ano de 2001. As taxas de crescimento foram negativas apenas em dois anos, 2006 e 2009. Em 2006, a queda se deveu a retração de importantes mercados consumidores da Europa e da Ásia, devido aos focos da gripe aviária em países dos dois continentes. O setor também enfrentou uma conjuntura desfavorável no câmbio, o que reduziu a rentabilidade das empresas exportadoras (ABEF, 2006, p.10).

Durante os demais anos, o crescimento das exportações de carnes de aves foi acelerado, aumento em 104,51% o valor exportado em 2010 comparativamente a 2009, atingindo 51 milhões de US\$. Em 2009, o setor exportador de carne de frango foi impactado pela retração da economia mundial, em função da crise financeira internacional, pela redução de preços e de encomendas de clientes importantes como Rússia, Japão e Venezuela e pela valorização do real frente ao dólar americano (ABEF, 2009, p.10).

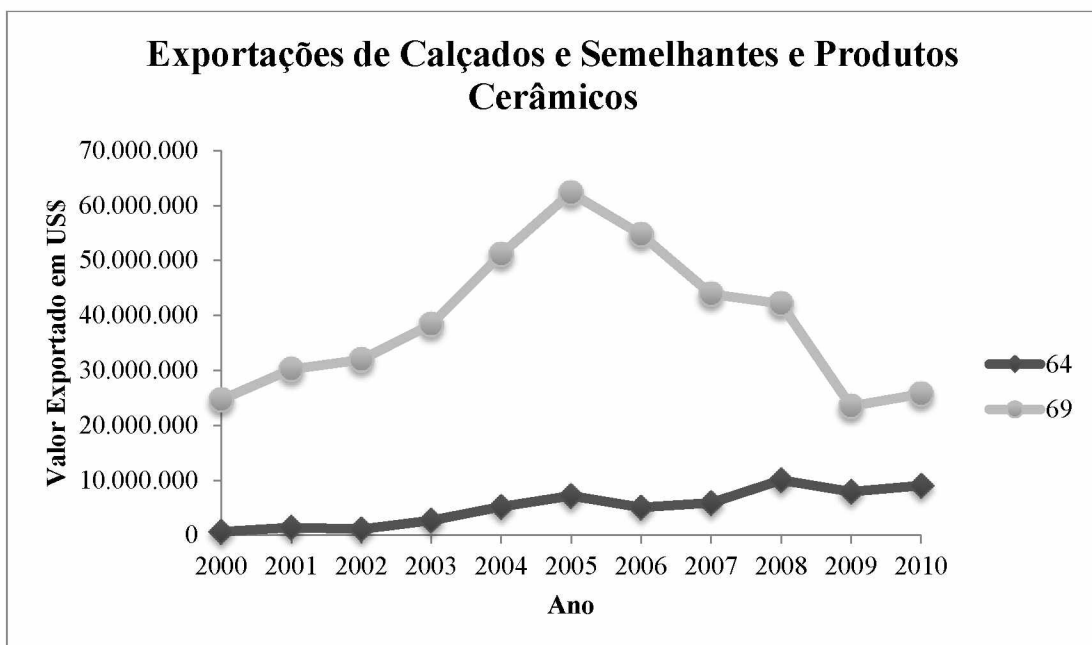
As exportações de carnes salgadas, secas ou defumadas (posição SH4 0210) cresceram moderadamente durante os 11 anos estudados. Suas exportações eram irrelevantes até 2006, crescendo enormemente em 2007 (1241,3%) e mantendo-se em elevação no ano seguinte. Porém, com a crise econômica internacional, a posição SH4 0210 sofreu duas quedas sucessivas em taxas crescentes, caindo mais de 17% em 2010 em relação a 2008.

Em relação às exportações das seções XII a XIV, houve expansão de 41,72% de 2000 a 2010, saindo de 25 milhões de US\$ para 35 milhões de US\$. Até o ano de 2005, as vendas para o exterior de produtos pertencentes às seções XII a XIV cresceram consideravelmente, atingindo naquele ano a cifra de 70 milhões de US\$. Nos últimos cinco anos, as exportações recuaram 49,13% frente a 2005, evidenciando a tendência de retração das exportações dos produtos das seções XII a XIV, em função da apreciação da taxa de câmbio.

Analisando o gráfico abaixo, fica explícito que os capítulos que se sobressaem nas seções XII a XIV são os capítulos 64 e o 69, que são, respectivamente, calçados, polainas e

artefatos semelhantes e produtos cerâmicos. Os capítulos SH2 64 e 69 corresponderam a mais de 95% do total exportado nas seções XII a XIV de 2000 até 2010, apesar da queda de cerca de três pontos percentuais registrada de 2000 (99,70%) a 2010 (96,53%). Mesmo assim, percebe-se claramente a influência que esses capítulos exerceram nas exportações totais das seções, principalmente o capítulo SH2 69.

Figura 4: Exportações de Calçados e Semelhantes (Capítulo SH2 64) e de Produtos Cerâmicos (Capítulo SH2 69)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Em relação aos produtos cerâmicos (capítulo SH2 69), observa-se que apesar de ser um capítulo importante para as exportações da mesorregião, vem sofrendo quedas no valor exportado desde 2006, com alguma recuperação em 2010. Todavia, a diferença no valor exportado de 2000 para 2010 é muito pequena com crescimento de apenas 4,13%, mostrando as dificuldades encontradas por esse setor para exportar. Os seis primeiros anos foram de crescimento contínuo, alcançando mais de 60 milhões de US\$ em exportações, reduzidas para o ano de 2010 em 25 milhões de US\$.

Os produtos mais determinantes no comportamento das exportações de produtos cerâmicos são pertencentes às posições SH4 6907 e 6908, que agrupam ladrilhos e placas não vidrados e esmaltados e ladrilhos e placas vidrados e esmaltado, respectivamente.

Os ladrilhos e placas não vidrados ou esmaltados (posição SH4 6907) são produtos de menor valor agregado em comparação a posição SH4 6908. De 2002 até 2006, as exportações de ladrilhos e placas não vidrados ou esmaltados apresentaram taxas de crescimento positivas, porém decrescentes a partir de 2003, sendo revertidas para taxas negativas de 2007 em diante, estabilizando-se em 2010 na casa de 7,8 milhões de US\$ exportados. Por serem produtos de menor valor agregado, a competição se dá via preços e diante do cenário de apreciação da moeda nacional, houve perda de competitividade desses produtos.

As exportações dos ladrilhos e placas vidrados e esmaltados (posição SH4 6908) sofreram grande diminuição no valor exportado de 2000 a 2010 de aproximadamente 27,64%. Nos primeiros seis anos, esses produtos cerâmicos apresentaram crescimento contínuo, chegando a atingir quase 50 milhões de US\$ em 2005, 2,7 vezes mais do que em 2010, explicitando o período difícil que o setor cerâmico vem enfrentando atualmente. Nos anos mais recentes, as exportações de produtos cerâmicos enfrentam muita concorrência externa e perda de competitividade, resultando na queda já explicitada. Todavia, vê-se pequena recuperação no ano de 2010.

Os produtos cerâmicos perderam competitividade externa devido ao aprofundamento da apreciação do real, que tornou seus produtos mais caros frente a concorrentes que encontram condições mais favoráveis à exportação em seus países de origem. A política cambial adotada durante o período estudado e principalmente de 2006 em diante é incompatível com a exportação de bens industriais, que sofrem naturalmente com muita competição externa. Foram principalmente as exportações de *commodities* agrícolas pelo Brasil que causaram essa valorização da moeda doméstica, afetando negativamente as vendas ao exterior feitas pela indústria.

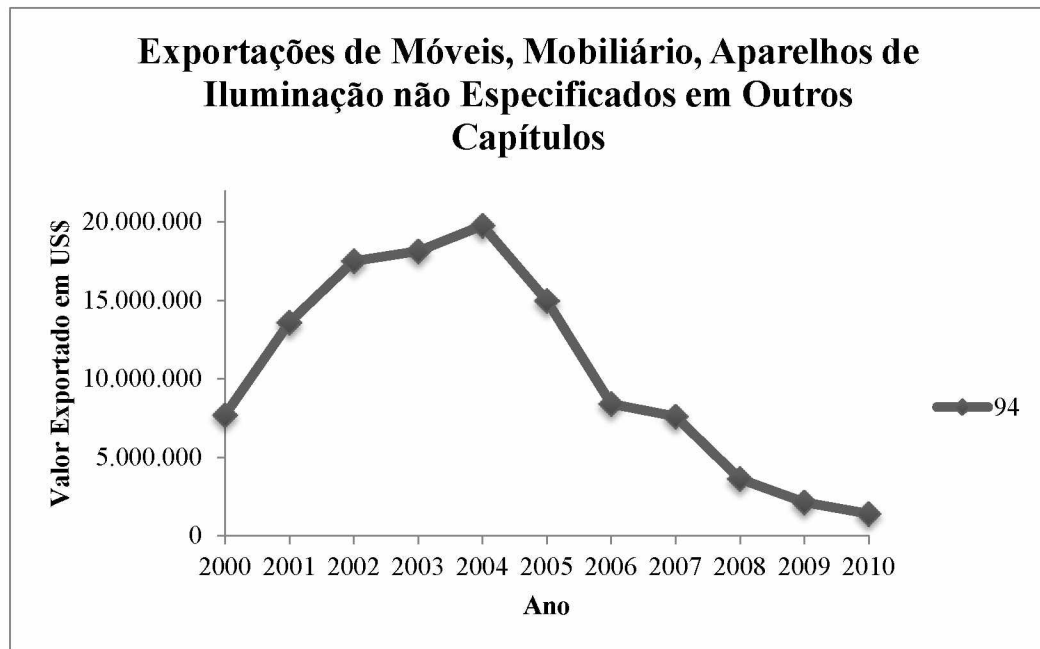
Os produtos como calçados, polainas e outros, que integram o capítulo SH2 64, apresentaram apenas dois anos de diminuição do volume exportado, 2006 e 2009. Entretanto, os demais anos foram favoráveis, mesmo que em 2010 o valor exportado não tenha alcançado o de 2008. De 2000 a 2010, o valor exportado de calçados, polainas e outros saltou de um pouco mais de 0,5 milhão de US\$ para nove milhões de US\$, crescendo 1311,44%. O

município responsável por essas exportações é São João Batista, já conhecido pela produção de calçados.

As exportações da seção XX sofreram retração de 80,67%, saindo de sete milhões de US\$ em 2000 para 1,4 milhão de US\$ em 2010. Até 2004, as exportações cresceram consideravelmente, atingindo 20 milhões de US\$ em valor exportado. Entretanto, nos últimos seis anos, seguiram-se quedas sucessivas, que conduziram a perda de importância da seção XX para a mesorregião Grande Florianópolis.

Na seção XX, o capítulo SH2 mais relevante para o entendimento das exportações da seção em questão é o capítulo SH2 94 (móveis, mobiliário, aparelhos de iluminação não especificados em outros capítulos). Nos primeiros cinco anos, as vendas de móveis, mobiliário, aparelhos de iluminação não especificados em outros capítulos cresceram 157,63%, alcançando quase 20 milhões de US\$ em 2004. A partir desse ano, o valor exportado caiu bruscamente, tornando-se insignificante em 2010, alcançando a soma irrisória de 1,4 milhão de US\$ contra os mais de 7,5 milhões de US\$ do início do período. Vê-se mais uma vez, o impacto que a apreciação da taxa de câmbio causou as exportações da mesorregião Grande Florianópolis. Móveis, mobiliário, aparelhos de iluminação não especificados em outros capítulos.

Figura 5: Exportações de Móveis, Mobiliário, Aparelhos de Iluminação não Especificados em Outros Capítulos (Capítulo SH2 94)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

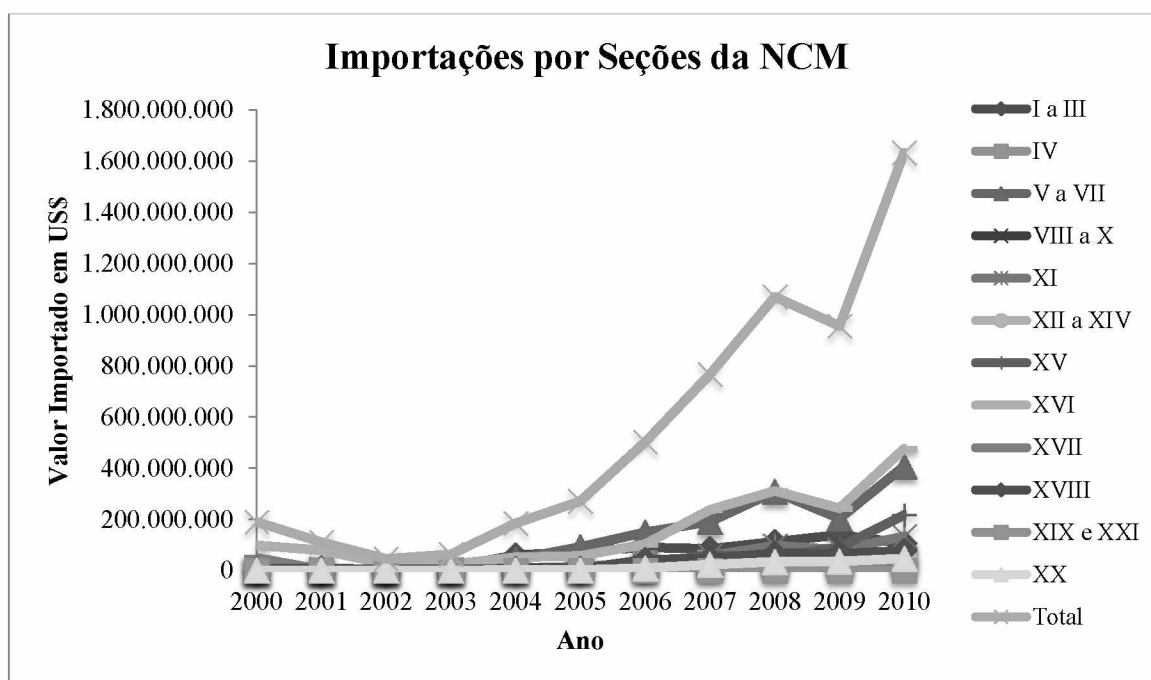
A queda nas exportações de móveis, mobiliário, aparelhos de iluminação não especificados em outros capítulos se deve ao comportamento das exportações da posição SH4 9403 (outros móveis e suas partes), que sofreu uma retração de 92,47% durante os anos estudados, saindo de seis milhões de US\$ em 2000 para 484 mil US\$ em 2010. Nos quatro primeiros anos, as exportações cresceram 135,15%, atingindo 15 milhões de US\$ em 2003. Nos demais anos, ocorreram sucessivas quedas, que resultaram na irrelevância que as exportações dessa posição tem nas exportações totais da mesorregião Grande Florianópolis.

5.1.3 Importações da Mesorregião Grande Florianópolis

As importações da mesorregião Grande Florianópolis no período de 2000 a 2010 concentraram-se nas seções V a VII e XVI. As seções V a VII agrupam os capítulos SH2 25 ao 40, nos quais estão incluídos produtos minerais, das indústrias químicas, plásticos e suas obras, borracha e suas obras. Por fim, a seção XVI, que possui os capítulos SH2 84 e 85, que agrupam máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos.

As seções evidenciadas representaram mais de 50% do total importado pela mesorregião Grande Florianópolis durante os anos estudados. As seções V a VII iniciaram o período de crescimento após 2003. A seção XVI cresceu no período 383,99%, explicitando a importância das importações de aparelhos e máquinas eletrônicas e mecânicas.

Figura 6: Importações da Mesorregião Grande Florianópolis por Seções da NCM

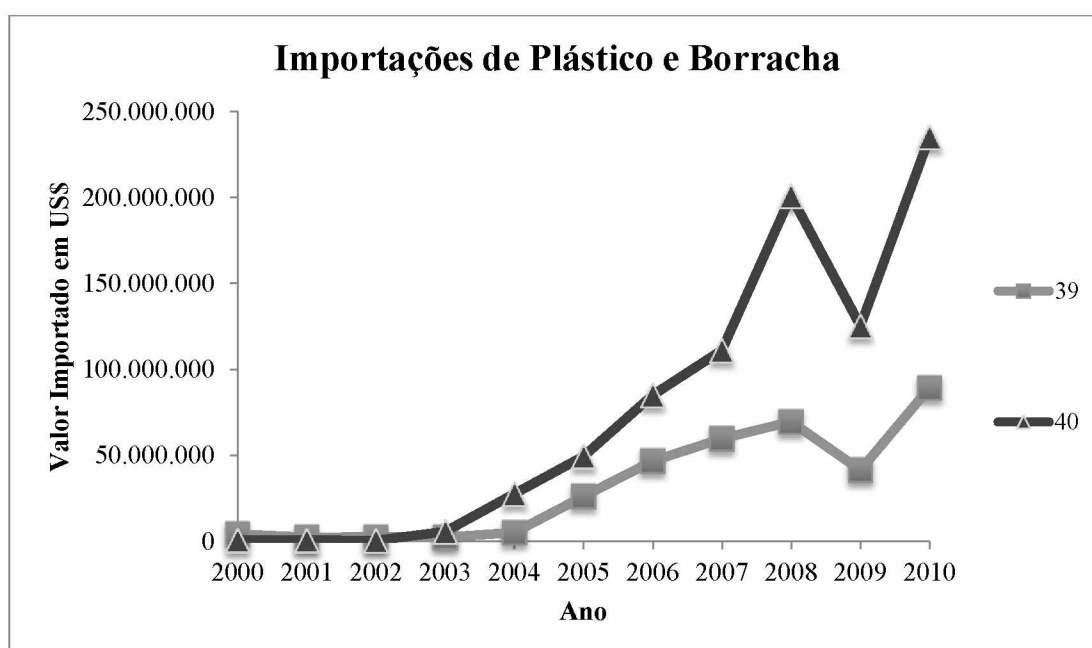


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções V a VII cresceram quase 50 vezes de 2000 a 2010, saindo de oito milhões de US\$ no ano inicial para 406 milhões de US\$ em 2010. Entretanto, nos

quatro anos iniciais, houve retração no valor importado na ordem de três milhões de US\$, o que significa uma queda de 33,21% de 2000 a 2003. Nos demais anos, seguiram-se sucessivos anos de incremento nas importações das seções V a VII, com exceção de 2009, quando ocorreu a queda de 33,99% do valor importado em relação ao ano anterior. Nessas seções se sobressaem os capítulos SH2 39 e 40, que tratam de plástico e suas obras e borracha e suas obras, respectivamente.

Figura 7: Importações de Plástico (Capítulo SH2 39) e de Borracha (Capítulo SH2 40)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de plástico e suas obras tiveram seu período de maior crescimento entre 2005 e 2008, período de contínua apreciação da moeda nacional, quando alcançou 69 milhões de US\$. Entretanto, nos quatro primeiros anos, as importações de plástico caíram 47,42%, atingindo a ínfima soma de dois milhões de US\$ em 2003. No ano da crise econômica internacional, as importações de plástico e suas obras voltaram a cair 40,46%, ou seja, em torno de 28 milhões de US\$.

As importações de borracha e suas obras cresceram 44 vezes em 11 anos. No primeiro triênio, as importações de borracha e suas obras caíram 18,53%, atingindo apenas 400 mil US\$ em 2002. De 2003 a 2010, as importações de borracha cresceram vertiginosamente,

alcançando 235 milhões de US\$ em 2010, reflexo da política cambial adotada no período, mesmo com a queda de 37,69% verificada em 2009. Os produtos que explicam o desempenho das importações do capítulo SH2 que trata da borracha e suas obras são as borrachas naturais (posição SH4 4001), borrachas sintéticas (posição SH4 4002) e pneumáticos novos.

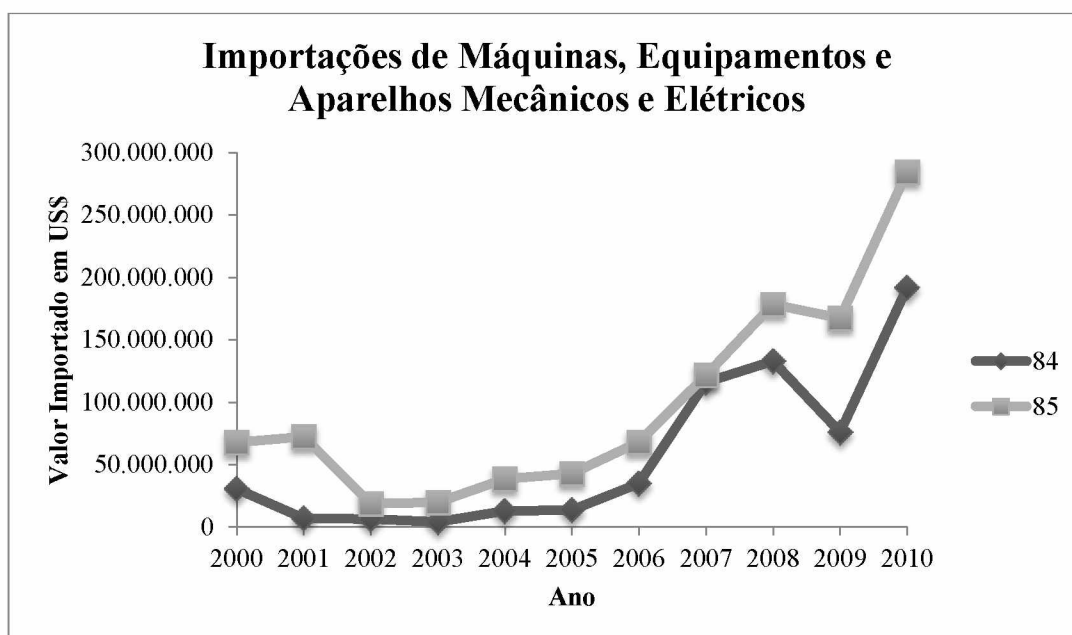
Até o ano de 2003, não havia importação de borracha natural pela mesorregião Grande Florianópolis, ocorrendo um salto de mais de 10 milhões de US\$ no ano seguinte. A partir de 2004, a importação de borracha natural cresceu enormemente, atingindo 86 milhões de US\$, crescimento de 753,35% de 2004 para 2010.

As importações de borrachas sintéticas e artificiais seguiram a tendência da borracha natural, crescendo a partir de 2004, só que de forma mais lenta, não chegando a alcançar 50 milhões de US\$ em 2010. Mesmo assim, observando que nem as borrachas sintéticas nem as naturais eram importadas antes de 2004, é expressivo o crescimento tão rápido das importações desses produtos.

A importação de pneumáticos novos de borracha cresceu abruptamente de 2003 até 2008, saindo de quatro milhões de US\$ e chegando a 100 milhões US\$. Entretanto, nos anos de 2005 e 2006, os valores importados despencaram, recuperando-se no ano seguinte. Durante a crise econômica internacional, as importações caíram 54,70%, recuperando-se em 2010, mas não alcançando o nível do ano imediatamente anterior à crise.

As importações da seção XVI cresceram 383,99% de 2000 a 2010. Os primeiros quatro anos foram de retração no valor importado na ordem de 75,89%, que representa uma queda de 74 milhões de US\$. Os demais anos foram de crescimento acelerado e contínuo, só interrompido em 2009, quando ocorreu uma diminuição de 21,90% no valor importado.

Figura 8: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Os primeiros cinco anos da série em estudo foram de queda contínua das importações de máquinas, equipamentos e aparelhos mecânicos, na ordem de 86,82%, significando um decréscimo de 26 milhões de US\$ em quatro anos. Após 2004, as importações desse capítulo cresceram em ritmo acelerado, alcançando mais de 190 milhões de US\$ importados em 2010, refletindo o período propício à importação, em função da taxa de câmbio e também pela política fiscal do estado de Santa Catarina.

A posição SH4 8415 possui como produtos os aparelhos de ar condicionado. Até o ano de 2005, eram poucas as importações desses produtos, porém nos últimos anos novas marcas entraram no mercado catarinense e, conseqüentemente, as importações dos aparelhos de ar condicionado cresceram aceleradamente, principalmente em 2010, atingindo 90 milhões de US\$, crescimento de 373,75% em relação ao ano anterior.

O capítulo SH2 85 representou a maior parte das importações da seção XVI, com uma média de 70,12% do total de 2000 a 2010. As máquinas e equipamentos elétricos e eletrônicos se expandiram mais fortemente a partir de 2004, retrocedendo em menos de 11 milhões de US\$ em 2009, alcançando a cifra de mais de 280 milhões de US\$ importados em 2010, com

um crescimento de 319,45% durante todo o período. Destacam-se como produtos determinantes na importação de máquinas, equipamentos e aparelhos elétricos, os aparelhos para telefonia e telegrafia e outras máquinas e aparelhos elétricos.

A posição SH4 8517 inclui os aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia e outros. Nos primeiros anos, houve variação entre crescimento e encolhimento das importações desse capítulo. Contudo, após 2005, as importações cresceram 627,55%, atingindo 105 milhões de US\$ em 2010. Empresas do setor de telefonia atuam na mesorregião Grande Florianópolis, sendo, portanto, compreensível o aumento das importações desses aparelhos diante da apreciação da moeda doméstica.

A posição SH4 8543 compreende máquinas e aparelhos elétricos não compreendidos em outras posições do capítulo SH2 85. Esses produtos eram os mais importantes do capítulo SH2 85 em 2000 com mais de 30 milhões de US\$ em importações, atualmente perderam a importância se comparados a outros produtos, atingindo em 2010 pouco mais de 28 milhões de US\$, queda de 6,59% em 11 anos.

5.2 NORTE CATARINENSE

A mesorregião Norte pode ser dividida em Planalto Norte e Litoral. Na parte do Planalto Norte, as principais cidades são Mafra, Canoinhas, Porto União, Rio Negrinho e São Bento do Sul. Essa região começou a se destacar a partir do pós Segunda Guerra Mundial, quando o setor madeireiro se expandiu, devido aos recursos naturais favoráveis (MATTEI, 2011, p.6).

No setor primário se destacam as culturas do milho, do feijão, do fumo, da soja e da batata e as criações de frangos e suínos, possuindo certo destaque estadual (MATTEI, 2011, p.6). A principal atividade econômica é a fabricação de móveis, segundo Mattei (2011, p. 7) “com um parque industrial composto por pequenas e médias empresas, sendo que a região é responsável atualmente por 25% das exportações brasileiras do setor moveleiro”.

No setor terciário, as principais atividades estão relacionadas ao ramo do comércio, porém sem grandes centros dinamizadores dessa atividade (MATTEI, 2011, p.7).

A parte Litoral da mesorregião Norte Catarinense tem Joinville como a principal cidade. A chegada dos imigrantes na segunda metade do século XIX é que impulsionou o desenvolvimento da região (MATTEI, 2011, p.7).

No início da colonização a economia regional era de subsistência básica, com geração de excedentes para comercialização local. As Principais atividades eram o mate e a madeira, cuja exploração é mais intensificada a partir das primeiras décadas do século XX. Registre-se a importância da construção da estrada Dona Francisca, iniciada em 1858 e que ligava Joinville ao Planalto Norte e a Curitiba, especialmente para o caso do transporte da erva mate. (MATTEI, 2011, p.7).

A partir das atividades madeireiras e ervateiras surgem atividades complementares, que estão na base da industrialização, processo impulsionado com a chegada de novos imigrantes da Alemanha e com a instalação da indústria têxtil e metal-mecânica. Posteriormente, ampliou-se o parque industrial, com destaque para a instalação de empresas de motores elétricos, de refrigeradores, etc., tornando o polo industrial o mais dinâmico do estado (MATTEI, 2011, p.7).

O setor primário é pouco expressivo, tendo como principais produtos o arroz, a banana, a mandioca, a criação de frangos e a bovinocultura de leite, sendo no município de São Francisco do Sul a localização do principal porto exportador de grãos do estado (MATTEI, 2011, p.8).

O setor secundário se encontra extremamente diversificado e com altos índices de competitividade em diversos setores (MATTEI, 2011, p.8). No setor terciário vem ampliando sua importância nas últimas décadas. Neste sentido, destacam-se o comércio e os serviços financeiros, que juntamente com o secundário corresponde a mais de 94% da renda regional (MATTEI, 2011, p.8).

5.2.1 Comércio Exterior da Mesorregião Norte Catarinense

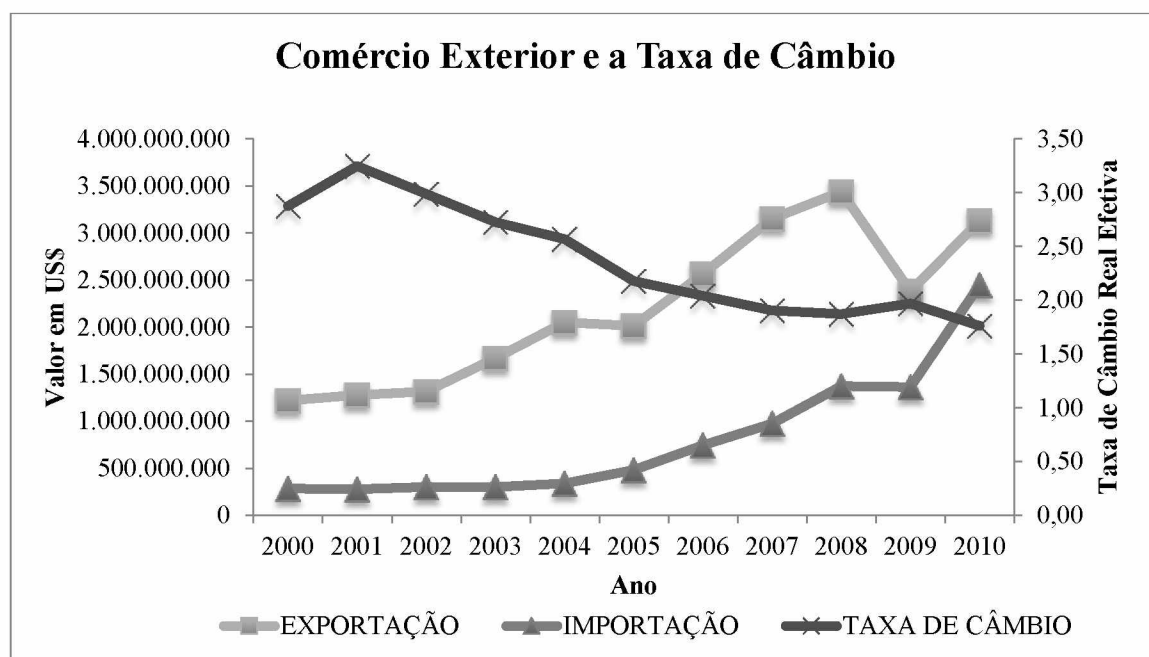
A análise do comércio exterior da mesorregião Norte Catarinense tem como período de estudo os anos de 2000 a 2010, buscando evidenciar os períodos de aceleração e arrefecimento das trocas comerciais com o exterior, tornando explícitos os perfis das exportações e importações dessa mesorregião.

Tabela 4: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Norte Catarinense

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	3.127.714.521	2.448.677.102	679.037.419	5.576.391.623
2009	2.378.392.770	1.362.146.198	1.016.246.572	3.740.538.968
2008	3.436.683.328	1.372.874.283	2.063.809.045	4.809.557.611
2007	3.153.932.231	974.560.312	2.179.371.919	4.128.492.543
2006	2.564.772.452	742.993.441	1.821.779.011	3.307.765.893
2005	2.011.915.561	479.512.051	1.532.403.510	2.491.427.612
2004	2.050.155.771	336.156.523	1.713.999.248	2.386.312.294
2003	1.667.841.722	301.736.528	1.366.105.194	1.969.578.250
2002	1.314.110.599	298.909.727	1.015.200.872	1.613.020.326
2001	1.277.689.393	275.246.357	1.002.443.036	1.552.935.750
2000	1.218.345.949	282.997.272	935.348.677	1.501.343.221

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 9: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEA e Aliceweb2/MDIC

As exportações da mesorregião Norte Catarinense apresentaram um crescimento médio entre 2003 e 2008 de 17,90%, frente a 30,33% das importações. Quando se utilizam todos os 11 anos, o crescimento anual médio das exportações se situa em 11,58%, contra 26,68% das importações. Estes dados nos mostram que a mesorregião Norte Catarinense é uma região fortemente exportadora, tornando-se preocupante o avanço das importações no ano de 2010.

Nos primeiros seis anos do período estudado, as exportações cresceram 65,13%, alcançando a soma de dois bilhões de US\$. De 2006 a 2010, o crescimento das exportações foi menor, em torno de 22%, em função dos efeitos da crise econômica internacional sobre a demanda mundial. As exportações da mesorregião Norte Catarinense atingiram o montante de 3,1 bilhões de US\$ em 2010, inferior ao ano de 2008, explicitando as dificuldades para exportar após o período de ápice da crise.

Em relação às importações, em apenas dois anos ocorreram diminuições do valor importado, em 2001 (-2,74%) e em 2009 (-0,78%), os demais anos foram de franca expansão. De 2000 a 2005, as importações cresceram em um ritmo semelhante ao das exportações, com

incremento de 69,44%, atingindo a pequena soma de 479 milhões de US\$. Nos últimos anos, as importações cresceram de forma acelerada, alcançando no período de 2006 a 2010 um incremento de 229,57%, sendo reflexo da apreciação da taxa de câmbio e da política tributária estadual.

Diante do comportamento das exportações e importações exposto, o saldo comercial permaneceu crescentemente positivo até 2007, atingindo 2,1 bilhões de US\$. Contudo, de 2008 a 2010, o saldo comercial diminuiu acentuadamente, até atingir a ínfima soma de 680 milhões de US\$, valor este inferior em 300 milhões de US\$ ao saldo do ano 2000. O comportamento do saldo comercial se deve a grande elevação das importações a partir de 2006, que se intensificou em 2010, reflexo de fatores citados no parágrafo anterior.

Em relação a corrente de comércio, observa-se uma ampliação das trocas comerciais com o resto do mundo na mesorregião Norte Catarinense, porém são as importações as responsáveis pela ampliação recente da corrente de comércio, enquanto que até 2007 eram as exportações que cumpriam essa tarefa.

5.2.2 Exportações da Mesorregião Norte Catarinense

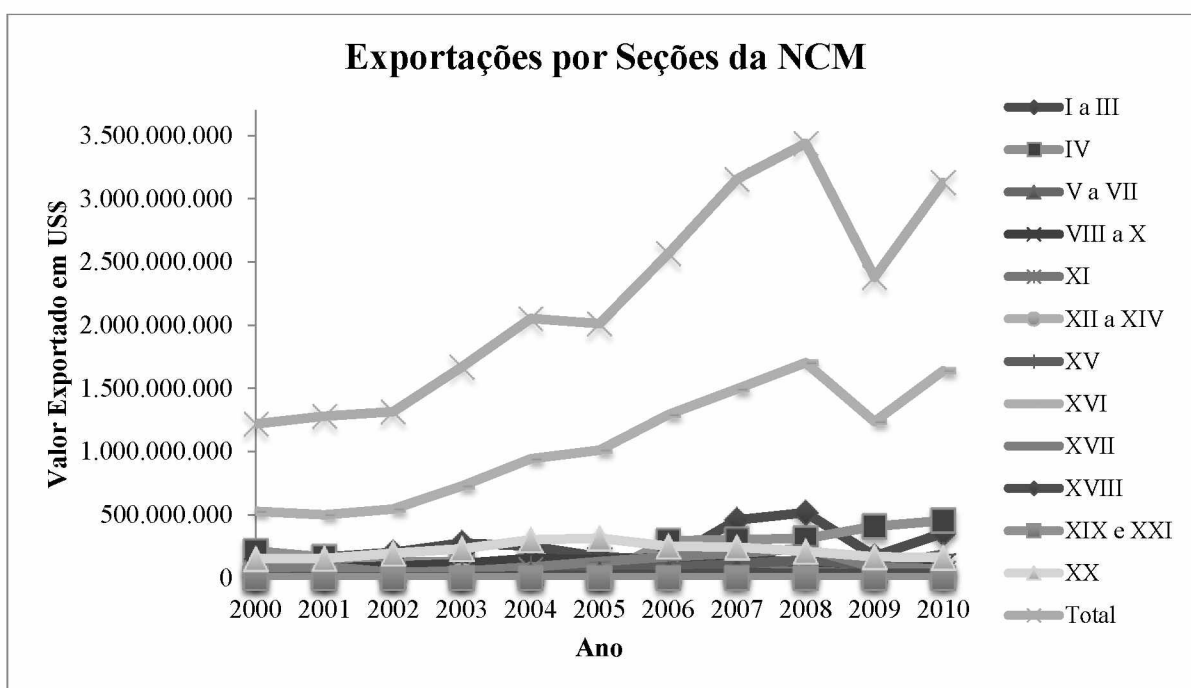
As exportações da mesorregião Norte Catarinense se concentram nas seções I a III, IV e XVI da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM). Elas são apresentadas abaixo, juntamente com suas descrições e capítulos SH2.

- Seção I a III (cap. 1 ao 15) - animais vivos e produtos do reino animal, produtos do reino vegetal, gorduras e óleos animais ou vegetais, produtos da sua dissociação, gorduras alimentares elaboradas, ceras de origem animal ou vegetal;
- Seção IV (cap. 16 ao 24) - produtos das indústrias alimentares, bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres, tabaco e seus sucedâneos manufaturados;

- Seção XVI (cap. 84 e 85) – máquinas, aparelhos, equipamentos elétricos e suas partes, aparelhos de gravação/reprodução de som/imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.

A seção XVI representou grande parte das exportações da mesorregião Norte Catarinense durante o período estudado, com média de participação de 46,79%, atingindo 1,7 bilhão de US\$ em 2008. A partir de 2007, as seções I a III e IV se mostraram relevantes, representando juntas 25,80% do total exportado.

Figura 10: Exportações da Mesorregião Norte Catarinense por Seções da NCM

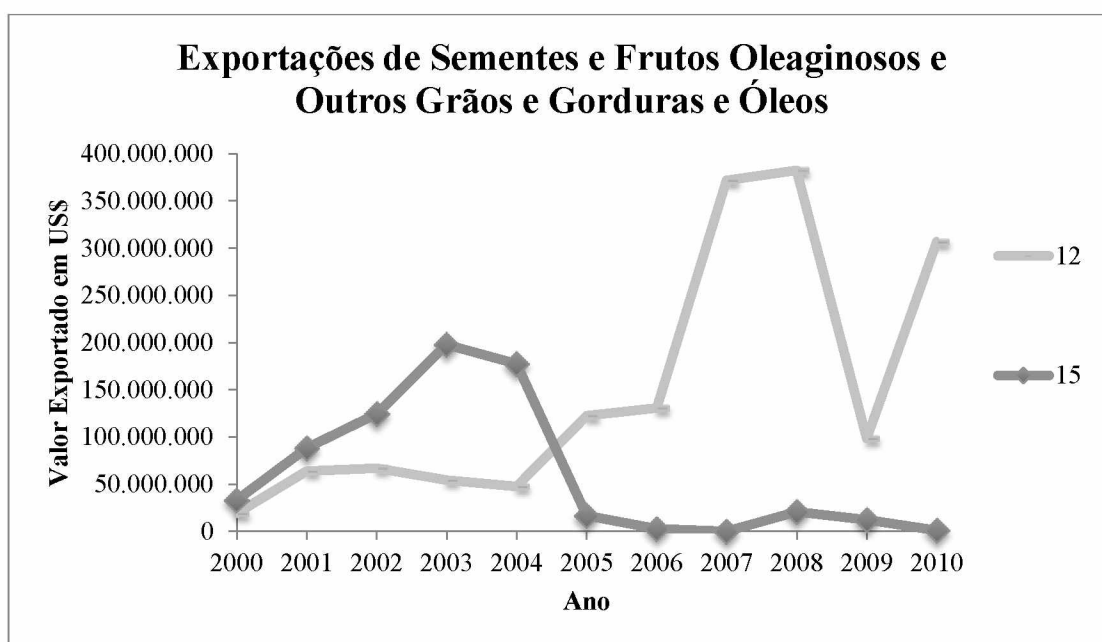


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações das seções I a III se expandiram 521,12% de 2000 a 2010, saindo de 56 milhões de US\$ para 353 milhões de US\$ em 2010. Entretanto, os 11 anos estudados não foram de crescimento uniforme, ocorrendo anos de queda no valor exportado. De 2004 a 2006, as exportações das seções I a III recuaram 47,39% em relação ao ano de 2003. No ano de 2009, houve queda na ordem de 66,99% em relação ao ano de 2008, devido a diminuição da demanda mundial e, conseqüentemente, dos preços de alguns produtos determinados no mercado internacional.

Observa-se no gráfico abaixo que os capítulos SH2 12 e 15 foram os mais determinantes do desempenho das exportações das seções I a III. O capítulo SH2 12 deve ser analisado devido ao grande crescimento de suas exportações e o capítulo SH2 15 devido a grande queda verificada durante o período.

Figura 11: Exportações de Sementes e Frutos Oleaginosos e Outros Grãos (Capítulo SH2 12) e Gorduras e Óleos (Capítulo SH2 15)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

O capítulo SH2 12 inclui sementes e frutos oleaginosos e outros grãos. As exportações de sementes e frutos oleaginosos e outros grãos representavam 33,24% do exportado pelas seções I a III em 2000, crescendo para 86,70% de participação em 2010, evidenciando a importância da exportação de oleaginosas e grãos, reflexo do fato do porto de São Francisco do Sul ser um porto exportador de grãos e derivados. Entretanto, nos anos 2003 e 2004 houve retração da exportação em 29,28% em relação a 2002. Em 2009, também ocorreu uma retração, porém de forma mais acentuada, atingindo 74,30% de encolhimento. No ano de 2010, as exportações de sementes e frutos oleaginosos e outros grãos se recuperaram, atingindo mais de 300 milhões de US\$.

O produto determinante do comportamento das exportações de sementes, frutos oleaginosos e outros grãos foi a soja (posição SH4 1201). Nos primeiros sete anos, as exportações de soja cresceram 600,65%, em função do período propício a exportação de *commodities*, reflexo dos preços altos e da vantagem em termos de custo da soja brasileira. No ano de 2007, houve uma expansão gigantesca das exportações de soja, atingindo a soma de 371 milhões de US\$. Com a crise econômica mundial, as vendas para o exterior caíram 74,32%. No último ano estudado, as exportações se recuperaram, mas não atingiram o valor exportado no pós-crise².

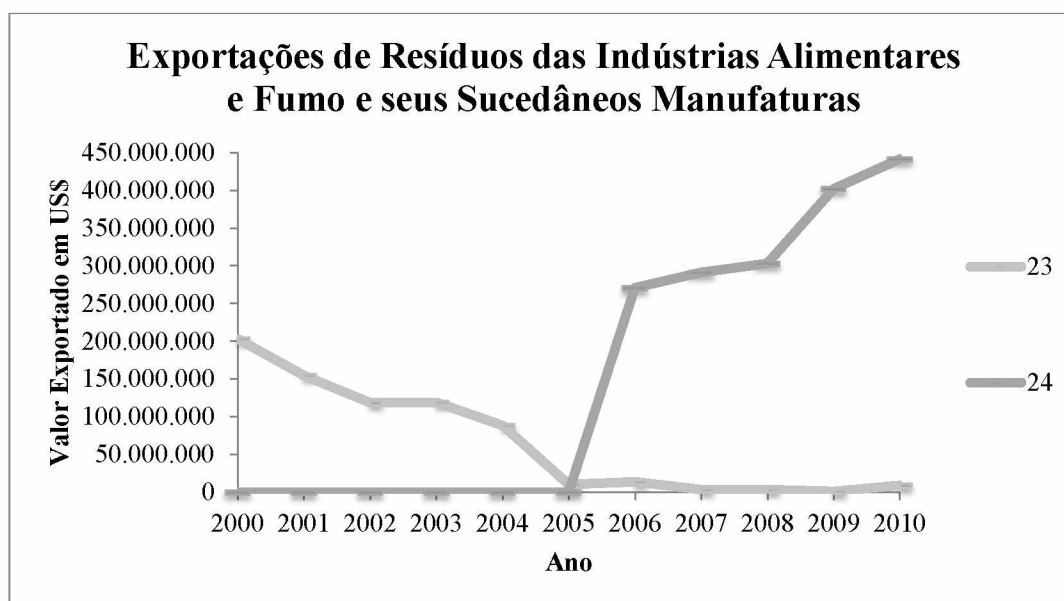
As exportações de gorduras e óleos (capítulo SH2 15) representavam 57,69% do total exportado pelas seções I a III em 2000. Em 2010, a participação no total exportado se reduziu a 0,26%. Durante todo o período, as exportações de gorduras e óleos recuaram 97,15%, saindo de 32 milhões de US\$ em 2000 para atingir 928 mil US\$ em 2010. Entretanto, até o ano de 2003 houve expansão das vendas externas, alcançando o pico de 197 milhões de US\$ nesse ano. De 2004 em diante, ocorreram sucessivas quedas no valor exportado, levando as exportações de gorduras e óleos a se tornarem insignificantes, em função da preferência pela expansão das exportações de soja *in natura*.

As vendas ao exterior de produtos pertencentes à seção IV cresceram 114,03% durante o período estudado, iniciando-se em 211 milhões de US\$ em 2000 e alcançando 453 milhões de US\$ em 2010. Contudo, nos primeiros seis anos, foi observada retração acentuada do valor exportado, na ordem de 91,26%, correspondendo a uma queda de 194 milhões de US\$. Portanto, o resultado positivo alcançado pelas exportações da seção IV, foi obtido nos últimos cinco anos, de 2006 a 2010.

Os capítulos que se sobressaem na seção são os capítulos 23 e 24. O capítulo SH2 23 compreende os resíduos das indústrias alimentares e alimentos para animais, o capítulo SH2 24 agrupa o fumo e seus manufaturados, juntos esses capítulos representaram 92,47% em média do total exportado pela seção IV. Entretanto, enquanto as exportações do capítulo SH2 24 se expandiram, as do capítulo SH2 23 recuaram.

² As exportações de soja foram computadas na mesorregião Norte Catarinense pelo site Aliceweb2 do MDIC devido aos procedimentos burocráticos envolvidos com o processo de exportação em função do porto de São Francisco do Sul ser um dos mais importantes portos para a exportação de grãos.

Figura 12: Exportações de Resíduos das Indústrias Alimentares (Capítulo SH2 23) e Fumo e seus Sucedâneos Manufaturas (Capítulo SH2 24)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

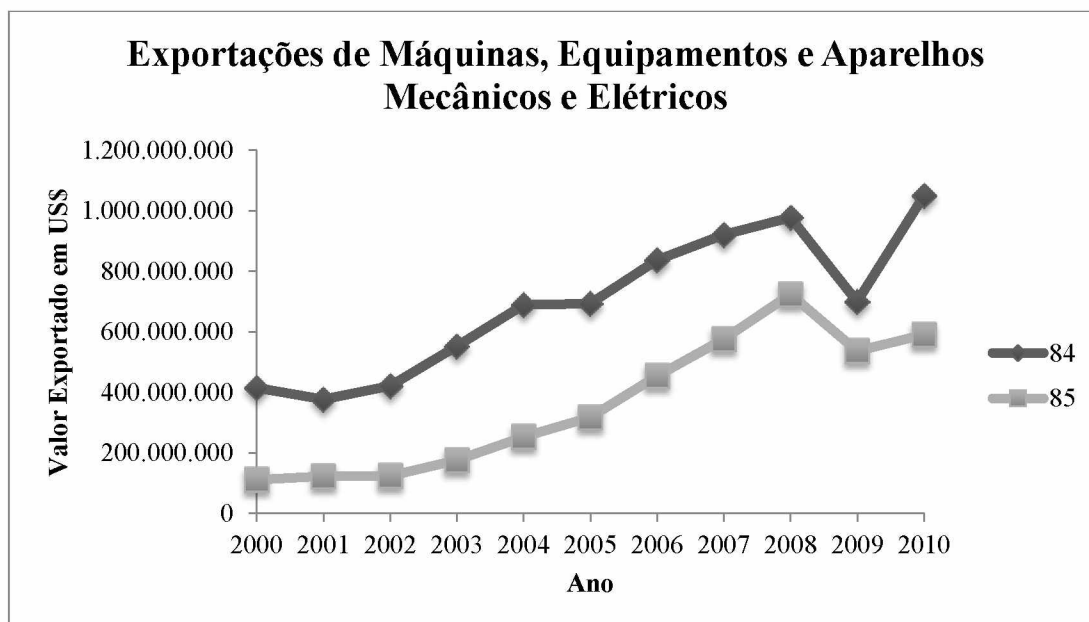
As exportações de produtos considerados resíduos das indústrias alimentares eram as mais importantes na determinação do comportamento das exportações da seção IV, representando 95,62% em 2000. No período em análise, as exportações desses produtos recuaram de forma brusca, alcançando menos de um milhão de US\$ em 2009, frente aos 200 milhões de US\$ do ano 2000, queda de 99,54%. Somente em 2010 houve crescimento expressivo, na ordem de 8,7 milhões de US\$, mas ainda muito incipiente perto dos valores ocorridos nos anos anteriores.

Os produtos determinantes para a queda das exportações de resíduos das indústrias alimentares foram os resíduos sólidos da extração de óleo de soja (posição SH4 2304). Esses resíduos eram os produtos mais determinantes do comportamento das exportações da seção IV, representando 95,62% em 2000. No período em análise, as exportações de resíduos sólidos da extração do óleo de soja recuaram de forma brusca, evidenciando a diminuição das exportações de produtos derivados da soja em detrimento do crescimento das exportações da soja *in natura*, explicitando a tendência de aumento das vendas ao exterior de *commodities* agrícolas.

O fumo e seus sucedâneos manufaturados não apresentaram exportações até o ano de 2005. A partir de 2006 os valores exportados cresceram 62,93%. Mesmo no ano de 2009, que se caracterizou pela queda nas exportações, houve crescimento das exportações de fumo e seus sucedâneos manufaturados na ordem de 100 milhões de US\$. O produto determinante do comportamento das exportações de fumo e seus sucedâneos manufaturados foi o tabaco não manufaturado (posição SH4 2401). O surgimento do tabaco não manufaturado na pauta de exportações da mesorregião Norte Catarinense se deve a fato da existência de indústrias de beneficiamento do fumo implantadas na cidade de Joinville (SINDITABACO, 2010, p. 13).

As exportações da seção XVI cresceram 211,78% de 2000 a 2010, saindo de 525 milhões de US\$ para atingir 1,6 milhões de US\$. Entretanto, com a crise econômica mundial, houve redução do valor exportado em 27,38% no ano de 2009. O capítulo mais importante dessa seção é o capítulo SH2 84 com 64% de participação no total da seção em 2010. Entretanto o capítulo SH2 85 ganhou importância durante os 11 anos abordados, saindo de 21,13% em 2000 para 36% de participação no total exportado pela seção XVI em 2010.

Figura 13: Exportações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de máquinas, equipamentos e aparelhos foi responsável por 414 milhões de US\$ em 2000, atingindo 11 anos depois mais de um bilhão de US\$. Apenas em 2009 houve queda significativa nas exportações, mas foi revertida no ano seguinte, superando as vendas do ano de 2008. Os produtos determinantes do desempenho do capítulo SH2 84 foram partes destinadas a motores de pistão (posição SH4 8409), bombas de ar, compressores e exaustores (posição SH4 8414) e refrigerados, congeladores e outras máquinas de fazer frio (posição SH4 8418).

As exportações de partes destinadas a motores de pistão experimentaram seu período de maior crescimento de 2003 a 2008, incrementando suas vendas ao exterior em 110,26%, atingindo a soma de 233 milhões de US\$. Contudo, houve uma retração de quase 50% no ano de 2009, recuperando-se em 2010 com a exportação de 290 milhões de US\$. A apreciação do câmbio não foi determinante no comportamento desse produto em função do grande porte das empresas do setor eletro-metal-mecânico, contudo, a crise econômica mundial determinou a queda verificada em 2009, devido a retração da demanda mundial.

As exportações de bombas de ar, compressores e exaustores apresentaram crescimento pouco oscilante com média anual de 6,91%. A queda nas exportações desses produtos observada no ano de 2009, foi recuperada no ano seguinte com expansão de 32,09%. Em 2010, as exportações do capítulo SH4 8414 atingiram a soma de 492 milhões de US\$.

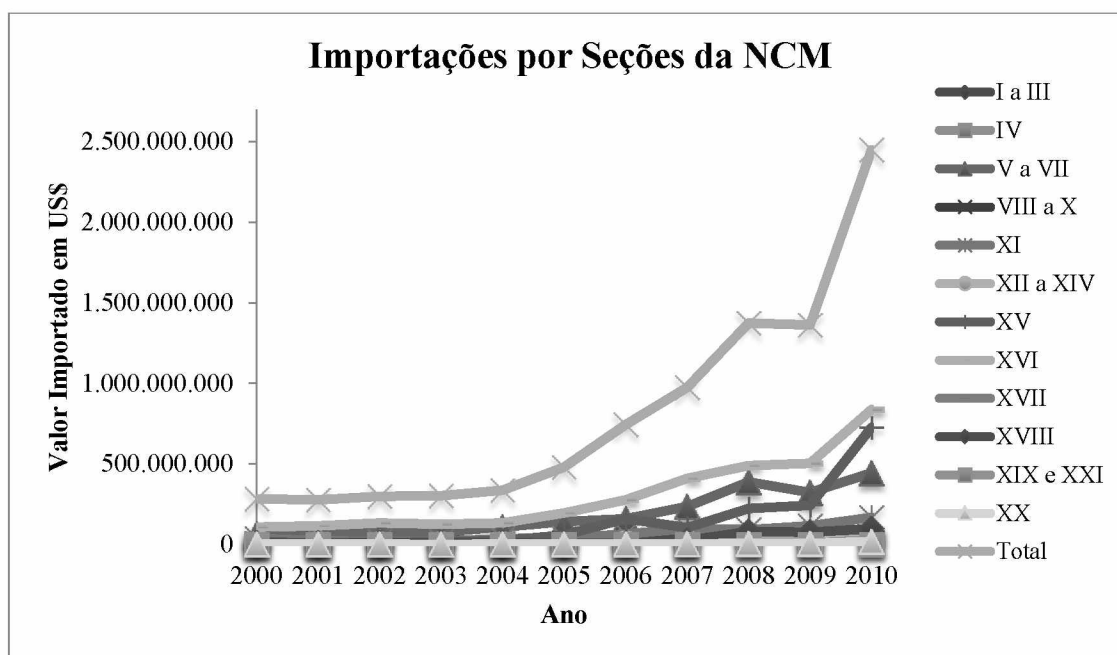
O capítulo SH4 8418 possui dois subperíodo distintos. No primeiro, de 2000 a 2004, houve um incremento nas exportações de refrigeradores, congeladores e outros na ordem de 321,01%, atingindo a soma de 190 milhões de US\$. O segundo subperíodo persistiu até o último ano de análise, onde se verificou queda de 25,81% de 2004 a 2010, alcançando neste ano o montante de 141 milhões de US\$.

O capítulo SH2 85 vendeu ao exterior quase meio bilhão a mais em 2010 em relação a 2000, crescendo 431,18%. Foram os motores e geradores elétricos os produtos mais importantes para exportação do capítulo SH2 85. Esses produtos mantiveram o crescimento contínuo das exportações até o ano de 2008, quando alcançaram o pico de exportação com 542 milhões de US\$. Porém, com a crise econômica internacional, as exportações de motores e geradores elétricos caíram 27,92% em 2009, não se recuperando totalmente em 2010, atingindo um valor exportado de 100 milhões de US\$ a menos que em 2008.

5.2.3 Importações da Mesorregião Norte Catarinense

As importações da mesorregião Norte Catarinense no período de 2000 a 2010 concentraram-se em três seções da NCM, são elas: V a VII, XV e XVI. As seções V a VII (cap.25 a 40) agrupam produtos minerais, produtos das indústrias químicas, plásticos e suas obras, borracha e suas obras. A seção XV (cap.72 a 83) inclui os metais comuns e suas obras. Por fim, a seção XVI (cap. 84 e 85) agrupa as máquinas, aparelhos, equipamentos elétricos e suas partes, aparelhos de gravação/reprodução de som/imagens e de som em televisão e suas partes e acessórios.

Figura 14: Importações da Mesorregião Norte Catarinense por Seções da NCM

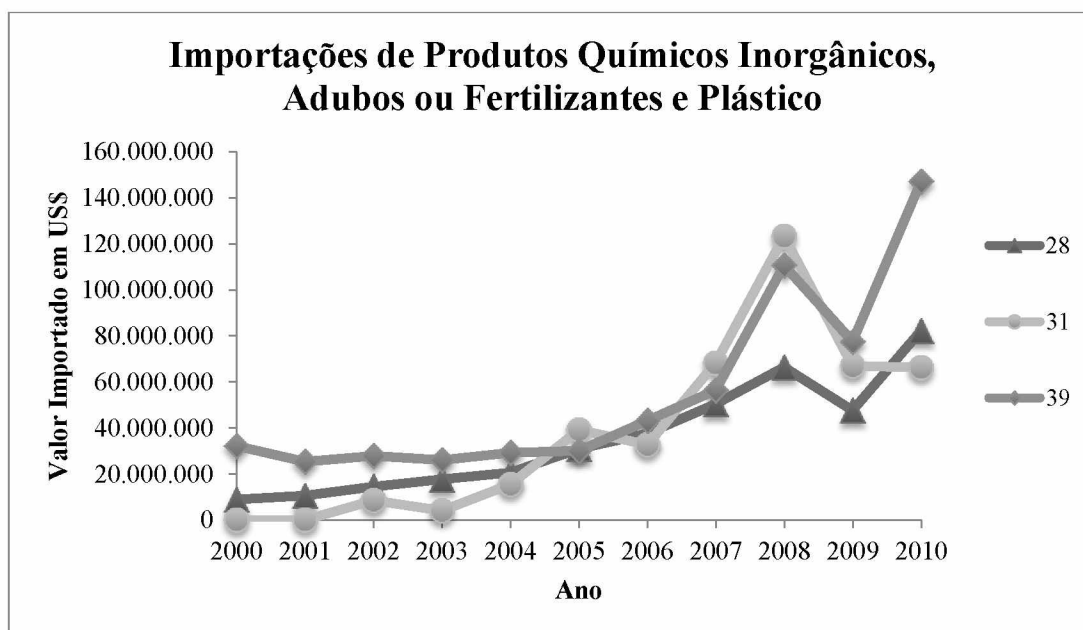


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções V a VII cresceram 572,43% de 2000 a 2010, atingindo a soma de 442 milhões de US\$ no último ano do período estudado. No ano de 2009, houve queda de 16,94% nas importações dos produtos das seções V a VII, devido à crise econômica internacional. Entretanto, em 2010 ocorreu a recuperação das importações, com crescimento

de 37,06% em relação ao ano anterior. Nas seções V a VII se sobressaem os capítulos SH2 28, 31 e 39, que são produtos químicos inorgânicos, adubos ou fertilizantes e plástico e suas obras, respectivamente.

Figura 15: Importações de Produtos Químicos Inorgânicos (Capítulo SH2 28), Adubos ou Fertilizantes (Capítulo SH2 31) e Plástico (Capítulo SH2 39)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de produtos químicos inorgânicos se expandiram de forma acelerada e pouco oscilante durante todo o período, exceto em 2009, quando obteve uma queda de 28,41%. A única queda verificada foi no ano da crise econômica internacional, porém no ano seguinte houve a recuperação das importações de produtos químicos inorgânicos, atingindo 82 milhões de US\$. O período de maior crescimento se deu a partir de 2005, quando a taxa de câmbio atingiu valores baixos, próximo de dois reais por dólar.

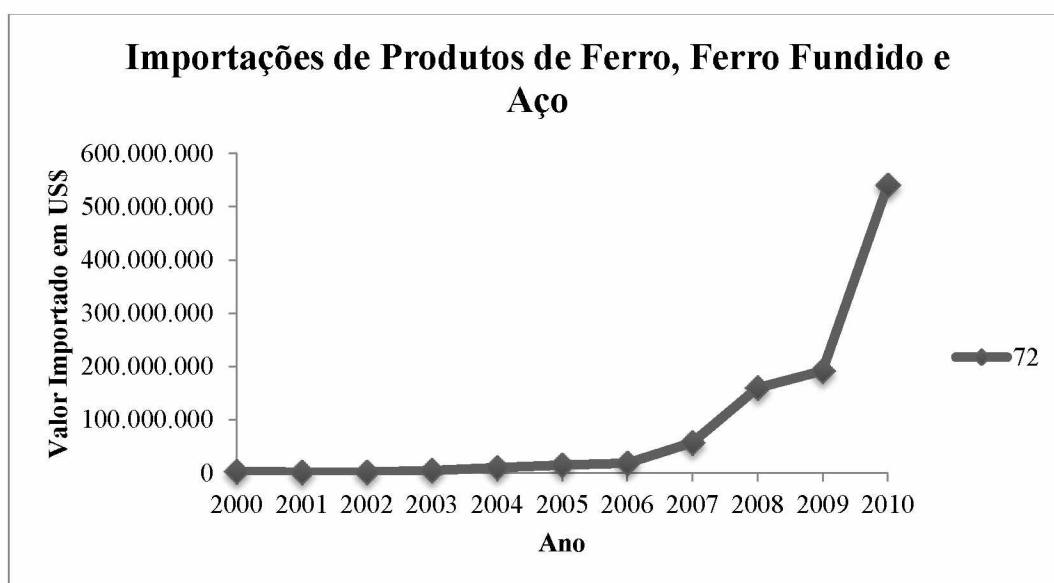
As importações de adubos sofreram muitas oscilações durante os 11 anos estudados. Primeiramente, começaram a ser importados a partir do ano de 2002, sofrendo queda acentuada no ano seguinte. Os dois anos posteriores foram de forte crescimento, atingindo a soma de quase 40 milhões de US\$ em importações no ano de 2005. Em 2006, sucedeu-se mais um período de queda nas importações, que novamente se reverteram em crescimento até

2008. Os efeitos da crise econômica continuaram a ser sentidos não só em 2009, como também em 2010, resultando em um período de decrescimento das compras de adubos ou fertilizantes do exterior.

As importações de plástico e suas obras cresceram moderadamente nos oito primeiros anos do período, alcançando 56 milhões de US\$. Nos últimos três anos, houve o incremento de quase 100 milhões de US\$, mesmo com o decrescimento verificado no ano de 2009. A taxa de câmbio favorável às importações impulsionou a compra de produtos utilizados como insumos ou pertencentes à cadeia de produção de produtos fabricados no Brasil, como é o caso das importações de plástico.

As importações da seção XV cresceram 5544,42% nos 11 anos estudados, saindo de 12 milhões de US\$ e atingindo 726 milhões de US\$. A maior parte do crescimento foi observada de 2008 em diante, mesmo com a crise, as importações de metais cresceram cerca 9% em 2009. No último ano, a taxa de crescimento se aproximou de 200%, evidenciando a excessiva importação de metais efetuada pela mesorregião Norte Catarinense. O capítulo SH2 mais importante foi o capítulo SH2 72, que agrupa os produtos de ferro, ferro fundido e aço. Esses itens representavam 22,55% das importações totais da seção XV em 2000, representando 74,41% em 2010.

Figura 16: Importações de Produtos de Ferro, Ferro Fundido e Aço (Capítulo SH2 72)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de produtos de ferro, ferro fundido e aço permaneceram sendo pouco significativas até 2002. A partir de 2003 as importações cresceram enormemente a uma taxa de 5293,69% de 2004 a 2010. Os produtos mais importantes para o desempenho das importações desse capítulo foram os laminados de ferro ou aço das posições SH4 7208, 7209, 7210 e 7225. Esses produtos são insumos para a indústria do setor eletro-metal-mecânico, que representa um importante setor da economia da mesorregião Norte Catarinense.

As importações de laminados de ferro e aço não ligado (posição SH4 7208) foram irrisórias no conjunto das importações da mesorregião Norte Catarinense até o ano de 2006, quando alcançaram um crescimento de 1923,39% no ano seguinte. O crescimento acentuado das importações de laminados de ferro e aço não ligado continuou pelos anos seguintes, atingindo a soma de 192 milhões de US\$ em 2010 frente aos 200 mil de US\$ importados no ano de 2006. Tal crescimento foi possível em função da taxa de câmbio favorável às importações.

As importações de laminados de ferro e aço não ligado, folheados, chapeados ou revestidos (posição SH4 7209) eram insignificantes até 2006, quando experimentaram um crescimento de mais de 6000%, atingindo os cinco milhões de US\$ em 2007. A partir desse ano, as importações de laminados de ferro e aço não ligado, folheados, chapeados ou revestidos cresceram muito, alcançando 90 milhões em 2010, mesmo diante de uma acentuada queda em 2008.

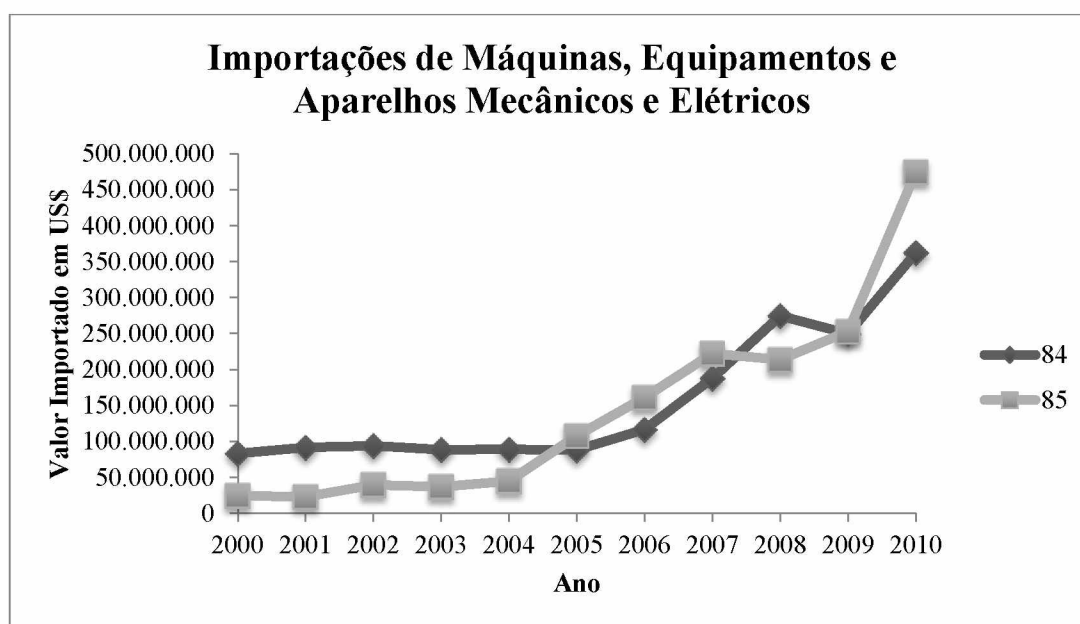
As importações dos laminados de ferro e aço não ligado e não folheado, chapeado ou revestido(posição SH4 7210) se mostraram bastante oscilatórias. Nos quatro primeiros anos, as importações caíram 61,32%. Nos outros anos, houve dois períodos de queda, 2006 e 2009. Entretanto, no último ano o valor importado se recuperou e atingiu seu ápice em 141 milhões de US\$.

As importações de produtos laminados planos de outras ligas de aço iniciaram seu período de crescimento no ano de 2006, alcançando uma taxa de variação anual de 1374,38%. Até 2009, o crescimento foi contínuo, atingindo 59 milhões de US\$. Contudo, no ano de 2010 houve um encolhimento das importações na grandeza de oito milhões de US\$, queda de 14,45% em relação ao ano anterior.

A seção XVI cresceu 681,42% de 2000 a 2010, alcançando 836 milhões de US\$ em 2010 contra 107 milhões de US\$ em 2000. Nos primeiros seis anos, o crescimento das

importações de máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos foi moderado, em torno de 14% em média. Nos últimos cinco anos, as importações experimentaram forte crescimento na ordem de 201,92% de 2006 a 2010 em função da taxa de câmbio apreciada e da política tributária do estado.

Figura 17: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Nos primeiros seis anos da série em estudo, houve pouco crescimento das importações de máquinas, equipamentos e aparelhos mecânicos, ocorrendo muita oscilação no valor importado. Todavia, de 2006 a 2010, as importações cresceram 211,84%, atingindo 362 milhões de US\$ em importações de máquinas e aparelhos mecânicos.

As importações de máquinas, equipamentos e aparelhos elétricos representavam um terço do que era importado pelo capítulo SH2 84 em 2000. Em 2010 esse cenário se inverteu, as importações de máquinas, equipamentos e aparelhos elétricos foram 30% maiores que as do capítulo SH2 84. O boom de crescimento se iniciou em 2005, mas foi no último ano do período que o capítulo SH2 85 tomou a dianteira na determinação do comportamento das importações da seção XVI.

Os produtos mais importantes para o comportamento das importações do capítulo SH2 85 foram: aquecedores elétricos de água, de ambientes e para usos semelhantes (posição SH4 8516), aparelhos videofônicos de gravação ou de reprodução (posição SH4 8521) e aparelhos receptores de televisão, monitores e projetores de vídeo (posição SH4 8528).

As importações dos aquecedores cresceram 28 vezes de 2000 a 2010, saindo de dois milhões de US\$ para 63 milhões de US\$. Nos cinco primeiros anos, as importações recuaram 75%, atingindo a ínfima soma de meio milhão de US\$ em 2004. A partir de 2005, as importações cresceram 305,59%, atingindo 63 milhões de US\$ em 2010.

As importações de aparelhos videofônicos de gravação ou reprodução tiveram um grande crescimento durante os 11 anos estudados, saindo de 18 mil US\$ em 2000 para atingir 33 milhões de US\$ em 2010. A partir de 2005, o crescimento foi moderado, com queda no ano de 2008. A taxa de crescimento entre 2005 a 2010 foi de 16,06%, atingindo 33 milhões de US\$.

As importações dos aparelhos receptores de televisão, monitores e projetores de vídeo permaneceram insignificantes de 2000 a 2006, atingindo nesse último ano o valor de meio milhão de US\$. A partir de 2007, as importações cresceram 71 vezes, saindo de pouco mais de um milhão de US\$ naquele e alcançou 77,5 milhões de US\$ em 2010.

5.3 OESTE CATARINENSE

A mesorregião Oeste foi a última área de colonização do estado, com a ocupação sendo mais expressiva a partir do início do século XX. As atividades madeireiras foram as responsáveis pelo povoamento da região, desde o Vale do Rio do Peixe até o Extremo-Oeste. (MATTEI, 2011, p.10).

Juntamente com a madeira foi desenvolvida a produção agropecuária, com o cultivo de produtos básicos e a criação de animais de serviço, de suínos e aves. Essas atividades assumiram a dinâmica econômica da região e transformaram o Oeste no polo agroindustrial

do estado, surgindo empresas agroindustriais líderes no mercado nacional. A partir dos anos de 1970 o complexo agroindustrial catarinense ligado aos setores de suínos e aves deu seu grande salto ao se inserir no mercado internacional. (MATTEI, 2011, p.10).

O setor primário é marcante na região, prevalecendo o sistema de integração entre os produtores familiares e as agroindústrias. Dentre os principais produtos agrícolas são: o milho, arroz, feijão, mandioca, soja, fumo, maçã, laranja e etc. Entre os produtos animais destacam-se a criação de suínos e aves. (MATTEI, 2011, p.10).

O setor secundário tem o parque industrial articulado devido a indústria alimentar e ao processamento da soja. Destaca-se a indústria madeireira nas cidades de Caçador e de Matos Costa, e a instalação de pequenas indústrias de máquinas e equipamentos para o setor agropecuário. (MATTEI, 2011, p.11).

O setor terciário apresenta algum destaque apenas nas cidades polos, como é o caso de Chapecó, Joaçaba, Videira, Concórdia e Caçador (MATTEI, 2011, p.11).

5.3.1 Comércio Exterior da Mesorregião Oeste Catarinense

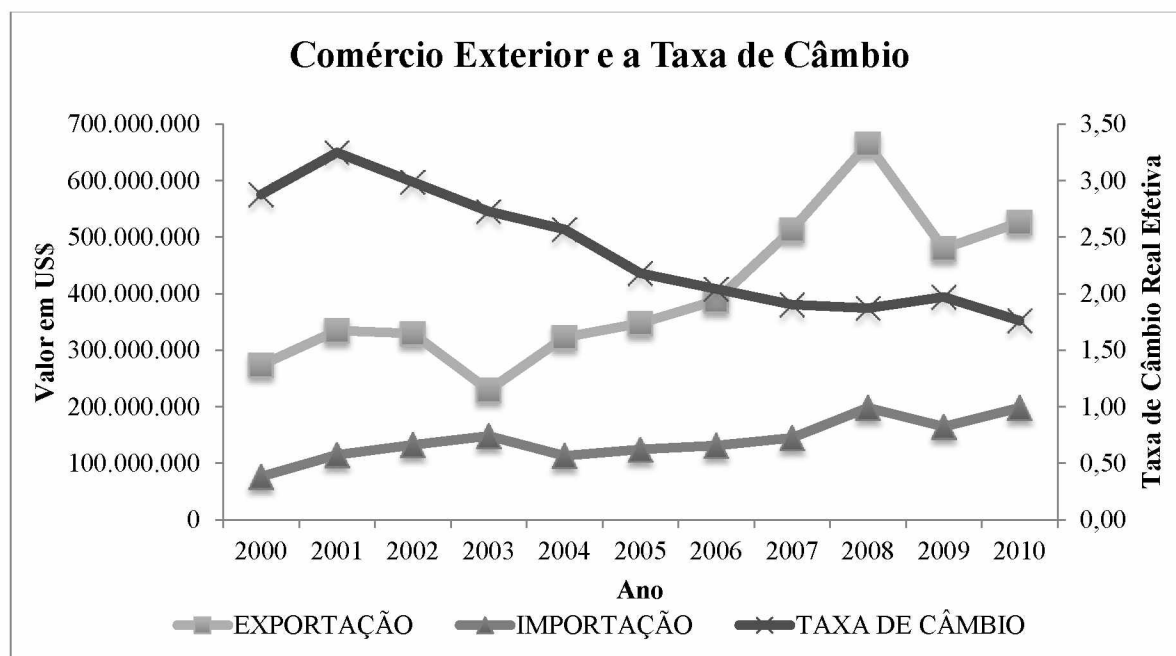
A análise do comércio exterior da mesorregião Oeste Catarinense tem como período os anos de 2000 a 2010. A exportação foi a variável do comércio exterior mais importante no período estudado, apesar do crescimento percentualmente maior das importações. As exportações cresceram 92,60% contra 160,65% de crescimento das importações.

Tabela 5: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Oeste Catarinense

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	526.184.241	198.038.722	328.145.519	724.222.963
2009	479.669.878	164.611.943	315.057.935	644.281.821
2008	664.833.447	198.206.379	466.627.068	863.039.826
2007	512.917.830	144.801.854	368.115.976	657.719.684
2006	387.914.365	131.315.510	256.598.855	519.229.875
2005	347.639.254	124.105.839	223.533.415	471.745.093
2004	322.437.431	112.758.463	209.678.968	435.195.894
2003	228.888.915	147.821.239	81.067.676	376.710.154
2002	329.558.633	132.139.680	197.418.953	461.698.313
2001	334.299.252	114.589.804	219.709.448	448.889.056
2000	273.206.541	75.979.429	197.227.112	349.185.970

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 18: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA e do Aliceweb2/MDIC

As exportações da mesorregião Oeste Catarinense podem ser divididas em três períodos distintos. O primeiro vai de 2000 a 2003 e se caracterizou pela queda do valor

exportado em 16,22%, significando um decréscimo de 44 milhões de US\$. O segundo período se estendeu de 2004 a 2008, quando ocorreu um crescimento das exportações na ordem de 106,19%, atingindo o pico de 664 milhões de US\$. Os últimos anos foram de queda nas exportações, caindo 138 milhões de US\$, reflexo dos efeitos da crise econômica mundial na demanda mundial e em grandes empresas da mesorregião Oeste Catarinense.

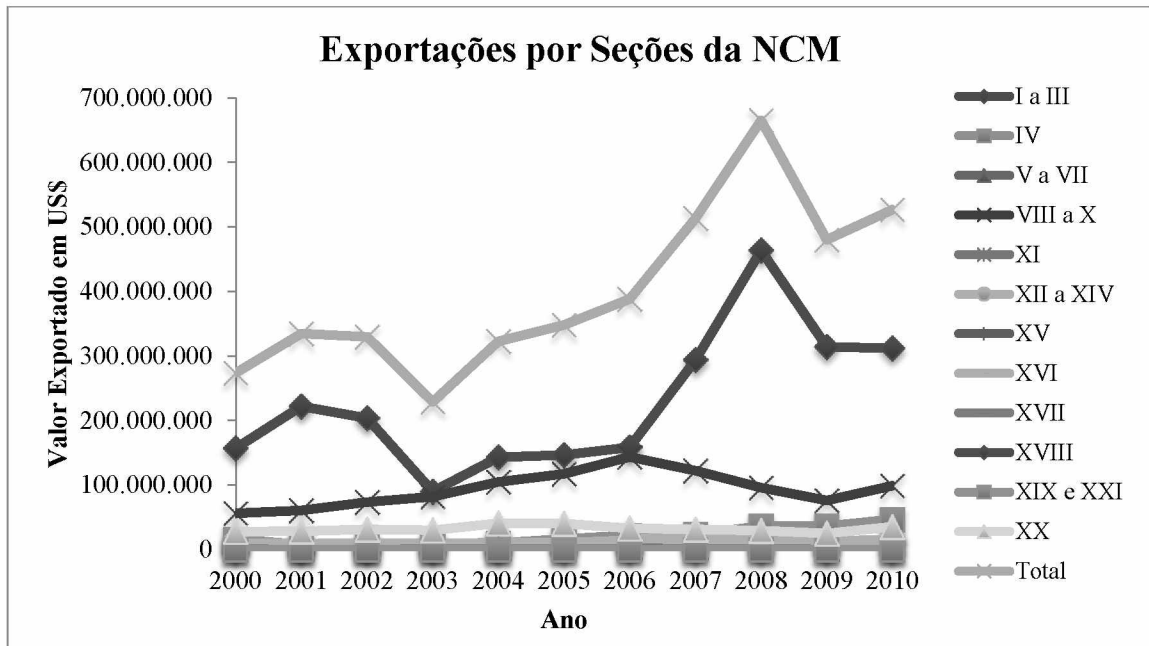
As importações cresceram percentualmente mais que as exportações e de forma menos oscilatória. Apenas em dois anos houve decréscimo no valor importado, 2004 e 2009. No ano de 2008, as importações alcançaram o maior valor, que foi de 190 milhões de US\$. A apreciação da moeda doméstica foi um fator que propiciou que o aumento das importações fosse possível.

O saldo comercial foi a variável que menos se expandiu, crescendo durante todo o período 66,38%, isso ocorreu devido ao crescimento superior das importações em relação às exportações. Em relação a corrente de comércio, houve crescimento de 107,40% de 2000 a 2010, evidenciando o aumento da importância das trocas comerciais internacionais para a economia da mesorregião Oeste Catarinense.

5.3.2 Exportações da Mesorregião Oeste Catarinense

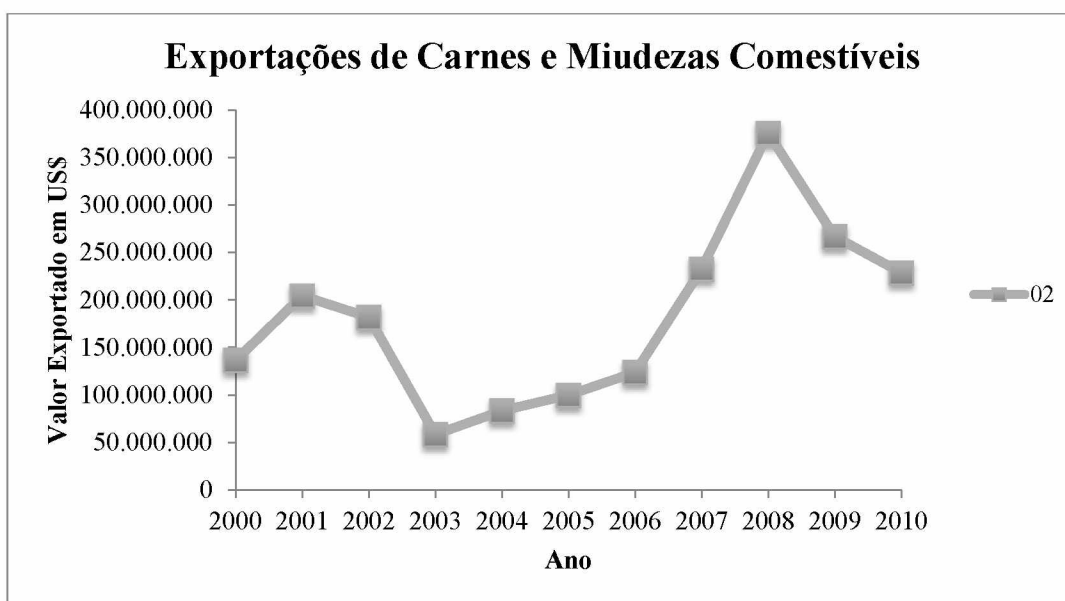
As exportações da mesorregião Oeste Catarinense se concentram nas seções I a III e VIII a X. As seções I a III (cap. 1 ao 15) agrupam animais vivos e produtos do reino animal, do reino vegetal, gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais. As seções VIII a X (cap. 41 ao 49) inclui peles, couros, peleteria e suas obras, artigos de correeiro, artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes, obras de tripa, madeira, carvão vegetal e obras de madeira, cortiça e suas obras, obras de espartaria ou de cestaria.

Figura 19: Exportações da Mesorregião Oeste Catarinense por Seções da NCM



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As seções I a III representaram grande parte das exportações da mesorregião Oeste Catarinense durante todo o período, com média de participação de 54,85%, atingindo 311 milhões de US\$ em 2010, porém com muitas oscilações durante todo o período. O capítulo SH2 02 foi o mais determinante do desempenho das seções I a III.

Figura 20: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de carnes e miudezas comestíveis representavam em média 77,88% do total exportado pelas seções I a III durante todo o período estudando, chegando a 92% em 2001. Em 2010, as exportações de carnes e miudezas comestíveis representaram 73,33%.

As exportações de carnes e miudezas comestíveis oscilaram consideravelmente durante o período. Nos dois primeiros anos, ocorreu um crescimento de 67 milhões de US\$, mas no biênio seguinte as exportações atingiram apenas 58 milhões de US\$, menos da metade do que foi exportado quatro anos antes. Entre 2004 e 2008, houve crescimento acelerado das exportações, atingindo o pico de 375 milhões de US\$. Porém, a crise econômica mundial e problemas com empresas do setor agroindustrial fizeram com que o ano de 2009 e 2010 fosse de queda no valor exportado, alcançando em 2010 um montante exportado inferior ao ocorrido em 2007.

Os produtos mais importantes para o desempenho das exportações de carnes e miudezas comestíveis foram a carne suína (posição SH4 0203) e carnes de aves (posição SH4 0207).

As exportações de carne suína recuaram 4,92% durante o período estudado, saindo de 50 milhões de US\$ em 2000 para alcançar 47,6 milhões de US\$ em 2010. No primeiro

quadriênio, ocorreu uma queda de 27,80% no valor exportado. A partir de julho de 2000, iniciaram-se os embarques da carne brasileira para a Rússia (ABIEPCS, 2000, p. 16). Entretanto em 2003, a implementação do sistema de cotas por parte da Rússia provocou a redução das exportações, reduzindo em 25% as compras desse país no mercado internacional (ABIEPCS, 2003, p. 02).

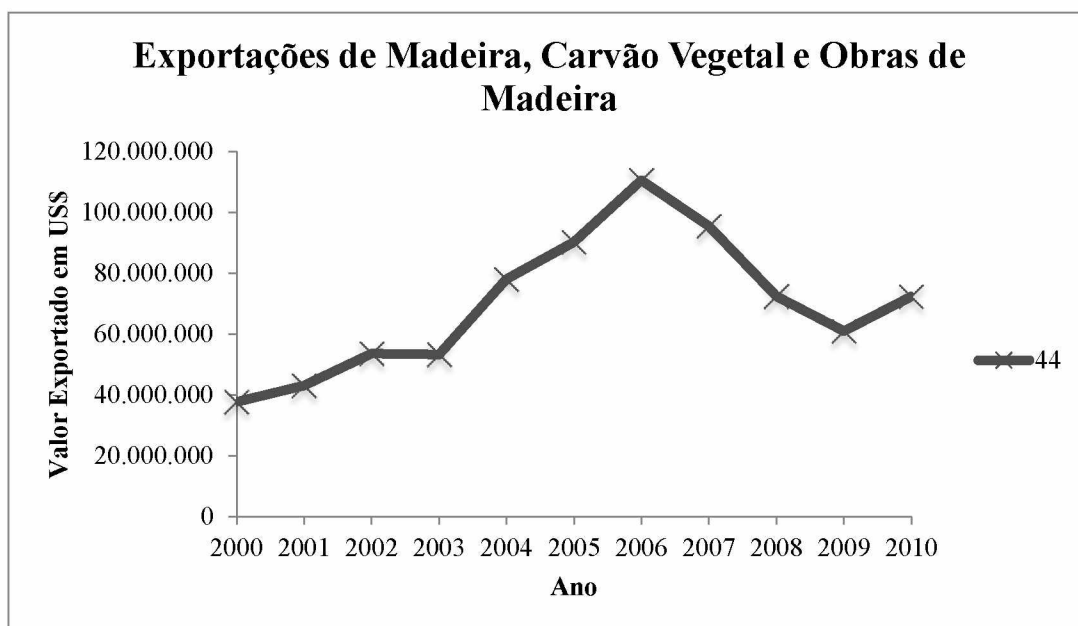
No período entre 2004 e 2008, as vendas ao exterior de carne suína cresceram 186,44%, atingindo o seu pico em 2008, como 103 milhões de US\$ exportados. A obtenção do certificado de área livre de febre aftosa sem vacinação pelo estado de Santa Catarina perante a OIE (Organização Internacional de Saúde Animal) no mês de maio de 2007 representou um marco (ABIEPCS, 2007, p. 01). No último biênio, as exportações de carnes suínas voltaram a cair, na ordem 54,03% em relação a 2008, reafirmando as dificuldades encontradas na exportação desses produtos, principalmente referentes a penetração em mercados de países desenvolvidos, como Estados Unidos e Japão, além das dificuldades impostas através de cotas pelo governo russo.

As exportações de carnes de aves cresceram 87,94% de 2000 a 2010. Nos primeiros quatro anos, as exportações recuaram 76,06%, atingindo 19 milhões de US\$ em 2003, devido à queda nas compras da Rússia, o maior importador mundial, por conta das restrições representadas pela imposição do sistema de cotas (ABEF, 2004, p. 15). De 2004 a 2008, houve intenso crescimento que fez com que o valor exportado ultrapassasse a casa dos 200 milhões de US\$. Tal fato se deveu ao maior crescimento verificado nas compras da Arábia Saudita (ABEF, 2008, p.15). No último biênio, ocorreu redução de 35,47%, devido à crise econômica mundial que afetou a demanda externa por carnes de aves.

As exportações das seções VIII a X começaram a crescer continuamente a partir de 2000, atingindo um valor exportado muito semelhante ao das seções I a III em 2006. Entretanto, nos anos posteriores a 2006, a lacuna entre as seções I a III e as seções VIII a X voltou a se ampliar.

O capítulo SH2 que se sobressai nas seções VIII a X foi o capítulo SH2 44. O capítulo SH2 44 compreende itens de madeira, carvão vegetal e obras de madeira. Durante os 11 anos analisados esses itens responderam por 73,93% do total exportado.

Figura 21: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SH2 44)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

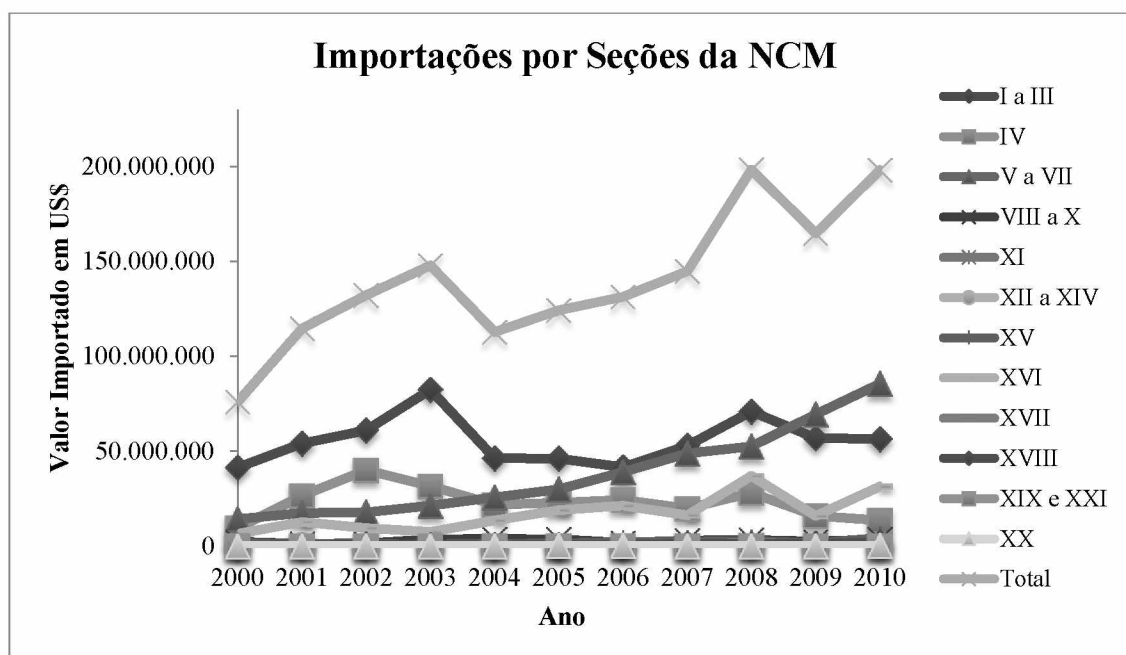
As exportações de madeira, carvão vegetal e obras de madeira tiveram dois comportamentos distintos durante os 11 anos estudados. Nos primeiros sete anos, as exportações atingiram a soma de 110 milhões de US\$, 72 milhões de US\$ a mais do que no ano inicial. Após 2006, as exportações recuaram bruscamente, chegando a atingir o valor exportado de 61 milhões de US\$, sendo impactadas negativamente pela taxa de câmbio apreciada, que reduz a competitividade externa das exportações. No último ano, houve recuperação de 18,59%, mas ainda muito modesta perto da queda sofrida nos últimos anos.

Os produtos determinantes para as exportações de madeira, carvão vegetal e obras de madeira foram as obras de carpintaria para construção (posição SH4 4418). As exportações desses produtos se expandiram em 197,87% de 2000 a 2010, saindo de 15 milhões de US\$ em 2000 para atingir 45 milhões de US\$ em 2010. Até 2006, o crescimento verificado foi contínuo, sofrendo forte queda nos três anos imediatamente posteriores, atingindo uma retração de 38,57% no valor exportado. Em 2010, houve certa recuperação, não ficando superior a um incremento de 16% em relação ao ano de 2009.

5.3.3 Importações da Mesorregião Oeste Catarinense

As importações da mesorregião Oeste Catarinense no período de 2000 a 2010 concentraram-se em três seções da NCM, são elas: I a III, IV e V a VII. As seções I a III incluem animais vivos e produtos do reino animal, do reino vegetal, gorduras, óleos e ceras animais e vegetais. A seção IV compreende os produtos das indústrias alimentares, bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres, tabaco e seus sucedâneos manufaturados. As seções V a VII agrupam os produtos minerais, produtos das indústrias químicas, plásticos e suas obras, borracha e suas obras.

Figura 22: Importações da Mesorregião Oeste Catarinense por Seções da NCM

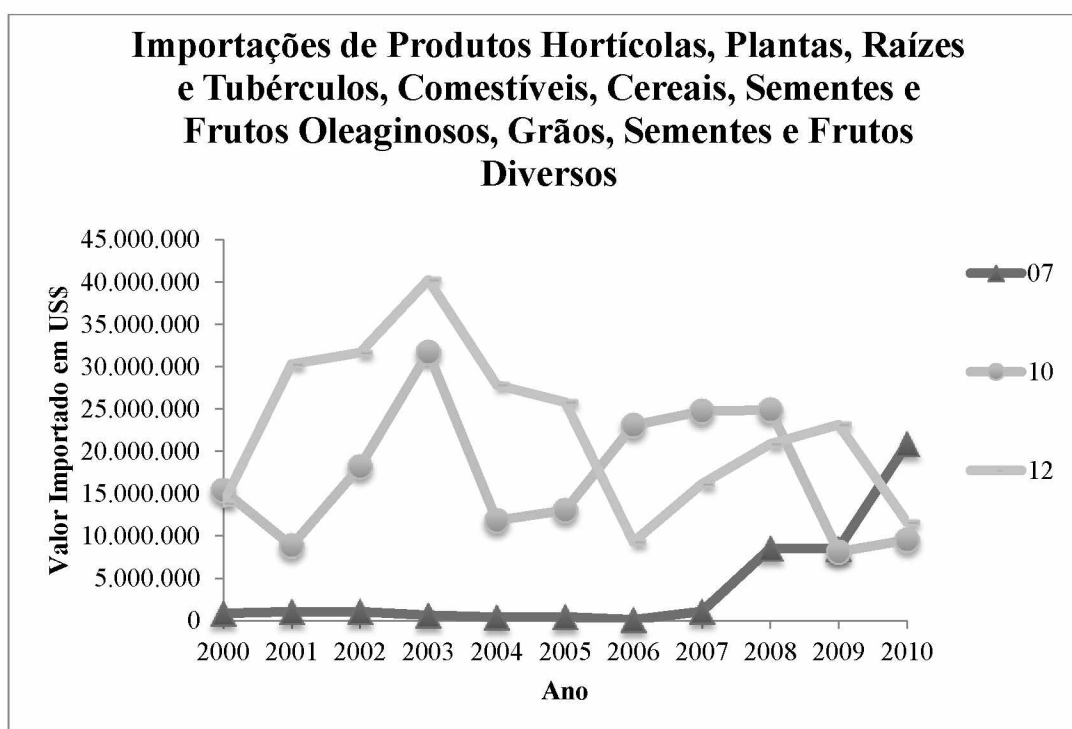


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções I a III cresceram apenas 36,32% de 2000 a 2010, atingindo a soma de 56 milhões de US\$ no último ano. Nos quatro primeiros anos, as importações cresceram de forma acelerada, alcançando a taxa de crescimento de 99,43%. Contudo, a partir de 2004 ocorreram quedas sucessivas, com exceção dos anos de 2007 e 2008. Nas seções I

a III se sobressaíram os capítulos SH2 07, 10 e 12, que agrupam produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis; cereais, sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos, respectivamente.

Figura 23: Importações de Produtos Hortícolas, Plantas, Raízes e Tubérculos, Comestíveis (Capítulo SH2 07), Cereais, Sementes e Frutos Oleaginosos (Capítulo SH2 10), Grãos, Sementes e Frutos Diversos (Capítulo SH2 12)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos permaneceram sendo pouco significativas até o ano de 2007, com sucessivos anos de queda no valor importado de 2003 a 2006. A partir de 2008, e mais fortemente a partir de 2010, as importações cresceram abruptamente, atingindo 20 milhões de US\$ no último ano, representando 37,30% do total importado pelas seções I a III. Os produtos mais importantes nas importações de produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos foram as cebolas e semelhantes (posição SH4 0703), que cresceram 683,73% nos últimos três anos, atingindo 19 milhões de US\$ em 2010.

As importações de cereais, sementes e frutos oleaginosos sofreram muitas oscilações durante os 11 anos estudados. Em 2001, elas despencaram para quase metade do valor do ano anterior. No biênio seguinte, as importações de cereais se expandiram 2,5 vezes, atingindo o pico de 31 milhões de US\$. No quinquênio seguinte, as importações oscilaram entre 11 e 24 milhões de US\$. Nos últimos dois anos, as importações recuaram 61,68% em comparação com o ano de 2008.

O milho (posição SH4 1005) foi o produto mais relevante para o comportamento das importações de cereais, sementes e frutos oleaginosos. Ele obteve resultados oscilatórios durante o período. As importações de milho estão relacionadas à sua utilização na agroindústria, através da alimentação de aves e suínos. Portanto, as importações de milho estão ligadas a conjuntura econômica da agroindústria e ao preço definido no mercado internacional. Pode-se dividir o período em dois subperíodos, o primeiro de 2000 a 2008 e o segundo que compreende o último biênio. De 2000 a 2008, as importações de milho cresceram 189,61%, atingindo 22 milhões de US\$. No segundo período, as importações caíram 72,68%, atingindo a ínfima quantia de seis milhões de US\$.

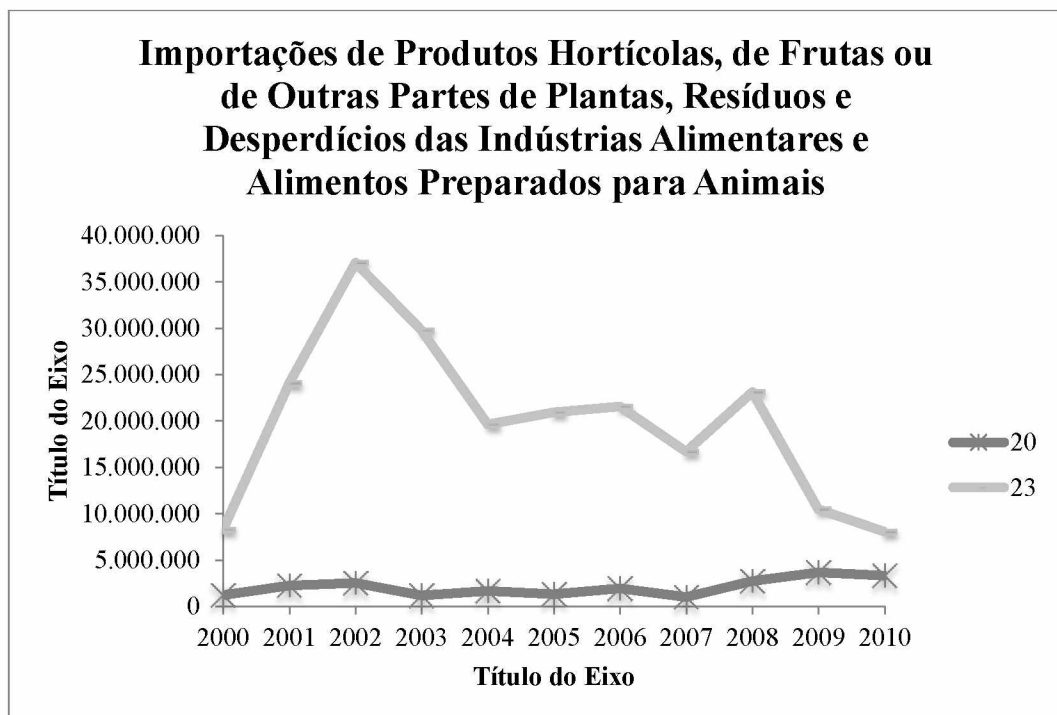
As importações de grãos, sementes e frutos diversos também sofreram muitas oscilações durante o período estudado. Nos primeiros quatro anos, as importações cresceram 190,68%, atingindo a soma de 40 milhões de US\$. De 2004 a 2006, as importações de grãos, sementes e frutos recuaram 66,62%, alcançando nove milhões de US\$. De 2007 a 2009, as importações voltaram a crescer, contudo em 2010 houve queda de cerca da metade do valor importado em 2009.

A soja (posição SH4 1201) foi o produto mais relevante para o comportamento das importações de grãos, sementes e frutos. As importações de soja enfrentaram períodos de crescimento e retração, entretanto, durante os 11 anos estudados, a retração nas importações foi mais forte, provocando diminuição de 16,53%. Nos primeiros quatro anos, as importações cresceram 190,85%, atingindo 40 milhões de US\$. A partir de 2003, foram sucessivas quedas com tentativas de recuperação, que não conseguiam alcançar o valor importado no ano de 2003. Em 2010, a retração na compra de soja estrangeira aumentou, fazendo com que o valor importado caísse para 11 milhões de US\$. A soja é influenciada pelos mesmos fatores que o milho na mesorregião Oeste Catarinense.

As importações da seção IV cresceram 42,83%, saindo de nove milhões de US\$ em 2000 e atingindo 13 milhões de US\$ em 2010. Nos primeiros três anos, houve grande crescimento das importações da seção IV, na ordem de 31 milhões de US\$. Com exceção do ano de 2008, os demais foram anos de queda ou estagnação, refletindo em uma redução de 27 milhões de US\$ de 2002 a 2007, ou seja, uma queda de 65,96% no valor importado.

Os capítulos SH2 mais importantes para a seção foram os capítulos SH2 20 e 23, que agrupam preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas; resíduos e desperdícios das indústrias alimentares e alimentos preparados para animais, respectivamente. Juntos, esses dois capítulos SH2 representaram 99,56% do total importado pela seção IV.

Figura 24: Importações de Produtos Hortícolas, de Frutas ou de Outras Partes de Plantas (Capítulo SH2 20), Resíduos e Desperdícios das Indústrias Alimentares e Alimentos Preparados para Animais (Capítulo SH2 23)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

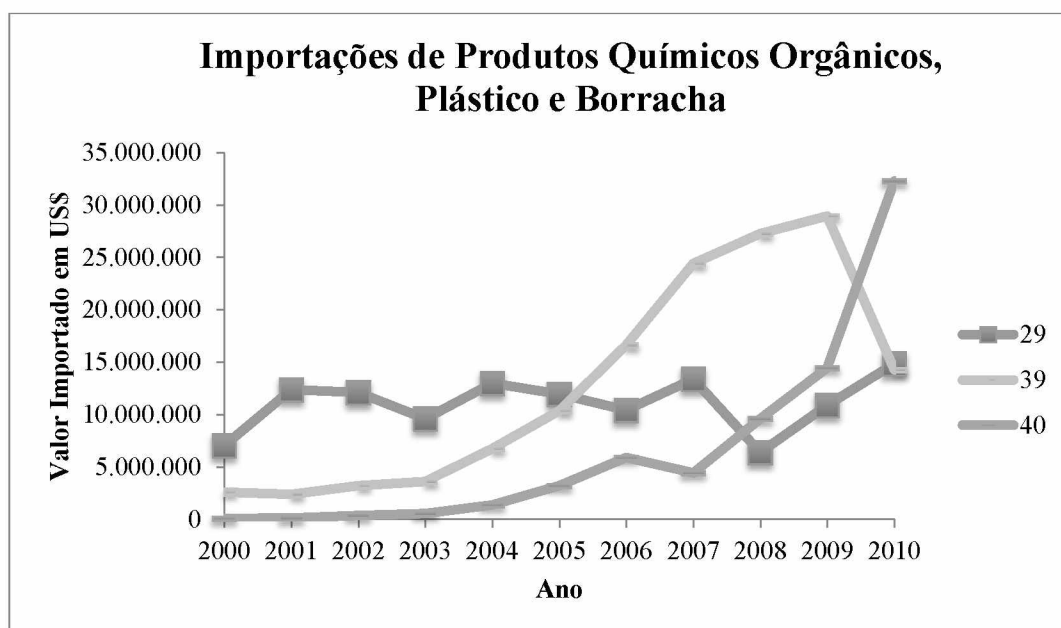
As importações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas cresceram 174,41% de 2000 a 2010, saindo de 1,2 milhões de US\$ no ano inicial para atingir 3,3 milhões de US\$ em 2010. O comportamento das importações desse capítulo foi muito variável, intercalando anos de retração e expansão. No primeiro triênio, ocorreu uma expansão de 1,3 milhão de US\$. De 2003 a 2008, o desempenho das importações foi oscilatório, chegando em 2008 em semelhança com o valor importado em 2002. No último biênio, houve aceleração do crescimento com posterior diminuição.

As importações de resíduos e desperdícios das indústrias alimentares e alimentos preparados para animais obtiveram uma retração na ordem de 2,65% no período de 2000 a 2010. No primeiro triênio, as importações cresceram quase 30 milhões de US\$, sendo este o pico de todo o período. De 2003 a 2007, as importações ou estavam em queda ou permaneciam praticamente estagnadas, caindo 72,94%. Em 2008, as importações se recuperaram em sete milhões de US\$, porém voltaram a enfrentar retrações nos anos seguintes. Foram os resíduos sólidos da extração de óleo de soja (posição SH4 2304) que enfrentaram a queda mais significativa, em torno de 45% de 2000 a 2010, sendo este o produto que mais influência manteve sobre a determinação do comportamento das importações do capítulo SH2 23.

As importações das seções V a VII cresceram de forma contínua e acelerada, obtendo um incremento de 497,81% de 2000 a 2010, alcançando 85 milhões de US\$ em 2010 contra 14 milhões de US\$ em 2000. Nos primeiros seis anos, o crescimento das importações dos produtos minerais e das indústrias químicas foi de 108,84%. Nos últimos cinco anos, as importações experimentaram forte crescimento na ordem de 118,77%.

Os capítulos SH2 que se mostraram mais relevantes para o entendimento da determinação do comportamento das importações das seções V a VII foram os capítulos SH2 29 (produtos químicos orgânicos), 39 (plásticos e suas obras) e 40 (borracha e suas obras).

Figura 25: Importações de Produtos Químicos Orgânicos (Capítulo SH2 29), Plástico (Capítulo SH2 39) e Borracha (Capítulo SH2 40)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de produtos químicos orgânicos cresceram 111,45% nos 11 anos estudados. Contudo, nesse período houve muitas oscilações no comportamento das importações. No ano de 2001, as compras de produtos químicos orgânicos do exterior cresceram 76,06% em relação ao ano anterior. Entretanto, tal fato não prosseguiu nos demais anos, sendo que somente em 2007 e 2010, o valor importado foi maior do que em 2001. No último biênio, as importações voltaram a crescer, porém não ultrapassaram a soma de 15 milhões de US\$.

As importações de plástico e suas obras cresceram 450,48% de 2000 a 2010, saindo de 2,5 milhões de US\$ no ano inicial para alcançar os 14 milhões de US\$ em 2010. Contudo, neste último ano ocorreu uma queda de mais de 50% em relação a 2009, o que fez com que o valor importado ficasse abaixo do ocorrido em 2006. De 2001 a 2009, período de crescimento contínuo, as importações de plástico e suas obras cresceram 1118,76%, explicitando, dessa forma, o impacto negativo que o ano de 2010 exerceu sobre as importações do capítulo SH2 39 e a influência positiva da taxa de câmbio sobre as importações.

Os produtos que mais influenciaram as importações de plástico e suas obras foram os polímeros de etileno (posição SH4 3901). As importações desses polímeros se tornaram significativas apenas após 2005, quando se aprofundou a apreciação da moeda nacional. Rapidamente, foi atingida a soma de 20 milhões, em 2008. Entretanto, no último biênio, houve queda de 58,38% no valor importado, atingindo a soma de sete milhões de US\$.

As importações de borracha e suas obras cresceram de forma muito acelerada, saindo 72 mil de US\$ em 2000 para 32 milhões de US\$ em 2010. Tal expansão ganhou força de 2008 em diante. Apenas em 2007, houve queda no valor importado. Praticamente toda a importação de borracha e suas obras teve como produtos os pneumáticos. A posição SH4 4011(pneumáticos novos de borracha) cresceu 2640,73% de 2000 a 2010, alcançando a soma de 31 milhões de US\$ e se tornando o capítulo SH4 que mais foi importado na mesorregião Oeste Catarinense em 2010.

5.4 MESORREGIÃO SERRANA

A mesorregião Serrana se transformou em um centro de produção pecuária, assentada nas médias e grandes propriedades. Desde o início da colonização se conformou um sistema econômico baseado na produção pecuária extensiva e na exploração da madeira nativa. A partir da segunda metade do século XX, as atividades madeireiras ganharam impulso com a instalação na região de empresas de grande porte nos ramos de papel e celulose (MATTEI, 2011, p.5).

No setor primário, observa-se que a atividade pecuária ainda é extensiva e de baixa produtividade. Na bovinocultura de leite houve melhoramento genético do rebanho e da adoção de novas técnicas de manejo, resultando em elevação da produtividade. Na área agrícola a região se destaca na produção de alho, maçã, milho, feijão, batata e soja (MATTEI, 2011, p.6).

No setor secundário, observa-se a retomada das atividades ligadas a madeira, sendo que os ramos de papel e de celulose se constituem num dos segmentos industriais mais competitivos do estado. Verifica-se também a expansão do ramo da indústria moveleira. (MATTEI, 2011, p.6).

No setor terciário, observa-se uma concentração das atividades comerciais nas cidades polos (Lages, São Joaquim e Curitibanos), porém sendo um setor com menor participação relativa devido às características econômicas regionais. (MATTEI, 2011, p.6).

5.4.1 Comércio Exterior da Mesorregião Serrana

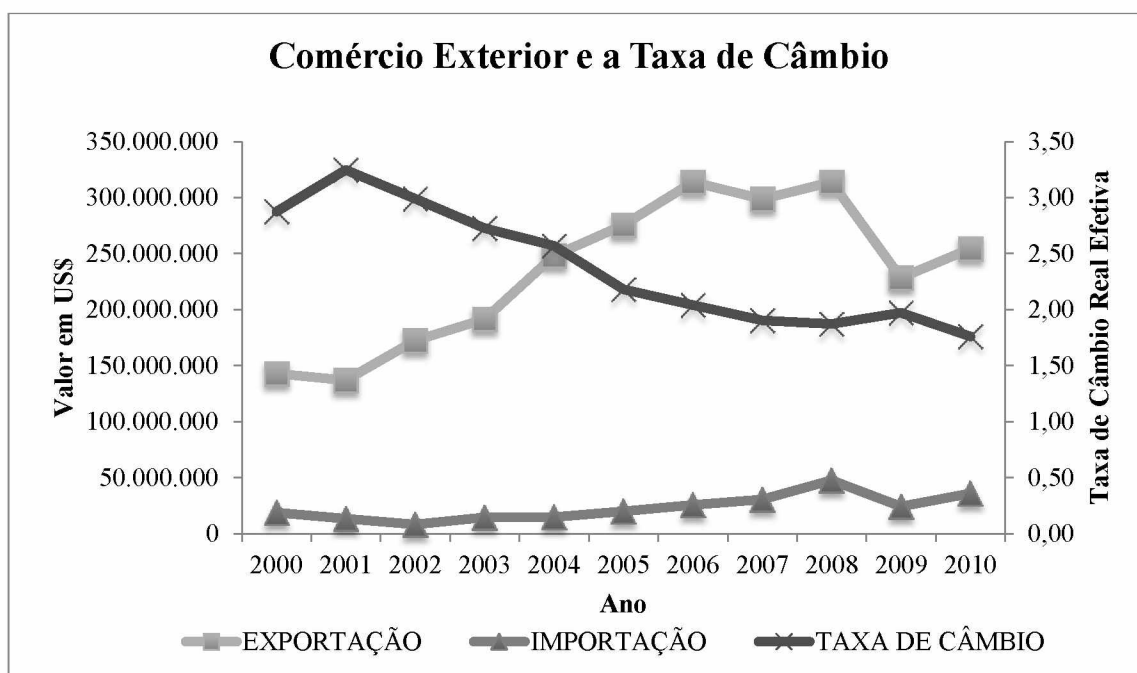
A análise do comércio exterior da mesorregião Serrana tem como período os anos de 2000 a 2010. Nos 11 anos estudados, as trocas comerciais do exterior com a mesorregião Serrana cresceram de forma moderada, não chegando a dobrar as importações e nem as exportações.

Tabela 6: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Serrana

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	254.385.141	35.962.291	218.422.850	290.347.432
2009	228.136.679	24.035.308	204.101.371	252.171.987
2008	313.579.323	47.687.094	265.892.229	361.266.417
2007	298.490.697	30.445.662	268.045.035	328.936.359
2006	313.644.757	25.638.542	288.006.215	339.283.299
2005	275.279.317	19.791.372	255.487.945	295.070.689
2004	248.022.459	14.764.976	233.257.483	262.787.435
2003	191.511.906	14.567.120	176.944.786	206.079.026
2002	172.255.873	8.242.761	164.013.112	180.498.634
2001	136.799.077	13.442.776	123.356.301	150.241.853
2000	142.880.071	18.846.164	124.033.907	161.726.235

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 26: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA e Aliceweb2/MDIC

As exportações cresceram 78,04% entre 2000 e 2010. Esse resultado ocorreu devido a alguns anos de queda, mais especificamente, aos anos de 2007 a 2009, quando o valor exportado caiu 18,89% em comparação com 2006. Diferentemente dos anos terminais, nos primeiros sete anos, houve uma expansão considerável na ordem de 119,52%, incrementando em 170 milhões de US\$ as exportações.

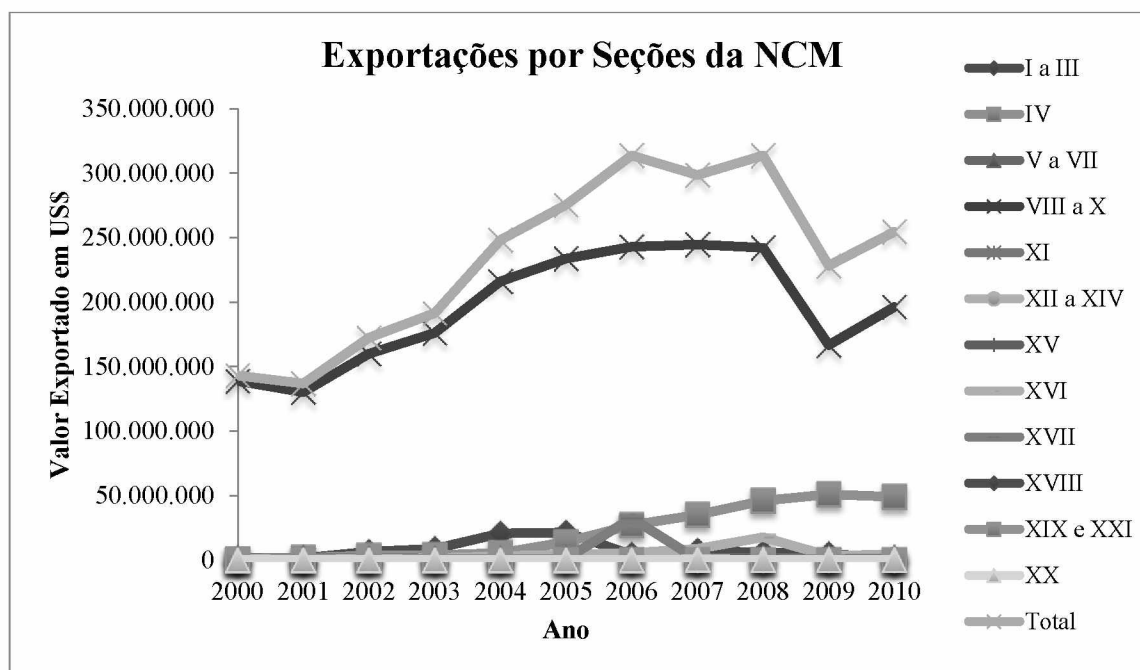
As importações cresceram mais que as exportações. A taxa de crescimento das importações foi de 90,82% durante todo o período, atingindo o pico de 47 milhões de US\$ em 2007. Apesar do crescimento maior das importações, elas ainda são significativamente menores em comparação com as exportações, correspondendo em média a apenas 9,7% das exportações. O período de maior crescimento das importações foi verificado entre 2003 e 2008, obtendo um taxa de 227,36%. Contudo, no ano de 2009, as importações recuaram a metade do ano anterior, recuperando-se em 2010, mas ficando aquém do valor importado em 2008.

O saldo comercial e a corrente de comércio tiveram comportamentos semelhantes às variáveis abordadas acima, o primeiro cresceu 76,10% e a segunda cresceu 79,53% durante os anos 2000 a 2010. O período de 2007 a 2009 foi o de maior queda para as duas variáveis, com retração de 29,13% para o saldo comercial e 25,68% para a corrente de comércio.

5.4.2 Exportações da Mesorregião Serrana

As exportações da mesorregião Serrana se concentraram durante o período 2000 a 2010 nas seções IV e VIII a X. A seção IV agrupa os produtos das indústrias alimentares, bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres, tabaco e seus sucedâneos manufaturados. As seções VIII a X englobam as peles, couros, peleteria e suas obras, artigos de correeiro ou de seleiro, artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes, obras de tripa, madeira, carvão vegetal e obras de madeira, cortiça e suas obras, obras de espartaria ou de cestaria.

Figura 27: Exportações da Mesorregião Serrana por Seções da NCM

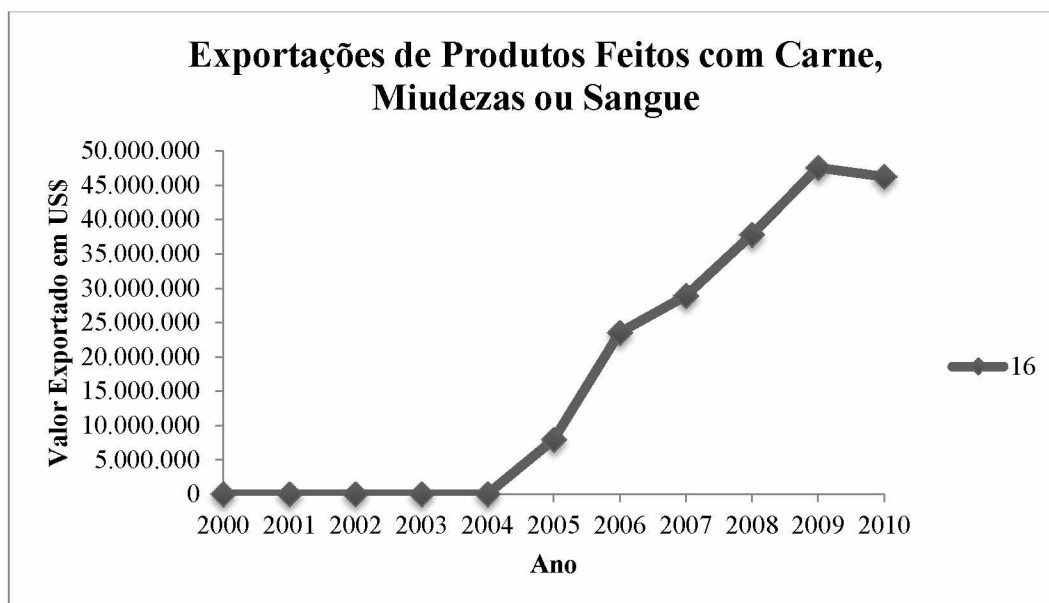


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações da seção IV eram insignificante no conjunto das exportações da mesorregião Serrana em 2000, representando 0,39% do total exportado. A partir de 2004, as exportações dos produtos pertencentes a essa seção cresceram vultuosamente, em torno de 800% nos últimos sete anos do período. No ano de 2010, houve uma pequena queda de 3,99%, mas as exportações permaneceram na casa dos 50 milhões de US\$, consolidando a importância da seção IV para as exportações da mesorregião Serrana.

A seção IV possui como capítulo SH2 determinante ao seu desempenho, o capítulo SH2 16. Nele estão contidos os itens: preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos. Esse capítulo teve um crescimento de 484,25% entre 2005 e 2010, aumentando a sua representação no total exportado da seção IV em 37 pontos percentuais, sendo responsável por 94,55% das exportações da seção em 2010.

Figura 28: Exportações de Produtos Feitos com Carne, Miudezas ou Sangue (Capítulo SH2 16)



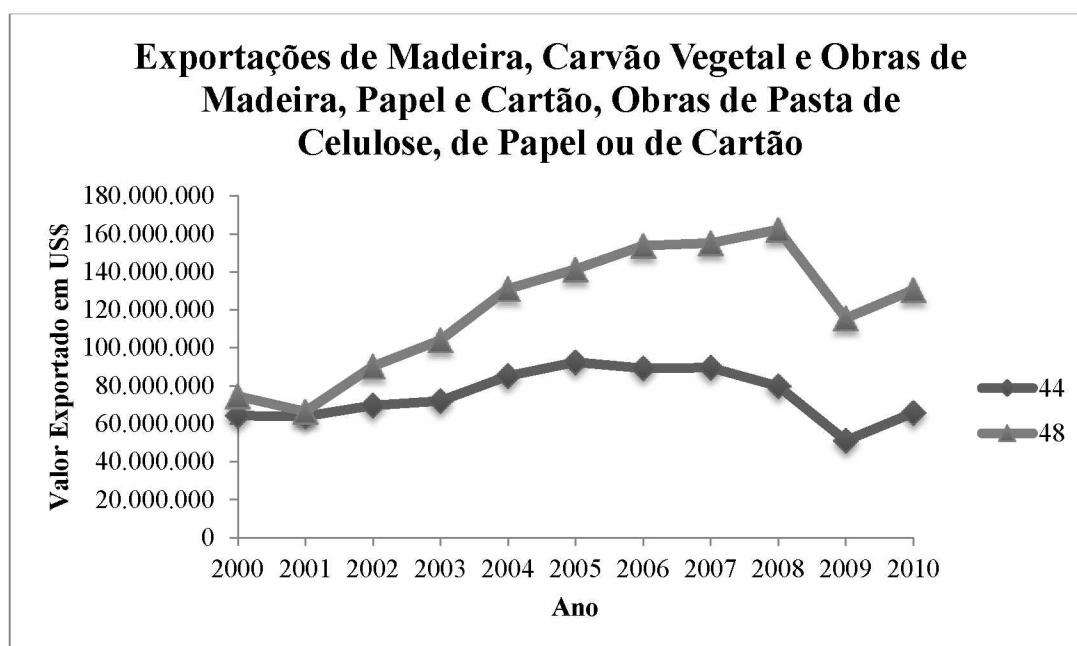
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Os principais produtos exportados pelo capítulo SH2 16 são os produtos feitos com carne (miudezas ou sangue). As exportações desses produtos se tornaram relevantes somente após 2005, quando alcançou a soma exportada de 7,9 milhões de US\$. Os anos seguintes foram de crescimento acelerado com leve queda em 2010. Contudo, de 2005 a 2010, pode-se afirmar que as exportações do capítulo SH4 1604 cresceram 485%, saindo de 7,9 milhões de US\$ para alcançar 46 milhões de US\$.

As seções VIII a X corresponderam a praticamente todas as exportações realizadas em 2000, representando 97,04% do total exportado naquele ano. As exportações de outras seções apresentaram crescimento, diminuindo a importância relativa das seções VIII a X, mas estas continuaram a se expandir. A partir de 2006, o crescimento se tornou horizontal, ou seja, levemente estagnado, revertendo-se para retração em 2008 e 2009, reflexo da diminuição da competitividade externa em função da apreciação do câmbio. Em 2010, as exportações das seções VIII a X caíram 15,99% em comparação com 2005. A representatividade dessas seções no total exportado também caiu, atingindo 77,13%, vinte pontos percentuais a menos em relação a 2000.

As seções VIII a X possuem como capítulos SH2 determinantes ao comportamento de suas exportações, os capítulos SH2 44 e 48. No capítulo SH2 44 estão contidos os itens: madeira, carvão vegetal e obras de madeira. O capítulo SH2 48 engloba papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão. A partir de 2001, iniciou-se um distanciamento das exportações desses capítulos, através do desempenho ínfimo alcançado pelo capítulo SH2 44 e pelo crescimento das exportações do capítulo SH2 48.

Figura 29: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SH2 44), Papel e Cartão, Obras de Pasta de Celulose, de Papel ou de Cartão (Capítulo SH2 48)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de madeira, carvão vegetal e obras de madeira tiveram um crescimento muito pequeno de apenas 2,30% durante os 11 anos estudados. Nos primeiros seis anos, as exportações conseguiram alcançar a casa de 90 milhões de US\$, porém recuaram 28,83% nos anos seguintes, atingindo 65 milhões de US\$ em exportações em 2010. Os produtos que mais influenciaram esse desempenho foram as madeiras serradas ou endireitada longitudinalmente (posição SH4 4407) e ferramentas e utensílios diversos de madeira (posição SH4 4417).

As exportações de madeiras serradas ou endireitadas longitudinalmente sofreram uma retração nas exportações na ordem de 46,16%, ou seja, uma queda de 11 milhões de US\$ de 2000 a 2010, saindo de 24 milhões de US\$ para 12 milhões de US\$ em 2010. Com exceção dos anos de 2001 e 2010, todos os demais resultaram em quedas das exportações de madeira.

As exportações de ferramentas e utensílios diversos de madeira cresceram 162,18% de 2000 a 2010. As exportações desses produtos cresceram fortemente até 2006, alcançando a soma de 25 milhões de US\$. No ano de 2009, ocorreu uma queda considerável devido à crise, derrubando em 34,15% as vendas para o exterior. Contudo, no último ano do período houve recuperação de 27,27%.

Observa-se a diminuição das exportações de produtos de madeira menos industrializados, com a compensação do aumento das vendas ao exterior de ferramentas e utensílios de madeira, que possuem maior valor agregado e proporcionam mais efeitos de encadeamento. Contudo, essa troca na exportação de variedades de produtos feitos de madeira não se deu de forma suave, refletindo na queda do valor exportado pelo capítulo SH2 44, em função da dificuldade que a taxa de câmbio apreciada impôs as exportações.

As exportações de papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão obtiveram um crescimento de 79,84% entre 2002 e 2008, que representa um incremento de 72 milhões de US\$ em exportações. No início do período, as exportações do capítulo SH2 48 representavam aproximadamente metade do total das seções VIII a X, em 2010 elas representam dois terços de todas as exportações dessas seções. Entre os motivos que levaram a esse desempenho estão a opção da China por aumentar a compra de matéria-prima brasileira e a implantação na mesorregião de indústrias de grande porte (BRACELPA, 2008, p. 4). Os produtos mais importantes foram papel e cartão kraft (posição SH4 4804) e caixas e diversas embalagens de papel e outros materiais (posição SH4 4819).

As vendas ao exterior de papel e cartão kraft pertencentes a posição SH4 4804 cresceram 39,18%, saindo de 65 milhões de US\$ para 91 milhões de US\$. O crescimento das exportações só não foi maior por causa da grande queda ocorrida no ano de 2009, que diminuiu em 42 milhões de US\$ os valores exportados, reflexo da crise econômica internacional.

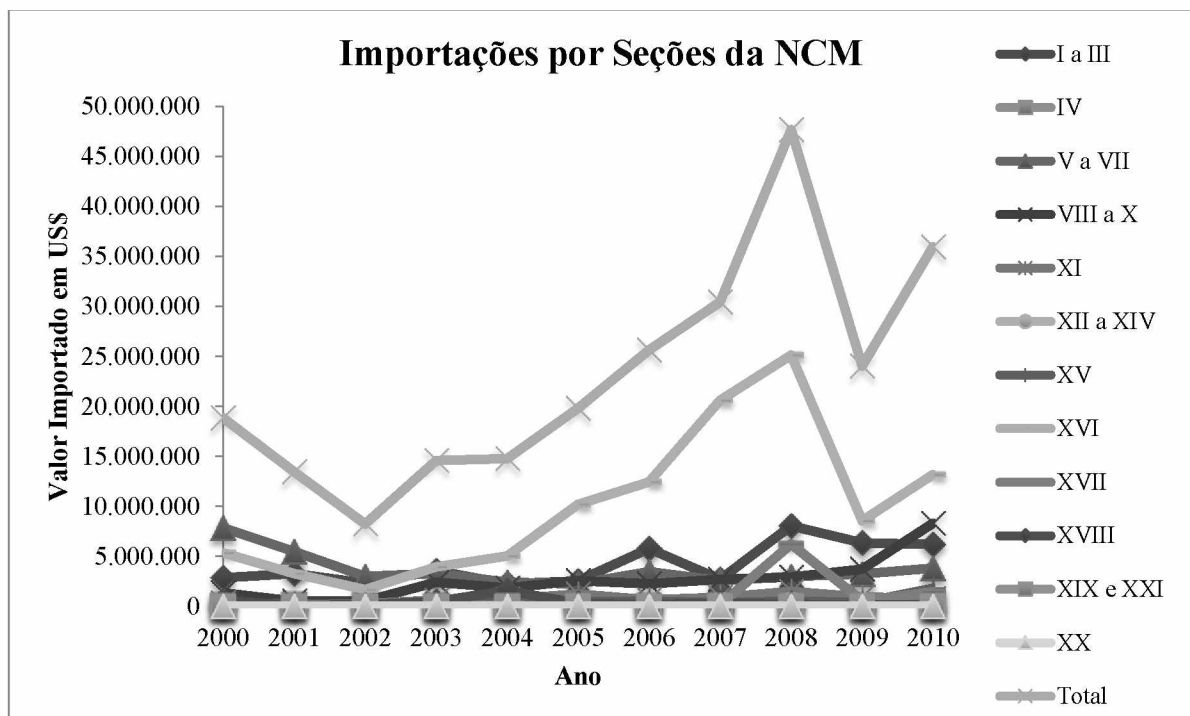
As exportações de caixas e diversas embalagens de papel e outros materiais cresceram 891,90% de 2000 a 2010. Durante os oito primeiros anos, as exportações saíram da casa dos

3,5 milhões de US\$ para atingir 41 milhões de US\$ em 2007. Nos últimos três anos, as exportações caíram, atingindo a soma de 36 milhões de US\$ em 2010.

5.4.3 Importações da Mesorregião Serrana

As importações da mesorregião Serrana tiveram diversas seções que se mostraram importantes em diferentes anos, sendo as mais importantes as seções I a III e XVI. As seções I a III incluem os animais vivos e produtos do reino animal, do reino vegetal, gorduras, óleos e ceras animais e vegetais. A seção XVI agrupa máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos.

Figura 30: Importações da Mesorregião Serrana por Seções da NCM

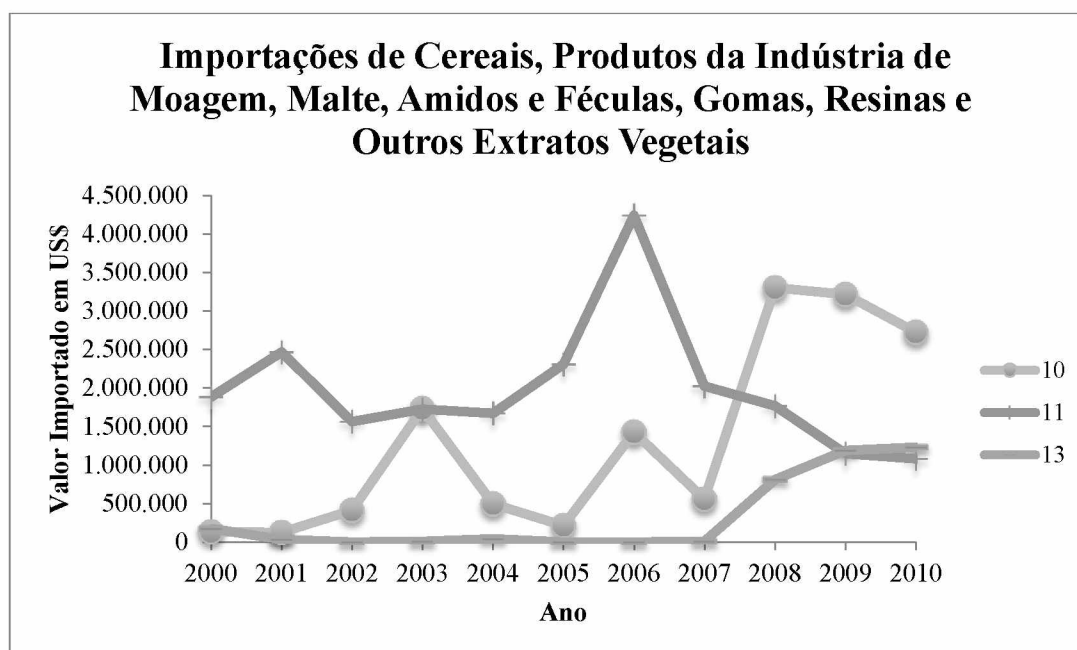


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções I a III cresceram 117,55% durante o período de 2000 a 2010, atingindo seis milhões de US\$ no último ano. Entretanto, grande parte desse crescimento se deveu ao desempenho das importações no ano de 2008. Nos anos anteriores a 2008, as importações das seções I a III recuaram 5,24%.

No comportamento das importações das seções I a III, destacam-se como relevantes para análise os capítulos SH2 10, 11 e 13, que englobam os cereais; os produtos da indústria de moagem, malte, amidos e féculas, inulina e glúten de trigo; gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais; respectivamente.

Figura 31: Importações de Cereais (Capítulo SH2 10), Produtos da Indústria de Moagem, Malte, Amidos e Féculas (Capítulo SH2 11), Gomas, Resinas e Outros Extratos Vegetais (Capítulo SH2 13)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de cereais tiveram comportamento muito oscilatório durante os 11 anos estudados, tal fato se deveu ao comportamento dos preços dos cereais, que são ajustados internacionalmente. A taxa de crescimento de 2000 a 2010 foi de 1952,11%, devido à importação ínfima do ano inicial. Os anos de crescimento ocorreram em número menor que os

de retração, porém foram mais intensos. Os anos de retração das importações de cereais mais fortes foram os anos de 2004, 2005, 2007 e 2010.

O produto mais relevante para as importações de cereais foi o milho (posição SH4 1005), que cresceu 91,98% entre 2003 e 2010. O crescimento verificado foi descontínuo, ocorrendo períodos de grande expansão e de retração. De 2005 a 2006, as importações de milho cresceram em um milhão de US\$, incremento de mais de 500%. No ano seguinte, houve grande retração com recuperação no ano imediatamente posterior. Em 2010, as importações cresceram aproximadamente 22%, atingindo a 2,5 milhões de US\$.

As importações dos produtos da indústria de moagem (capítulo SH2 11) regrediram de 2000 a 2010 em torno de 43%, saindo de 1,8 milhão de US\$ em 2000 para um milhão de US\$ em 2010. As importações do capítulo SH2 11 podem ser divididas em dois períodos, um de expansão (2003-2006) e um de retração (2007-2010). De 2003 a 2006, as importações dos produtos da indústria de moagem cresceram 145,88%, atingindo quatro milhões de US\$ em 2006. A retração das importações se iniciou em 2007, ocasionando uma queda de 46,69% até 2010.

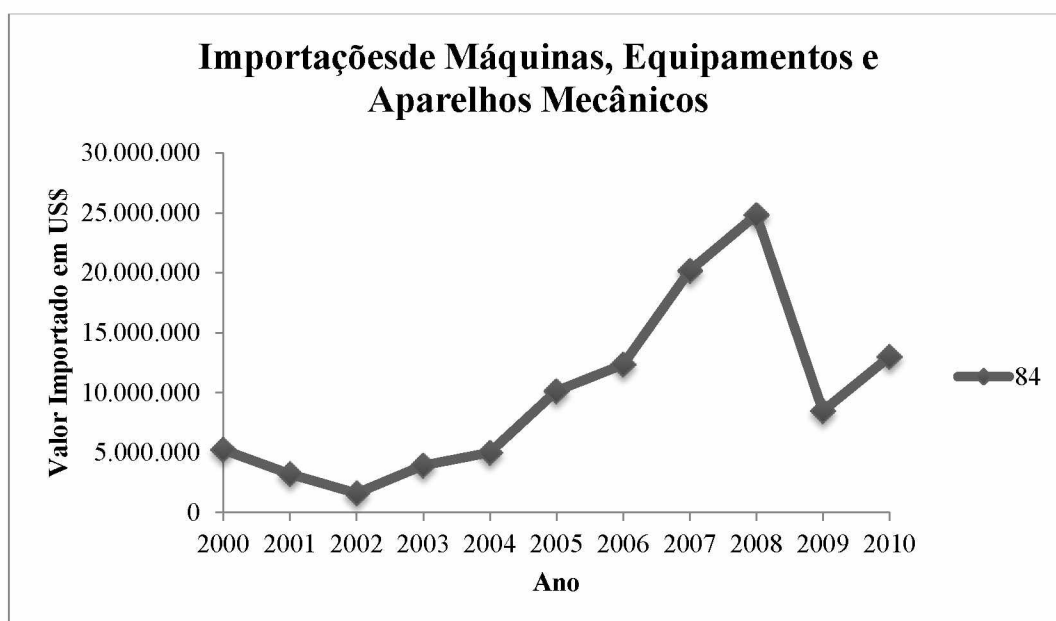
O malte (posição SH4 1107) foi o produto mais importante nas importações do capítulo SH2 11. As importações de malte acumularam uma queda de 42,71% durante todo o período estudado. Os anos nos quais ocorreram aumentos das importações foram os anos de 2005 e 2006, atingindo nesse último o maior valor de todo o período, 3,8 milhões de US\$. Contudo, nos anos seguintes as quedas prosseguiram e em 2010 as importações atingiram a pequena soma de um milhão de US\$.

As importações de gomas, resinas e outros extratos vegetais tiveram um crescimento de 619,14% de 2000 a 2010. A expansão se concentrou no último triênio do período, atingindo a soma de 1,2 milhão de US\$. A participação das importações do capítulo SH2 13 no total das importações das seções I a III cresceu treze pontos percentuais, saindo de 6,02% do total das seções para 19,90%.

A seção XVI foi a definidora do comportamento das importações da mesorregião Serrana. Essa seção apresentou grande crescimento, mais especificamente de 146,55% de 2000 a 2010. Porém, o crescimento iniciado a partir de 2002 foi interrompido em 2009, com a queda de 65,69% das importações, recuperando-se parcialmente em 2010. Das importações da

seção XVI, apenas as ocorridas no capítulo SH2 84 se mostraram relevantes, representando em média 98,63% do total importado por essa seção.

Figura 32: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de máquinas, equipamentos e aparelhos mecânicos cresceram 147,48% de 2000 a 2010. Porém, essa expansão não foi contínua durante todos os anos. No primeiro triênio, as importações caíram 69,47%, atingindo a pequena soma de 1,6 milhão de US\$. Seguiram-se a esse período anos de expansão contínua e acelerada, com crescimento de 533,51% de 2003 a 2008, alcançando o valor importado de 24 milhões de US\$, refletindo a taxa de câmbio favorável a compra de máquinas do exterior. Entretanto, a expansão não prosseguiu devido à crise econômica internacional, caindo o valor exportado para oito milhões de US\$. Em 2010, ocorreu certa recuperação, porém permanecendo o valor importado muito abaixo do nível alcançado em 2008.

Os produtos mais importantes para a determinação das importações de máquinas, equipamentos e aparelhos mecânicos foram: outras máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga ou de movimentação (posição SH4 8428); máquinas e aparelhos para colheita ou debulha de produtos agrícolas (posição SH4 8433); outras máquinas e aparelhos, para o trabalho da pasta de papel, do papel ou do cartão (posição SH4 8441).

As importações de máquinas e aparelhos de elevação, de carga, de descarga ou de movimentação (posição SH4 8428) foram muito oscilantes, sendo insignificativas até 2005. No ano seguinte atingiram o valor de 3,5 milhões de US\$, porém em 2009 foram reduzidas a zero, crescendo no ano seguinte para 2,2 milhões de US\$.

As importações de máquinas e aparelhos para colheita (posição SH4 8433) cresceram abruptamente, saindo de três mil US\$ em 2000 para quatro milhões de US\$ em 2010. Os dois períodos de maior crescimento ocorreram de 2002 a 2004 e de 2008 a 2010.

As importações de máquinas e aparelhos para o trabalho da pasta de papel, do papel ou do cartão (posição SH4 8441) eram pouco significativas e muito oscilantes até 2005. Nesse ano as importações alcançaram a soma de cinco milhões de US\$, crescendo para 11 milhões de US\$ dois anos depois. Porém, sucessivas quedas em 2008 e 2009, derrubaram a importação de máquinas e aparelhos utilizados na indústria de papel e celulose, atingindo a ínfima quantia de 169 mil US\$. Em 2010, houve certa recuperação com 2,5 milhões de US\$ importados em comparação com o ano anterior. A importação dessas máquinas está diretamente ligada as indústrias de papel e celulose, que são importantes exportadoras para a mesorregião Serrana.

5.5 MESORREGIÃO SUL CATARINENSE

A mesorregião Sul catarinense, liderada pelas cidades de Criciúma, Tubarão, Laguna e Araranguá, teve a agricultura como atividade econômica básica no início da colonização, com a exploração carbonífera dominando posteriormente o cenário econômico. A exploração

carbonífera atingiu o seu auge em meados dos anos de 1980, quando existiam na região 11 empresas mineradoras de grande porte. Porém, com a liberalização das importações no começo dos anos de 1990 a exploração carbonífera entrou em colapso e a mesorregião diversificou a base produtiva (MATTEI, 2011, p.9).

O setor primário detém papel importante em âmbito estadual. Dentre os principais produtos cultivados, destacam-se o milho, o arroz e o fumo, além da criação de suínos e aves e a bovinocultura de leite, participando com aproximadamente 11% na formação do valor bruto da produção agropecuária estadual (MATTEI, 2011, p.9).

O setor secundário apresenta uma dinâmica econômica diversificada, sendo avança o ramo dos não-metálicos, transformando a mesorregião no principal polo cerâmico do país. Além disso, a expansão da indústria cerâmica fomentou o surgimento de outros setores industriais, como é o caso da indústria metalúrgica, química, de esmalte cerâmico, de embalagens plásticas, de materiais gráficos, etc. Merece destaque também a expansão da indústria do vestuário na mesorregião Sul Catarinense (MATTEI, 2011, p.10).

No setor terciário, o ramo turístico assume algum destaque, principalmente nos municípios de Laguna, Araranguá, Imbituba e Garopaba, além do complexo de águas termais de Gravatal. Também merecem destaque as atividades de serviços relacionadas à área portuária (porto de Imbituba) e ao ramo de comércio, sendo que Criciúma e Tubarão concentram as melhores praças comerciais (MATTEI, 2011, p.10).

5.5.1 Comércio Exterior da Mesorregião Sul Catarinense

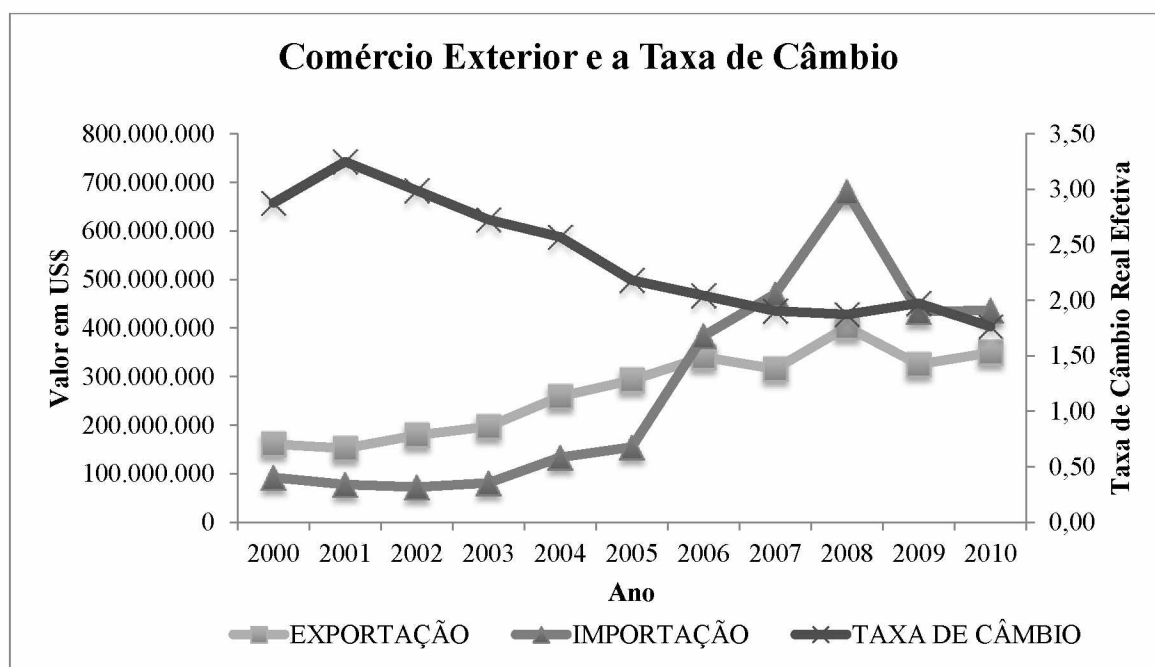
As relações comerciais da mesorregião Sul Catarinense com o exterior apresentaram dois comportamentos distintos. De 2000 a 2005, o desempenho das variáveis econômicas foi favorável para a mesorregião, com expansão das exportações e do saldo comercial. Os últimos cinco anos foram de redução dos valores exportados e importados, assim como do saldo comercial e da corrente de comércio.

Tabela 7: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Sul Catarinense

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	348.737.686	435.885.874	-87.148.188	784.623.560
2009	324.265.021	433.372.969	-109.107.948	757.637.990
2008	401.648.412	680.014.018	-278.365.606	1.081.662.430
2007	315.676.463	469.732.773	-154.056.310	785.409.236
2006	339.749.317	383.268.867	-43.519.550	723.018.184
2005	292.000.551	154.378.771	137.621.780	446.379.322
2004	258.412.736	133.271.072	125.141.664	391.683.808
2003	196.879.106	80.796.765	116.082.341	277.675.871
2002	179.080.045	71.940.161	107.139.884	251.020.206
2001	151.983.330	77.035.970	74.947.360	229.019.300
2000	160.043.001	91.999.059	68.043.942	252.042.060

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 33: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA e Aliceweb2/MDIC

As exportações cresceram 117,90% de 2000 a 2010. Nos sete primeiros anos, as exportações cresceram 112,29%, atingindo 339 milhões de US\$ em 2006. Nos últimos quatro anos, seguiram-se anos de quedas e expansões em 2007 e 2009 e em 2008 e 2010, respectivamente, reflexo da crise econômica internacional e da apreciação da taxa de câmbio.

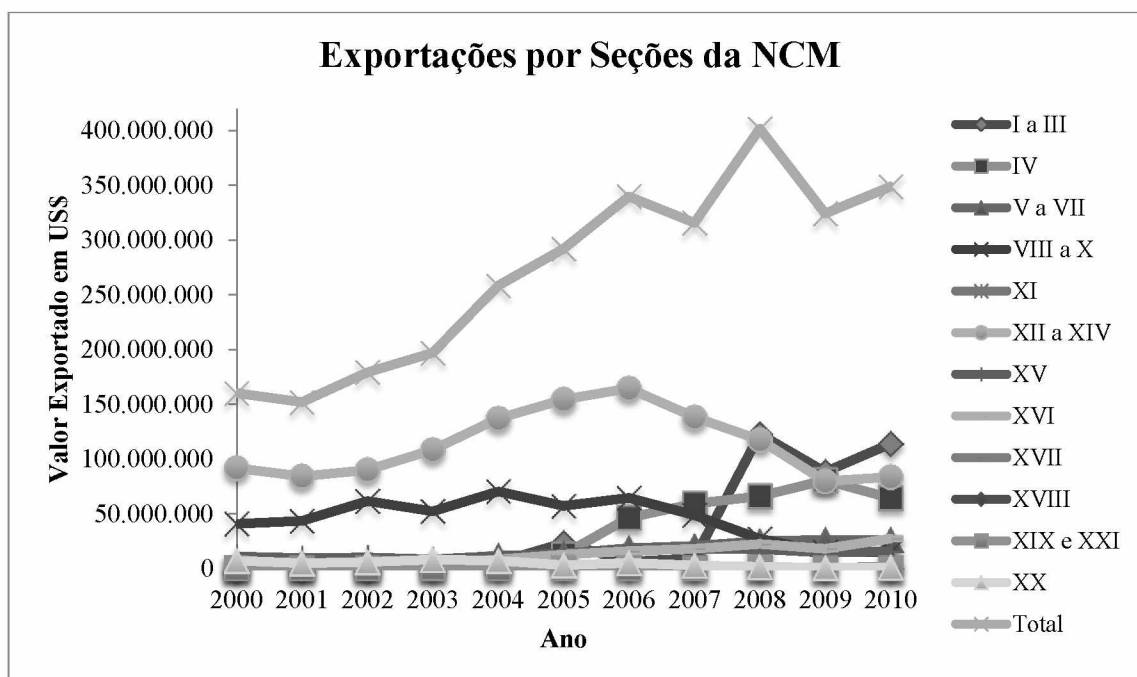
As importações se expandiram 373,79% durante todo o período estudado. O primeiro triênio foi de retração nas compras externas, com queda 20 milhões de US\$. De 2003 a 2008, as importações apresentaram crescimento contínuo e acelerado, a uma taxa de 741,64% no período. Em 2009, houve queda de 36,27% no valor importado, permanecendo estagnado em 2010.

O saldo comercial caiu 228,08% de 2000 a 2010, principalmente devido ao crescimento das importações. A corrente de comércio se expandiu 211,31%, por causa do crescimento das exportações e das importações.

5.5.2 Exportação da Mesorregião Sul Catarinense

As exportações da mesorregião Sul Catarinense se concentraram nas seções I a III, IV, VIII a X e XII a XIV, no período de 2000 a 2010. As seções I a III tem como itens animais vivos e produtos do reino animal, do reino vegetal, gorduras e óleos e ceras. A seção IV engloba os produtos das indústrias alimentares, bebidas e tabaco. As seções VIII a X agrupam peles, couros, madeira, carvão vegetal e obras de madeira. As seções XII a XIV possuem como produtos calçados, chapéus, obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica, produtos cerâmicos, vidro, pérolas, pedras preciosas, semipreciosas e metais preciosos.

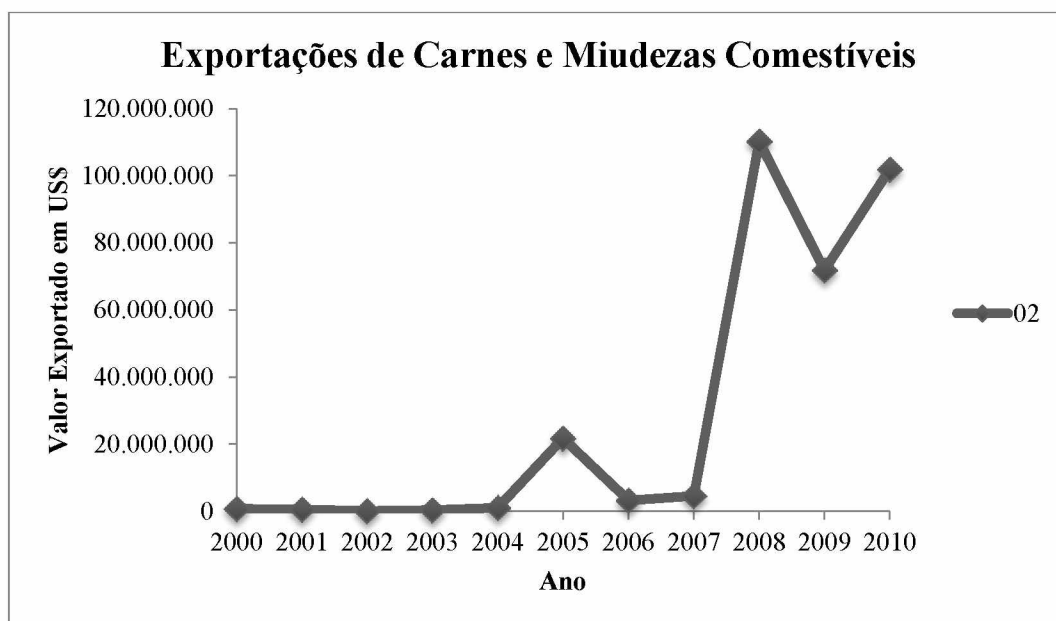
Figura 34: Exportações da Mesorregião Sul Catarinense por Seções da NCM



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações das seções I a III cresceram 9400,93% durante os anos estudados, saindo de 1,1 milhão de US\$ em 2000 para 113 milhões de US\$ em 2010. Apenas durante os anos de 2006 e 2009, ocorreram quedas nos valores exportados. Nos demais anos, a expansão das vendas para o exterior dos produtos das seções I a III se consolidaram, principalmente em 2008, quando alcançaram o pico do período com 122 milhões de US\$.

O capítulo SH2 que se apresentou como relevante para o entendimento do comportamento das seções I a III foi o capítulo 02. Nesse capítulo estão incluídos itens preparados com carnes e miudezas comestíveis. Em 2010, o capítulo SH2 02 representou 89,42% do total exportado pelas seções I a III.

Figura 35: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

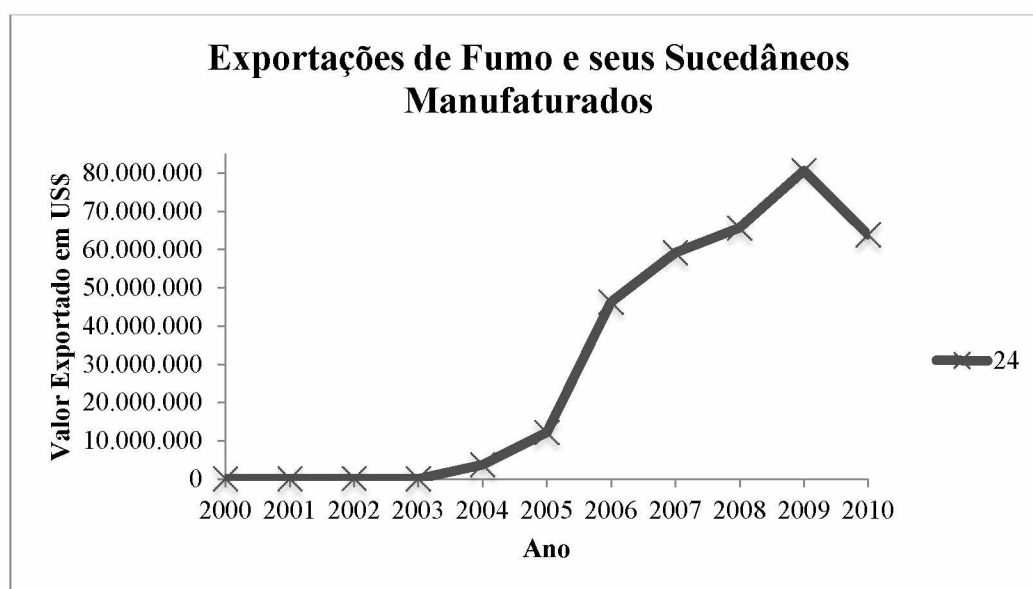
As exportações de carnes e miudezas comestíveis eram irrelevantes até 2004. Em 2005, elas alcançaram a soma de 21 milhões de US\$, frente ao irrisório 0,6 milhão de US\$ de 2000. De 2005 a 2010, as exportações avançaram 369,41%, alcançando o pico em 2008 com 110 milhões de US\$. Nesse período, houve quedas fortes em 2006 (85%) e em 2009 (34%).

As exportações de carnes de aves (posição SH4 0207) foram as mais relevantes para o desempenho do capítulo SH2 02. As exportações de carnes de aves se tornaram relevantes a partir de 2008, quando alcançaram a soma exportada de 90 milhões de US\$. Em 2009, com a crise econômica internacional, as exportações recuaram 26,31%, baixando para 66 milhões de US\$. No último ano, houve recuperação frente ao alcançado em 2008, atingindo a 101 milhões de US\$.

As exportações da seção IV só se tornaram significativas a partir de 2004, quando atingiram a casa de quatro milhões de US\$, crescendo até o último ano estudado 1624,15%. Portanto, grande parte do período foi de expansão, porém com recuo de 20,4% em 2010, fazendo com que o valor exportado se situasse em 64 milhões de US\$, 16 milhões a menos do que o ocorrido no ano imediatamente anterior.

O capítulo SH2 que se apresentou como relevante para o entendimento do comportamento da seção IV foi o capítulo 24. Nesse capítulo estão incluídos fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados. Em 2010, o capítulo SH2 24 representou 99,50% do total exportado pela seção IV, atingindo 63 milhões de US\$.

Figura 36: Exportações de Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Capítulo SH2 24)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

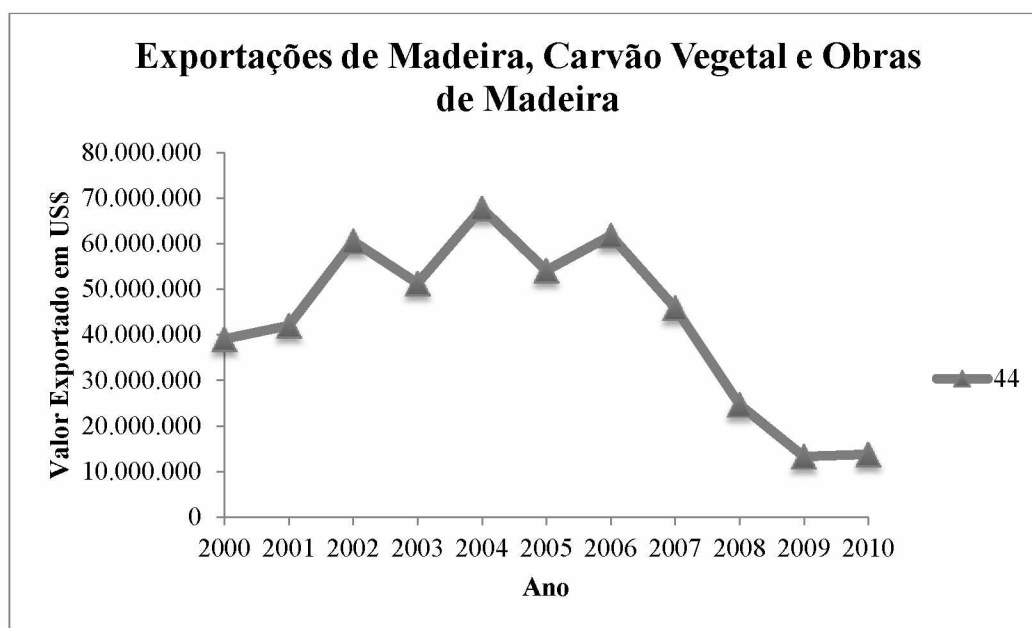
As exportações de fumo e seus sucedâneos cresceram vertiginosamente após 2003. A taxa média de crescimento anual foi de 91,27% de 2004 a 2010, com crescimento de 60 milhões de US\$ entre esses anos. Apenas em 2010, houve recuo nas exportações de fumo e seus derivados manufaturados, quando ocorreu queda de 22,74% no valor exportado.

As exportações de fumo e seus sucedâneos foram determinadas pelo tabaco não manufaturado (posição SH4 2401), que obteve crescimento de 1615,70% de 2003 a 2010, saindo de três milhões de US\$ e alcançando 63 milhões de US\$, devido a implantação de indústrias de beneficiamento do fumo na cidade de Araranguá (SINDITABACO, 2010, p.13). Entretanto, o crescimento se verificou até 2009, em 2010 as exportações de tabaco não manufaturado caíram 20,74%, ou seja, 17 milhões de US\$ a menos que no ano anterior.

As exportações das seções VIII a X recuaram 62,99% nos 11 anos estudados. Nos primeiros cinco anos, ocorreu uma expansão de cerca de 30 milhões de US\$. Entretanto, foram nos últimos anos que as exportações recuaram fortemente, diminuindo 73,64% em relação ao ano de 2005, alcançando 15 milhões de US\$ em 2010, em função da apreciação da moeda nacional que reduziu a competitividade dos produtos dessas seções.

Para as seções VIII a X, o capítulo que apresentou maior importância na determinação do comportamento do conjunto das exportações foi o capítulo SH2 44, que possui como produtos a madeira, carvão vegetal e obras de madeira. Esse capítulo representou 91,49% das exportações das seções VIII a X em 2010.

Figura 37: Exportações de Madeira, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Capítulo SH2 44)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

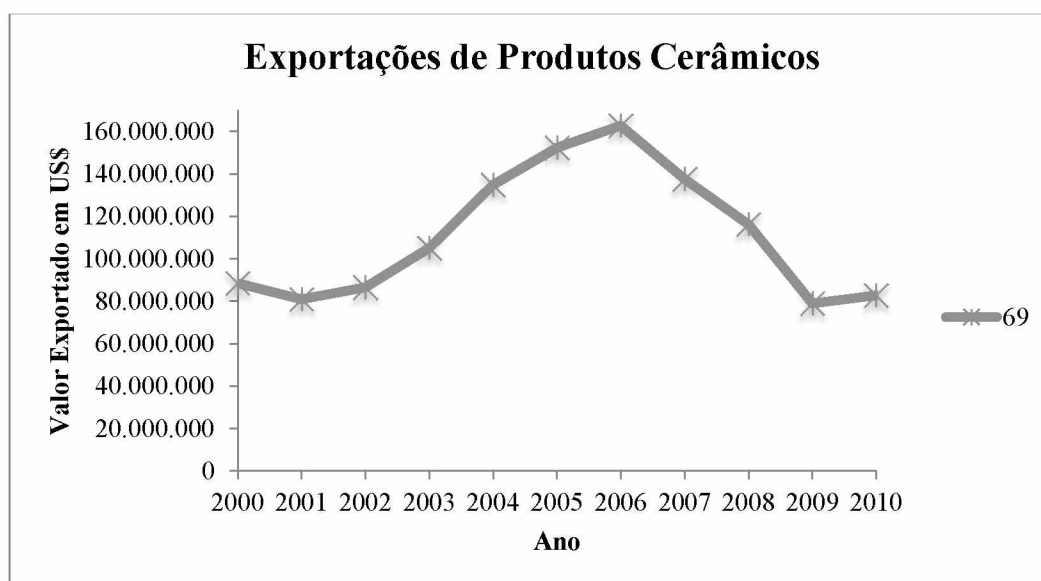
As exportações de madeira, carvão vegetal e obras de madeira se retraíram 64,76% de 2000 a 2010. Como pode ser observado no gráfico acima, as exportações de madeira, carvão vegetal e obras de madeira iniciaram o período na casa dos 40 milhões de US\$, terminando em 2010 com pouco mais de 10 milhões de US\$ em exportações. Até 2006, seguiram-se anos de expansão e retração, com muitas oscilações. Após 2006, as quedas se tornaram contínuas,

abrangendo os anos de 2007, 2008 e 2009. No último ano, houve um pequeno crescimento na ordem de 3%.

As exportações da posição SH4 4421 foram as condicionantes do desempenho das exportações do capítulo SH2 44. As exportações de diversas obras de madeira pertencentes a essa posição caíram 6% durante todo o período, porém até 2006 os anos foram de crescimento acelerado, que foi derrubado nos anos seguintes. Nos sete primeiros anos, as exportações da posição SH4 4421 cresceram 401,26%, atingindo 44 milhões de US\$ em 2006. Nos últimos anos, o desempenho desse capítulo se reverteu bruscamente caindo 76,15% e atingindo em 2010 a ínfima soma de oito milhões de US\$ exportados.

As exportações das seções XII a XIV também apresentaram retração, porém menor que a ocorrida com as seções VIII a X. O recuo foi de 8,95%, ou seja, aproximadamente oito milhões de US\$. Até 2007, as exportações cresceram 79,41%, mas foi nos demais anos que a retração se mostrou forte em função do aprofundamento da apreciação da taxa de câmbio somado a crise econômica internacional. Desse ano em diante, as exportações caíram 81 milhões de US\$, ou seja, perderam 49,25% do valor exportado em 2007. Os produtos cerâmicos (capítulo SH2 69) foram os mais significativos, representando 98,98% das exportações totais dessas seções em 2010.

Figura 38: Exportações de Produtos Cerâmicos (Capítulo SH2 69)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

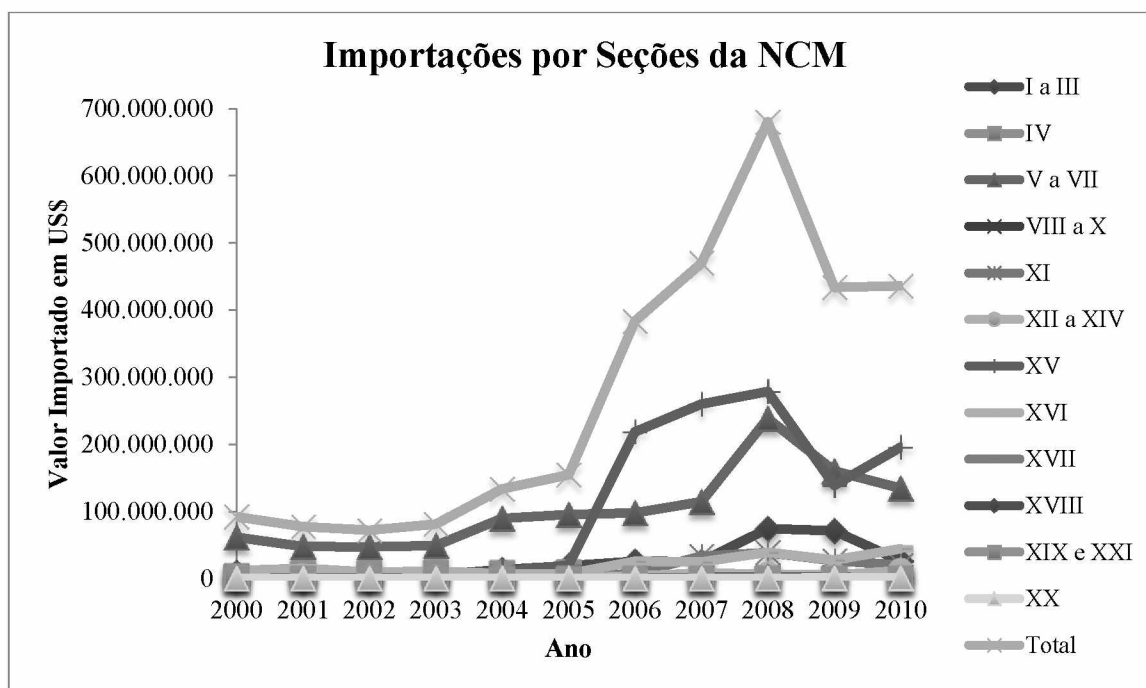
Observando o gráfico, o período de 2000 a 2010 pode ser dividido em dois subperíodos, o primeiro termina no ano de 2006 e o segundo vai de 2007 a 2010. Nos sete primeiros anos, as exportações de produtos cerâmicos cresceram 84,01%, atingindo 162 milhões de US\$. Nos últimos quatro anos, as exportações do capítulo SH2 69 caíram 39,87%, fazendo com que a taxa de crescimento do capítulo durante todo o período fosse negativa na ordem de 6,48%.

As exportações dos ladrilhos e placas vidrados ou esmaltados (posição SH4 6908) são os produtos mais importantes para a determinação do capítulo SH2 69. Esses produtos apresentaram queda de 8,95% entre 2000 e 2010. Nos sete primeiros anos, as exportações de ladrilhos e placas vidrados ou esmaltados cresceram 80,39%, atingindo a soma de 258 milhões de US\$. Nos últimos anos, houve queda brusca de mais de 40%, apenas levemente revertida em 2010, quando houve uma pequena expansão de 4%, fazendo com que se fechasse o último ano com 79 milhões de US\$ em exportações de ladrilhos e placas esmaltadas ou vidradas.

5.5.3 Importações da Mesorregião Sul Catarinense

As importações da mesorregião Sul Catarinense se concentraram em duas seções, nas seções V a VII e XV. As seções V a VII agrupam os capítulos SH2 25 ao 40, que tem como itens os produtos minerais, produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas, plásticos e suas obras e borracha e suas obras. A seção XV engloba os capítulos SH2 72 ao 83, que possuem como produtos os metais comuns e suas obras.

Figura 39: Importações da Mesorregião Sul Catarinense por Seções da NCM

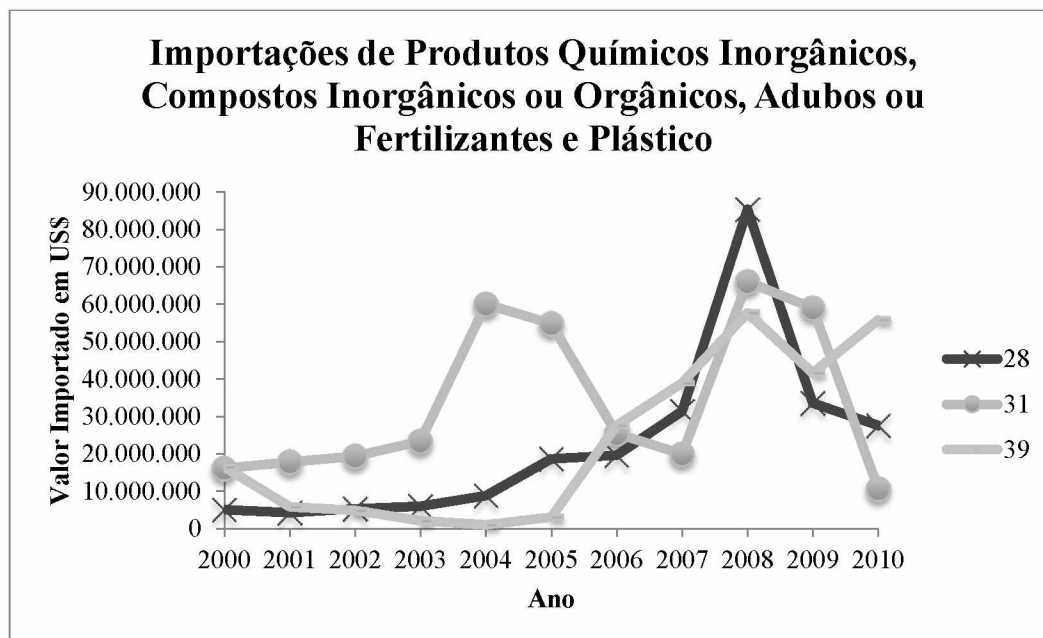


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções V a VII cresceram 118,19% durante o período estudado, saindo de 61 milhões de US\$ em 2000 e atingindo 134 milhões de US\$ em 2010. O período de maior crescimento foi de 2003 a 2008, com taxa de incremento de 384,31%, alcançando o pico de 238 milhões de US\$ em 2008, influenciada pela apreciação da moeda nacional. No último biênio, as importações das seções V a VII sofreram efeito da crise econômica internacional e recuaram 43,65% frente a 2008.

Os capítulos SH2 que se mostraram relevantes para entender o comportamento das importações das seções V a VII foram os capítulos 28, 31 e 39. O capítulo SH2 28 possui como itens os produtos químicos inorgânicos, compostos inorgânicos ou orgânicos de metais preciosos, de elementos radioativos, de metais de terras raras ou de isótopos. No capítulo SH2 31 estão agrupados os adubos ou fertilizantes. O capítulo SH2 39 possui como elemento o plástico e suas obras.

Figura 40: Importações de Produtos Químicos Inorgânicos, Compostos Inorgânicos ou Orgânicos (Capítulo SH2 28), Adubos ou Fertilizantes (Capítulo SH2 31) e Plástico (Capítulo SH2 39)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de produtos e compostos inorgânicos cresceram 452,41% nos 11 anos estudados, saindo da casa dos cinco milhões de US\$ em 2000 para 27 milhões de US\$ em 2010. O período de maior crescimento nas importações do capítulo SH2 28 foi verificado de 2002 a 2008, quando a taxa de crescimento atingiu 1530,93%, alcançando a soma de 85 milhões de US\$. Todavia, no último biênio, as importações caíram 67,71%.

As importações de adubos ou fertilizantes caíram 34,02% de 2000 a 2010, saindo de 16 milhões de US\$ e atingindo 10 milhões de US\$ em 2010. O período de maior crescimento das importações do capítulo SH2 31 foi observado até o ano de 2004, quando as importações somaram 60 milhões de US\$. Depois desse ano, ocorreram sucessivas quedas, com exceção de 2008.

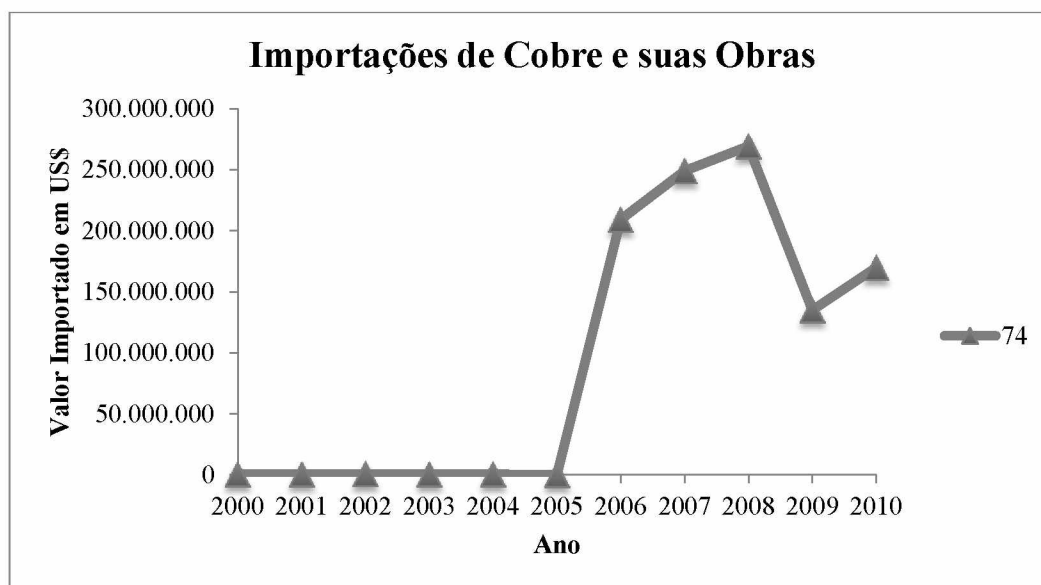
Os produtos mais relevantes nas importações de adubos ou fertilizantes foram os adubos minerais ou químicos. As importações da posição SH4 3105 cresceram 174,81% durante todo o período estudado. Entretanto, essa taxa de crescimento não reflete fielmente o ocorrido durante os 11 anos. Nos três primeiros anos, as importações de adubos minerais ou

químicos se mantiveram praticamente estagnadas. No biênio seguinte, as importações cresceram substancialmente, saindo de três milhões de US\$ em 2000 para 39 milhões em 2004, crescimento de 1121,78%. Contudo, nos demais anos, houve retração nas importações da posição SH4 3105, diminuição de 77,51% em comparação a 2004.

As importações de plástico e suas obras cresceram 238,72% durante todo o período, entretanto, o crescimento não foi uniforme. No primeiro quinquênio, as importações caíram 93,97%, atingindo menos de um milhão de US\$ em 2004. Contudo, nos últimos seis anos, as importações de plástico e suas obras cresceram abruptamente, saindo de três milhões em 2005 e atingindo 55 milhões em 2010.

Foram as importações de artigos de transporte ou embalagens de plástico (posição SH4 3923) que impulsionaram as importações do capítulo SH2 39, nos últimos anos do período estudado. Até 2005, as importações de artigos de transporte ou embalagens permaneceram irrelevantes, quando atingiram a ínfima soma de 194 mil US\$. Em 2006, as compras de artigos de plástico cresceram para 25 milhões de US\$. Nos anos seguintes, seguiram-se expansões, com exceção 2009, quando a queda verificada ficou em torno de 20%. De 2006 a 2010, a taxa de crescimento observada 49,32% no valor importado.

A seção XV possuía importações insignificantes até 2003, com apenas um milhão de US\$ importados. A partir do ano de 2004, as importações cresceram vertiginosamente, atingindo o pico de 278 milhões de US\$ em 2008. De 2004 a 2008 foi verificado o período de maior crescimento, com taxa de incremento de 2606,17%. Entretanto, no último biênio as importações caíram 29,83% frente a 2008, diminuindo o valor importado para 195 milhões de US\$. As importações da seção XV concentraram-se no capítulo SH2 74, que possui como produtos o cobre e obras feitas com cobre. Esse capítulo representou 86,75% das importações totais da seção XV no ano de 2010.

Figura 41: Importações de Cobre e suas Obras (Capítulo SH2 74)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de cobre e suas obras cresceram exponencialmente após 2005, saindo de 110 mil US\$ importados naquele ano para 209 milhões de US\$ em 2006. De 2006 a 2008, as importações de cobre e suas obras se expandiram 28,68%, atingido o pico de 269 milhões de US\$ em 2008. Com a crise econômica internacional, as importações recuaram 49,86% em 2009, recuperando-se no ano seguinte, porém acumulando uma queda de 36,96% em 2010 frente ao ano de 2008.

As importações de cobre afinado e ligas de cobre em forma bruta (posição SH4 7403) determinaram o comportamento das importações do capítulo SH2 74 a partir de 2006. Antes desse ano não existiram importações desses produtos. Em 2006, as importações de cobre e ligas em formas brutas se expandiram em 208 milhões de US\$, saindo de zero no ano anterior. O crescimento continuou nos dois anos seguintes, entretanto, em 2009, houve queda de quase 50% no valor importado. Em 2010, ocorreu recuperação de 25,73%, atingindo 169 milhões de US\$.

5.6 MESORREGIÃO VALE DO ITAJAÍ

Na mesorregião Vale do Itajaí as primeiras indústrias implantadas foram a alimentar e a têxtil. A partir de 1880, foram criadas fábricas desses produtos por imigrantes em Blumenau e Brusque, alçando à condição de principal polo industrial estadual (MATTEI, 2011, p.8).

No pós-guerra houve uma intensificação do crescimento industrial, ganhando importância, além do ramo têxtil, as indústrias metalúrgicas, fumageira, alimentícia e da madeira, sendo que os dois últimos ramos decresceram em importância econômica no final do século XX (MATTEI, 2011, p.8).

A mesorregião Vale do Itajaí se articula a partir de três microrregiões distintas: o Alto Vale do Itajaí (Ibirama e Rio do Sul), o Médio Vale (Blumenau e Brusque) e o Baixo Vale (Itajaí e zona litorânea). No Alto Vale predominam as atividades agropecuárias, enquanto que em Blumenau e Brusque predominam as atividades indústrias mais importantes da região e, finalmente, no Baixo Vale predominam as atividades ligadas ao porto de Itajaí e ao complexo turístico, onde se destaca a cidade de Balneário Camboriú (MATTEI, 2011, p.8).

O setor primário da mesorregião Vale do Itajaí é bem diversificado e contribui significativamente com alguns produtos que colocam o estado na dianteira nacional. Dentre estes produtos, destacam-se o milho, arroz, fumo, banana e a cebola, além da criação de frangos, suínos e bovinocultura de leite (MATTEI, 2011, p.9).

O setor secundário é especializado (indústrias têxteis e de confecções) e é bem diversificado (mecânica, metal-mecânica, de materiais elétricos, do fumo, etc.). O ramo têxtil e do vestuário, apesar da crise enfrentada com a abertura comercial, detém os principais grupos empresariais nacionais, em sua maioria localizados em Blumenau e Brusque. Especificamente na região de Itajaí avançou a indústria de pescados (MATTEI, 2011, p.9).

O setor terciário alcançou maior importância, principalmente em função das atividades relacionadas ao setor de turismo, tanto do turismo litorâneo como das atividades turísticas relativas às tradições culturais de vários municípios da mesorregião. Além desse setor, destacam-se as atividades de serviços relativas ao complexo portuário e ao comércio regional (MATTEI, 2011, p.9).

5.6.1 Comércio Exterior da Mesorregião Vale do Itajaí

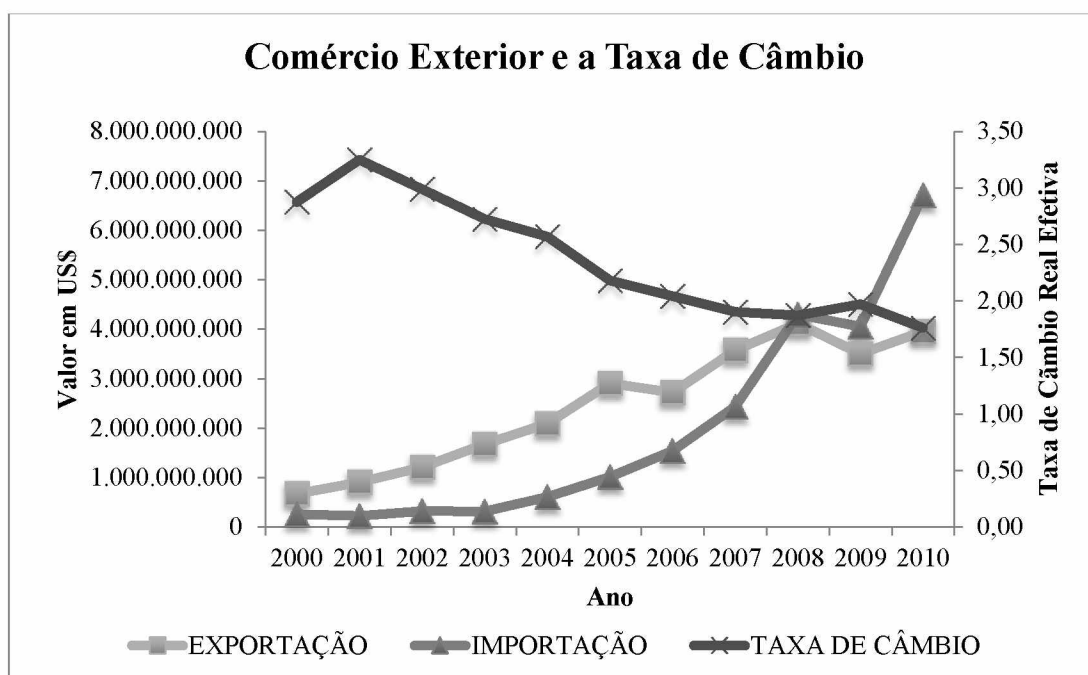
A análise do comércio exterior da mesorregião Vale do Itajaí tem como período de estudo os anos de 2000 a 2010. Nos 11 anos estudados, as trocas comerciais do exterior com a mesorregião Vale do Itajaí cresceram de forma acelerada, principalmente em relação às importações.

Tabela 8: Principais Variáveis do Comércio Exterior da Mesorregião Vale do Itajaí

ANO	EXPORTAÇÃO (US\$)	IMPORTAÇÃO (US\$)	SALDO COMERCIAL	CORRENTE DE COMÉRCIO
2010	3.954.841.603	6.707.768.219	-2.752.926.616	10.662.609.822
2009	3.497.041.688	4.052.393.296	-555.351.608	7.549.434.984
2008	4.113.920.505	4.293.765.780	-179.845.275	8.407.686.285
2007	3.571.685.543	2.428.109.869	1.143.575.674	5.999.795.412
2006	2.718.269.973	1.537.910.617	1.180.359.356	4.256.180.590
2005	2.901.989.518	1.013.974.155	1.888.015.363	3.915.963.673
2004	2.085.382.102	605.743.195	1.479.638.907	2.691.125.297
2003	1.674.423.330	311.761.312	1.362.662.018	1.986.184.642
2002	1.204.108.507	321.628.405	882.480.102	1.525.736.912
2001	899.393.810	223.880.410	675.513.400	1.123.274.220
2000	667.735.655	252.081.191	415.654.464	919.816.846

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Figura 42: Valor Exportado, Valor Importado e a Taxa de Câmbio Real Efetiva – IPA – OG – a Preços de 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA e do Aliceweb2/MDIC

As exportações da mesorregião Vale do Itajaí cresceram 492,28% durante os anos estudados, saindo de 0,6 bilhão de US\$ em 2000 para 3,9 bilhões de US\$ em 2010. O período de maior crescimento ocorreu de 2000 a 2005, quando as exportações sofreram um incremento de 307,09%. Nos últimos cinco anos, ocorreu maior oscilação no comportamento das vendas ao exterior, atingindo a taxa de 45,49% de crescimento.

As importações tiveram um crescimento exacerbado, alcançando a taxa de 2560,96% de 2000 a 2010, saindo de 250 milhões de US\$ no ano inicial para 6,7 bilhões de US\$ em 2010. Ocorreram alguns poucos anos de quedas no valor importado, porém não foram significativas para diminuir a intensidade do crescimento dos demais anos.

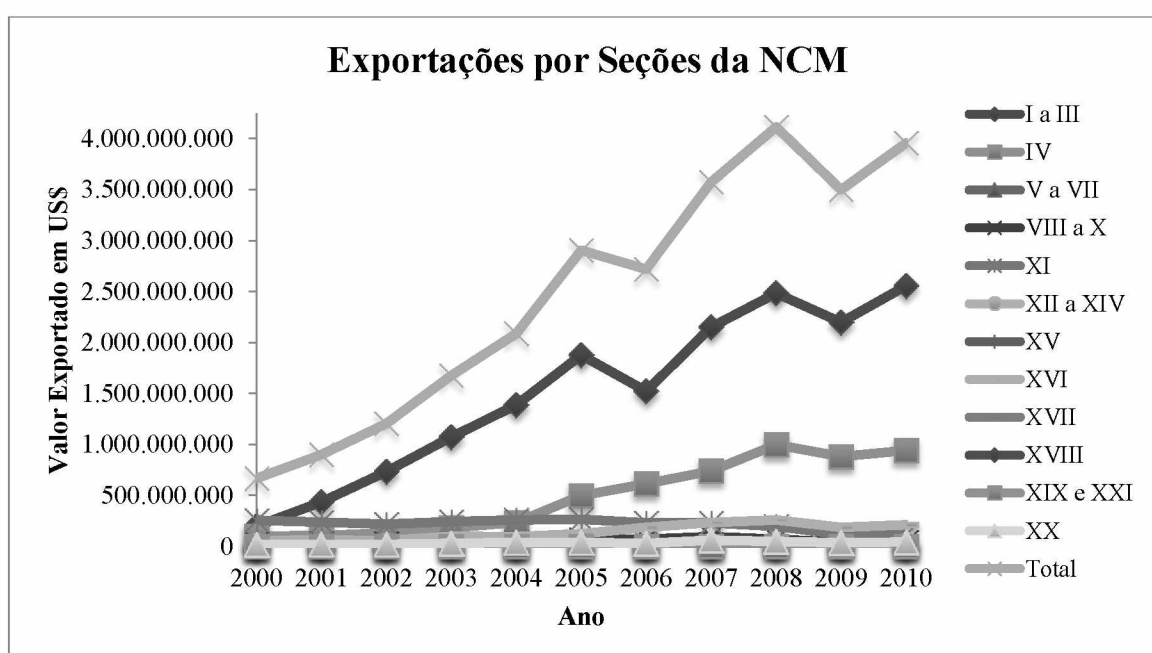
O saldo comercial sofreu retração de 762,31% de 2000 a 2010, enfrentando um déficit de 2,7 bilhões de US\$ no último ano. Tal fato se deve ao crescimento exacerbado das importações frente ao incremento das exportações em ritmo menor. Entretanto, o saldo comercial deficitário só apareceu a partir de 2008. Nos anos seguintes, aprofundou-se o déficit de forma crescente.

Com a expansão tanto das exportações quanto das importações, a corrente de comércio também cresceu a uma taxa alta, 1059,21% de 2000 a 2010. Dessa forma, ampliou-se a importância do comércio exterior na economia da mesorregião Vale do Itajaí.

5.6.2 Exportações da Mesorregião Vale do Itajaí

As exportações da mesorregião Vale do Itajaí se concentraram nas seções I a III, IV e XVI. As seções I a III (cap.SH2 01 ao 15) possuem com itens os animais vivos e produtos do reino animal, do reino vegetal, gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais. A seção IV (cap. SH2 16 ao 24) agrupa os produtos das indústrias alimentares, bebidas, tabaco e seus sucedâneos manufaturados. A seção XVI (cap. SH2 84 e 85) tem como bens os aparelhos e máquinas mecânicas e elétricas, respectivamente.

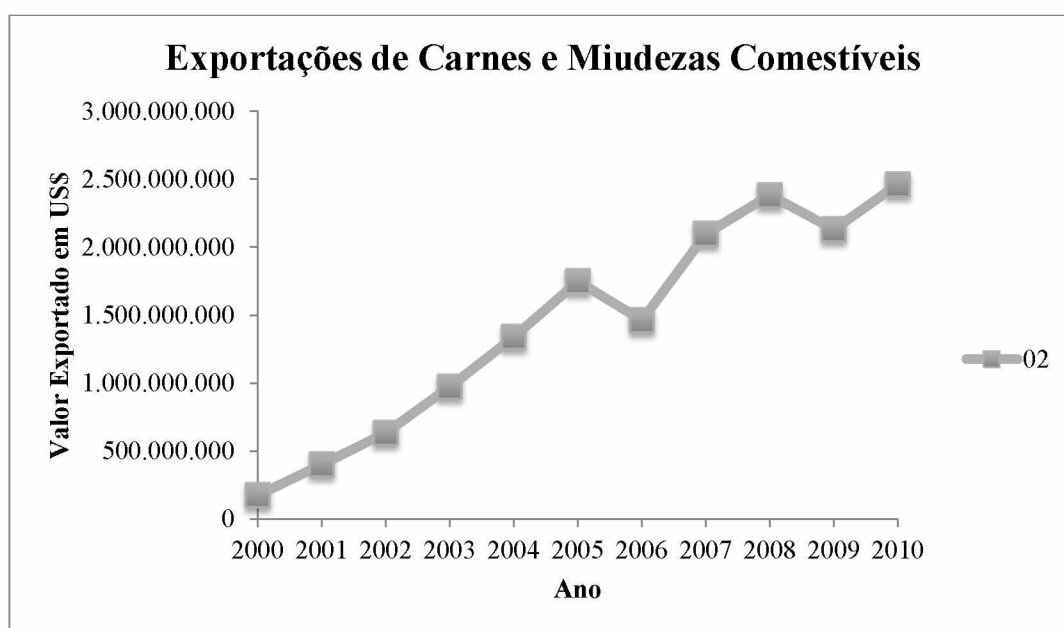
Figura 43: Exportações da Mesorregião Vale do Itajaí por Seções da NCM



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As seções I a III obtiveram um crescimento de 1186,14% de suas exportações durante os 11 anos estudados, saindo de 198 milhões de US\$ em 2000 para 2,5 bilhões de US\$ em 2010. O crescimento se apresentou em quase todos os anos, com exceção de 2006 e 2008. As seções I a III apresentaram como capítulo SH2 importante o capítulo 02, que tem como produtos as carnes e miudezas comestíveis.

Figura 44: Exportações de Carnes e Miudezas Comestíveis (Capítulo SH2 02)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de carnes e miudezas comestíveis cresceram 1321,23% de 2000 a 2010, saindo de 173 milhões de US\$ e atingindo 2,4 bilhões de US\$. O crescimento observado foi contínuo, tendo ocorrido retração nos valores exportados apenas em 2006 e 2009. Os produtos mais relevantes no desempenho das exportações do capítulo SH2 02 foram: carne suína (posição SH4 0203), carnes de aves (posição SH4 0207) e carnes salgadas, secas ou defumadas (posição 0210)³.

As exportações de carne suína cresceram 1723,60% de 2000 a 2010, saindo de 28 milhões de US\$ no ano inicial e alcançando 512 milhões de US\$ em 2010. Durante os 11

³ Os produtos pertencentes ao capítulo SH2 02 aparecem nos dados disponibilizados pelo Aliceweb2 do MDIC na mesorregião Vale do Itajaí devido a existência de dois portos, o de Itajaí e o de Navegantes.

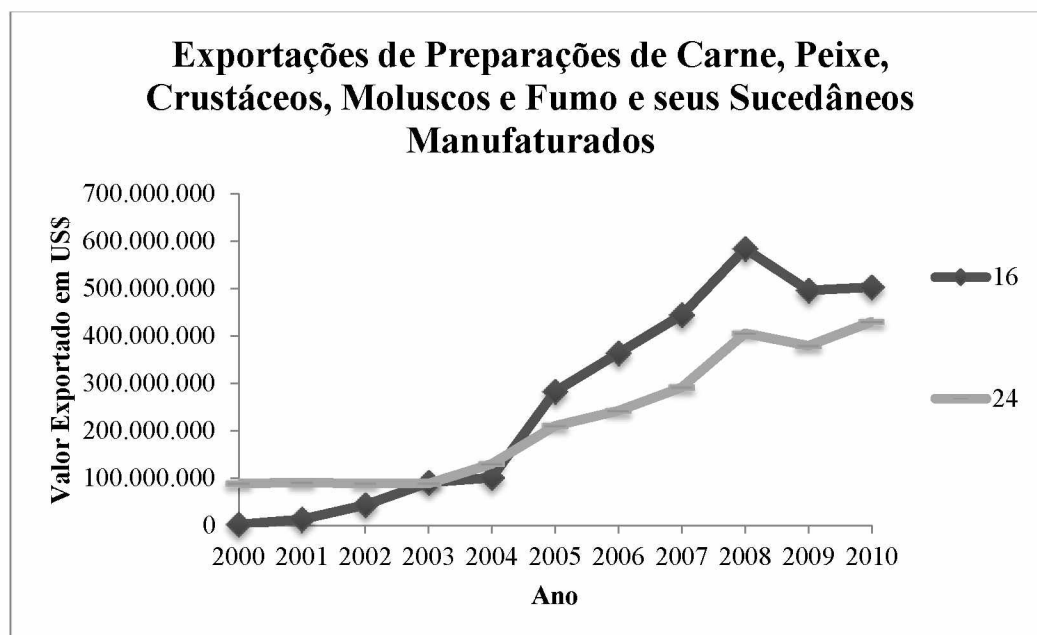
anos estudados, apenas em 2006 e 2009, ocorreram quedas significativas, 39,80% e 24,50%, respectivamente. Nos demais anos, o crescimento foi contínuo, demonstrando a crescente importância das exportações de carnes e seus derivados.

As exportações de carnes de aves cresceram 991,20% durante os 11 anos estudados. Essa taxa foi menor do que a taxa observada nas exportações de carne suína, porém, em valores absolutos, as exportações de carnes de aves são mais importantes devido ao grande valor exportado. As exportações saíram de 143 milhões de US\$ em 2000 para 1,5 bilhão de US\$ em 2010.

As exportações de carnes secas, salgadas e defumadas tinham pouca importância em relação às exportações totais das seções I a III no ano 2000. Entretanto, a partir de 2007, as exportações desses produtos cresceram consideravelmente, saindo de 30 mil US\$ em 2000 para 287 milhões de US\$ em 2010. Em 2009, houve uma pequena queda de 2,76% nas exportações desse capítulo, mas com isso não ocorreu mudança na tendência de crescimento.

As exportações da seção IV obtiveram alta taxa de crescimento de 2000 a 2010, na ordem de 836,64%, porém em valor absoluto, as exportações dessa seção são muito menores do que as das seções I a III. Apenas em 2008, ocorreu queda no valor exportado. Em 2010, os resultados foram positivos, atingindo os 939 milhões de US\$. As exportações da seção IV se concentram nos capítulos SH2 16 e 24, que agrupam preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, de moluscos ou de outros invertebrados aquáticos; fumo e seus sucedâneos manufaturados; respectivamente.

Figura 45: Exportações de Preparações de Carne, de Peixes, de Crustáceos, de Moluscos (Capítulo SH2 16), Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Capítulo SH2 24)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

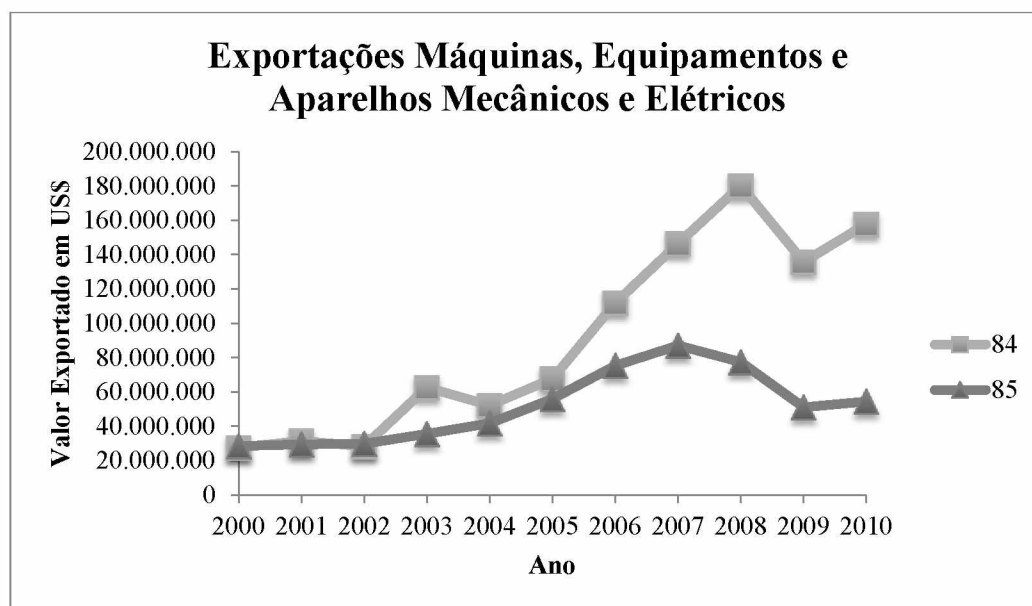
As exportações de preparações de carne, peixe, crustáceos e moluscos cresceram abruptamente no período compreendido entre o ano 2000 e 2010, saindo de um milhão de US\$ e atingindo meio bilhão de US\$ no final do período. Apenas em 2009 houve queda que permaneceu na ordem 15%. Esse crescimento se deve ao desempenho das exportações de diversas preparações e conservas de carnes, miudezas e sangue pertencentes à posição SH4 1602. Esses produtos não apresentaram exportações em 2000, mas atingiram 430 milhões de US\$ em 2010. O período de maior crescimento foi observado entre 2001 a 2008, quando nesse último ano as exportações alcançaram o pico de 505 milhões de US\$. No último biênio, seguiram-se duas quedas que representaram uma retração de 14,75% em relação ao ano de 2008.

As exportações de fumo e seus sucedâneos manufaturados cresceram 384,01% de 2000 a 2010. Durante os quatro primeiros anos, as exportações de fumo e seus sucedâneos manufaturados permaneceram estagnadas. Foram as exportações de tabaco não manufaturado (posição SH4 2401) que determinaram o comportamento do capítulo SH2 24. O maior crescimento das exportações de tabaco não manufaturado se observou de 2004 a 2010,

quando o valor exportado saiu de 129 milhões de US\$ para atingir 430 milhões de US\$ em 2010, devido a presença de indústrias de beneficiamento de fumo na cidade de Blumenau (SINDITABACO, 2010, p. 13).

As exportações da seção XVI cresceram 280,81% de 2000 a 2010, saindo de 55 milhões de US\$ para atingir 212 milhões de US\$. O período de 2004 a 2008 foi o de maior expansão das exportações de aparelhos e máquinas mecânicos e elétricos, atingindo nesse último ano 257 milhões de US\$. Contudo, com a crise econômica mundial, o ano de 2009 foi de retração nas exportações desses bens, com uma queda verificada de quase 30%. Esmiuçando a seção XVI, percebe-se que os dois capítulos SH2 que a integram são relevantes para o entendimento do comportamento das exportações da mesorregião Vale do Itajaí.

Figura 46: Exportações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos permaneceram em valores muito semelhantes até o ano de 2005, quando nenhum dos capítulos havia tomado à dianteira nas exportações. Desse ano em diante, iniciou-se um processo de crescimento acelerado das vendas de aparelhos e máquinas mecânicos pertencentes ao capítulo SH2 84,

saindo de 27 milhões de US\$ em 2000 para 157 milhões de US\$ em 2010, sendo liderado pelas exportações de bombas para líquidos e elevadores de líquidos (posição SH4 8413).

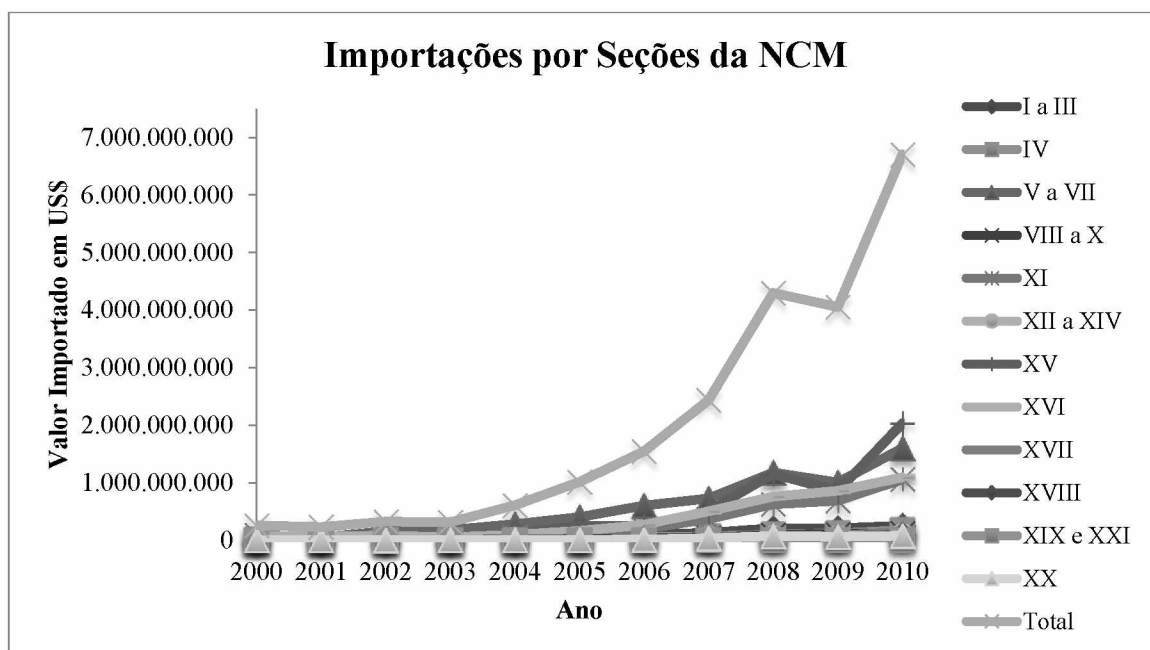
As exportações de máquinas, equipamentos e aparelhos elétricos obtiveram um crescimento de 26 milhões de US\$ de 2000 a 2010, perdendo importância relativa no conjunto das exportações da seção XVI, saindo de 50,82% em 2000 para 25,61% em 2010. Os produtos mais importantes para as exportações do capítulo SH2 85 se encontram na posição SH4 8511, na qual estão incluídos os aparelhos e dispositivos de ignição para motores de ignição. Esses bens representaram 82,31% dos produtos exportados pelo capítulo SH2 85 em 2010.

5.6.3 Importações da Mesorregião Vale do Itajaí

As importações da mesorregião Vale do Itajaí são muito diversificadas, tendo, portanto, diversas seções importantes. Ocorreu grande crescimento das importações dessa mesorregião, pesaram para que isso ocorresse o fato da apreciação da taxa de câmbio, a política tributária do estado de Santa Catarina e a existência de dois portos de grande importância, o porto de Itajaí e o de Navegantes. As principais seções importadas foram:

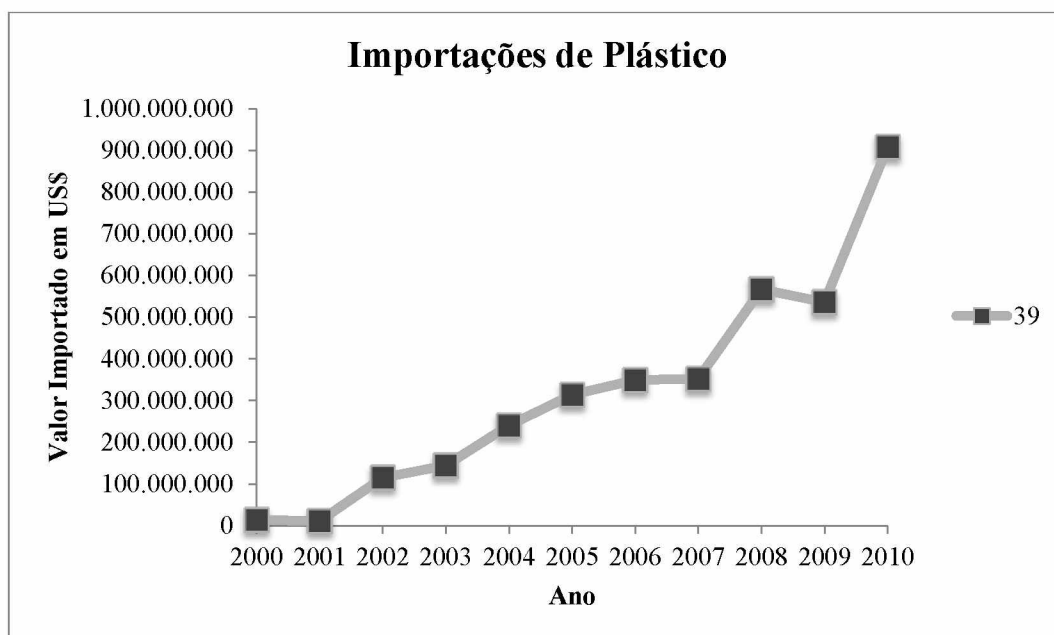
- Seção V a VII (cap. 25 ao 40) - Produtos minerais, produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas, plásticos e suas obras; borracha e suas obras;
- Seção XI (cap. 50 ao 63) - matérias têxteis e suas obras;
- Seção XV (cap. 72 ao 83) - metais comuns e suas obras;
- Seção XVI (cap. 84 e 85) - máquinas e aparelhos, equipamentos elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios.

Figura 47: Importações da Mesorregião Vale do Itajaí por Seções da NCM



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações das seções V a VII cresceram vertiginosamente entre 2000 e 2010, saindo 38 milhões de US\$ em 2000 para 1,5 bilhão de US\$ em 2010. Apenas em 2009, ocorreu uma queda de 14,71%, diminuindo em 173 milhões de US\$ as importações, que se recuperaram no ano seguinte. O capítulo SH2 mais relevante para a análise foi o capítulos 39, que tem como itens integrantes o plástico e suas obras. As importações de plástico e suas obras representaram 56,92% do valor importado total pelas seções V a VII.

Figura 48: Importações de Plástico e suas Obras (Capítulo SH2 39)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

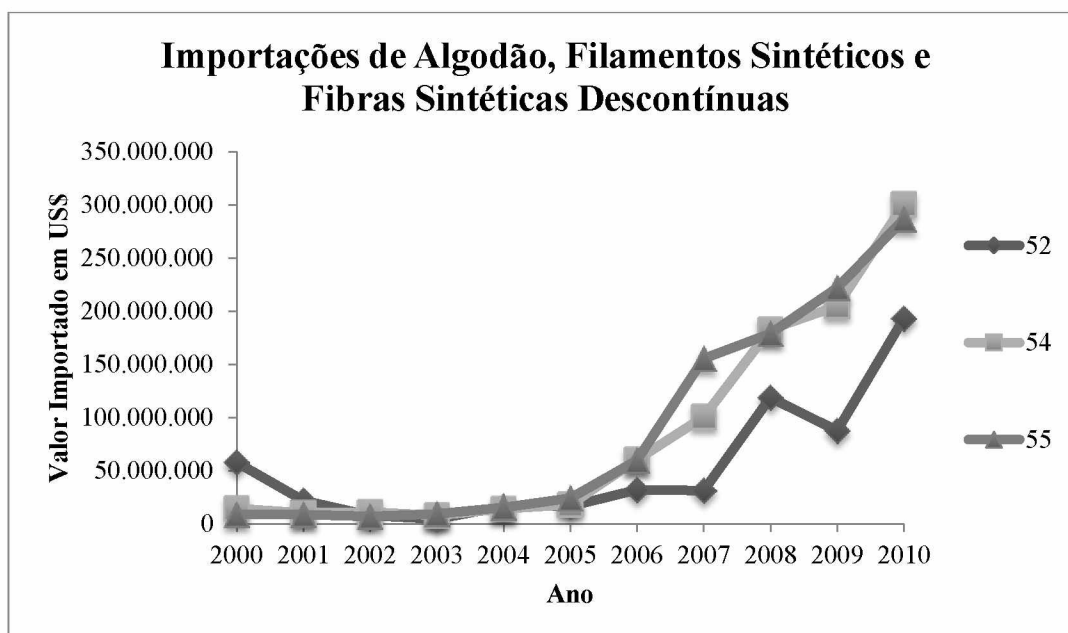
As importações de plástico e suas obras cresceram 6681,59% no período estudado, saindo de 13 milhões de US\$ em 2000 para 900 milhões em 2010. Apenas em 2009, ocorreu uma pequena retração nas importações do capítulo SH2 39 na ordem de 5%. No ano seguinte, essa queda foi compensada por um incremento de 69,49% nas importações.

As importações de polímeros de etileno (posição SH4 3901) cresceram enormemente de 2000 a 2010, saindo 800 mil US\$ em 2000 para 0,5 bilhão de US\$ em 2010. No primeiro biênio, as importações de polímeros de etileno eram insignificantes, só de 2002 em diante é que as compras desses produtos do exterior se expandiram. Durante os anos estudados, ocorreram pequenas quedas que não foram significativas, não impondo mudança na tendência de crescimento.

As importações da seção XI também cresceram de forma acelerada, atingindo um incremento de mais de 1000% nos 11 anos estudados, saindo de 87 milhões de US\$ em 2000 para um bilhão de US\$ em 2010. Nos primeiros quatro anos, houve uma queda de 71,26%, caindo às importações para a casa dos 25 milhões de US\$. De 2004 em diante, as importações da seção XI cresceram ininterruptamente. Essa seção XI possui muitos capítulos SH2

relevantes, como: o capítulo SH2 52 (algodão), o 54 (filamentos sintéticos ou artificiais) e o 55 (fibras sintéticas ou artificiais descontínuas).

Figura 49: Importações de Algodão (Capítulo SH2 52), de Filamentos Sintéticos (Capítulo SH2 54) e de Fibras Sintéticas Descontínuas (Capítulo SH2 55)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de algodão cresceram 234,04% de 2000 a 2010, saindo de 57 milhões de US\$ em 2000 para 192 milhões de US\$ em 2010. Nos primeiros quatro anos, as importações do capítulo SH2 52 acumularam sucessivas quedas, que resultaram em uma retração de 92,21%. Em 2009, também ocorreu queda significativa, na ordem 26,27%.

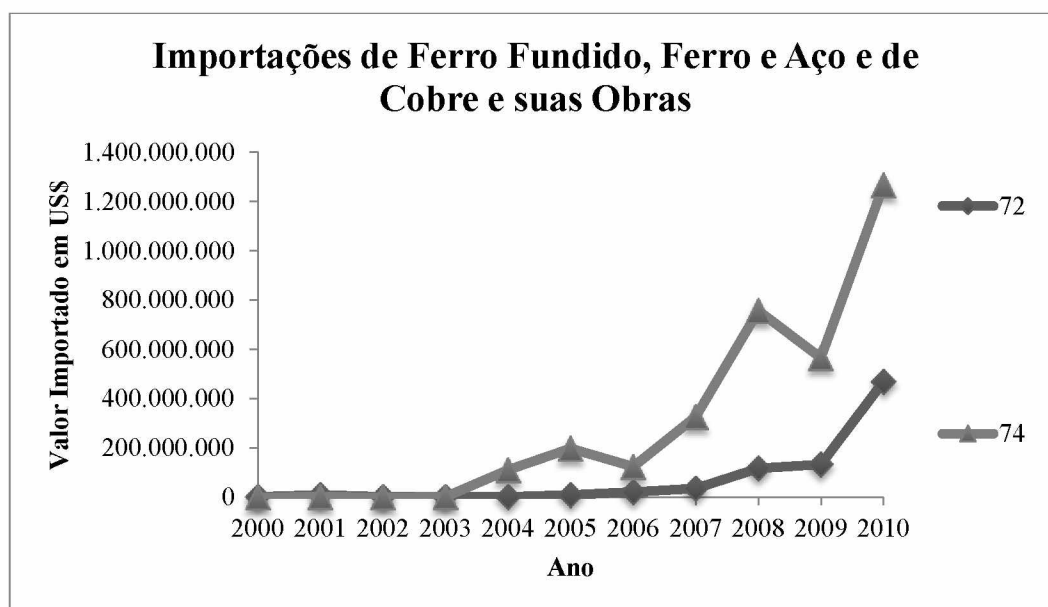
As importações de filamentos sintéticos cresceram abruptamente durante os 11 anos estudados, saindo de 14 milhões de US\$ em 2000 para 300 milhões de US\$ em 2010. Nos primeiros quatro anos, as importações de filamentos sintéticos acumularam quedas sucessivas, que resultaram em retração de 45,72%. Foram as importações dos fios de filamentos sintéticos (posição SH4 5401) os produtos mais relevantes. Eles cresceram 1985,51% durante os 11 anos estudados, saindo 11 milhões de US\$ em 2000 para 230 milhões de US\$ em 2010. Nos

quatro primeiros anos, as importações de fios de filamentos sintéticos caíram 49,89%. A partir de 2004, as taxas de crescimento se tornaram positivas em todos os anos.

As importações de fibras sintéticas descontínuas cresceram significativamente de 2000 a 2010, saindo de oito milhões de US\$ em 2000 para 286 milhões de US\$ em 2010. Nos três primeiros anos do período estudado, as importações recuaram mais de 20%, alcançando a ínfima soma de seis milhões de US\$ importados em 2002. Os demais anos foram de crescimento contínuo e acelerado nas importações de fibras sintéticas descontínuas.

As importações da seção XV eram pouco significativas até o ano de 2003. De 2004 em diante, o valor importado cresceu rapidamente, saindo de 119 milhões de US\$ em 2004 para dois bilhões de US\$ em 2010. Em 2009, as importações caíram 26,04% devido a crise econômica internacional. A seção XV possui como capítulos SH2 mais importantes o capítulo 72 e 74, que incluem o ferro fundido, ferro e aço; e cobre e suas obras, respectivamente.

Figura 50: Importações de Ferro Fundido, Ferro e Aço (Capítulo SH2 72) e de Cobre e suas Obras (Capítulo SH2 74)



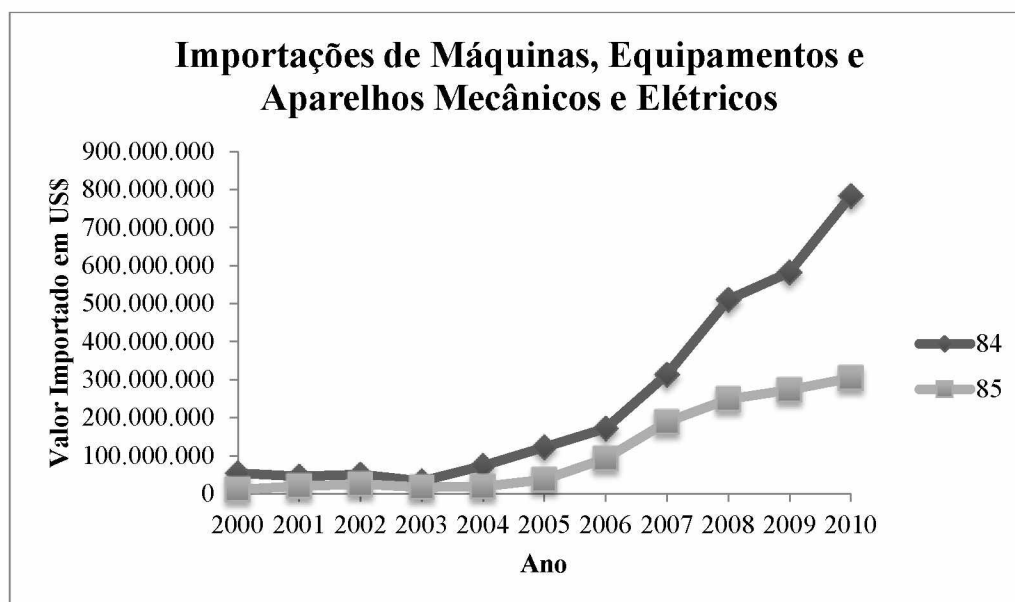
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações de ferro fundido, ferro e aço cresceram abruptamente, saindo de um milhão de US\$ em 2000 para 469 milhões de US\$ em 2010. De 2002 a 2004, houve grande retração nas importações de ferro fundido, ferro e aço, na ordem de 91,72% em comparação com o ano de 2001. O maior crescimento foi observado de 2009 para 2010, quando a taxa anual de incremento alcançou 255,40%.

As importações de cobre e suas obras se expandiram absurdamente, saindo de 461 mil US\$ em 2000 para 1,2 bilhão de US\$ em 2010. O crescimento robusto se iniciou em 2004, havendo queda significativa em 2009, que foi amplamente recuperada em 2010.

As importações da seção XVI cresceram aceleradamente de 2000 a 2010, saindo de 64 milhões de US\$ importados em 2000 para um bilhão de US\$ no último ano. Apenas em 2003, houve queda no valor importado, nos demais anos as importações continuaram a crescer. A seção XVI possui como capítulos importantes o capítulo 84 e o 85, que agrupam máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos, respectivamente.

Figura 51: Importações de Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Capítulo SH2 84) e Elétricos (Capítulo SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As importações do capítulo SH2 84 cresceram 1351,52% de 2000 a 2010, saindo de 53 milhões de US\$ em 2000 para atingir 783 milhões de US\$ em 2010. Nos primeiros quatro anos, as importações do capítulo SH2 84 caíram 38,97%. Nos anos seguintes, as importações cresceram continuamente.

As importações do capítulo SH2 85 cresceram 2717,48% durante os 11 anos estudados, saindo de 10 milhões de US\$ em 2000 para alcançar 303 milhões de US\$ em 2010. Todos os anos foram de acelerado crescimento, com exceção do ano de 2003, quando as importações caíram 33,31% frente ao ano imediatamente anterior.

6 VANTAGENS COMPARATIVAS DAS MESORREGIÕES CATARINENSES

6.1 ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA (IVCR)

O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) foi baseado na teoria das vantagens comparativas desenvolvida por David Ricardo no início do século XIX (SOUZA & ILHA, 2005, p.2). Segundo Maia apud Souza e Ilha (2005, p. 2), “a vantagem comparativa revelada (VCR), proposta inicialmente por Balassa (1965 e 1977), especifica os preços pós-comércio e, é um dos métodos mais utilizados para determinar a vantagem comparativa”.

De acordo com Carvalho et al (2010, p.5), o IVCR é dito como uma medida revelada porque seu cálculo tem por base dados observados e demonstra as vantagens comparativas de um país na produção de determinado bem ou setor de atividade. No presente trabalho, o IVCR foi utilizado para determinar a vantagem comparativa existente nas exportações das seis mesorregiões catarinenses em relação às exportações brasileiras no período de 2000 a 2010.

Segundo Barbosa e Waquil apud Souza e Ilha (2005, p.2), “o índice acima da unidade indica que o país possui uma vantagem comparativa para o bem, enquanto para valores abaixo da unidade o país em questão apresenta uma desvantagem comparativa revelada”. O Índice de Vantagem Comparativa Revelada pode ser obtido a partir do seguinte cálculo:

$$IVCR_j^t = \left(\frac{X_{jsc}^t}{X_{sc}^t} \right) / \left(\frac{X_{jB}^t}{X_B^t} \right)$$

$IVCR_j^t$ = Índice de Vantagem Comparativa Revelada do *j-ésimo* produto exportado por uma mesorregião catarinense;

X_{jsc}^t = Valor das exportações do *j-ésimo* produto de uma mesorregião;

X_{sc}^t = Valor das exportações totais de uma mesorregião;

X_{jB}^t = Valor das exportações do *j-ésimo* produto do Brasil;

X_{jB}^t = Valor das exportações totais do Brasil.

O índice VCR fornece um indicador da participação relativa das exportações das mesorregiões. O resultado desse índice demonstra se uma mesorregião possui vantagem comparativa em certo setor/produto, confrontando sua participação no mercado mundial. Desse modo, se o indicador $VCR > 1$, significa que a mesorregião apresenta vantagem comparativa. Por outro lado, se $VCR < 1$, há desvantagem comparativa revelada. (HIDALGO apud CARVALHO, 2010, p. 6).

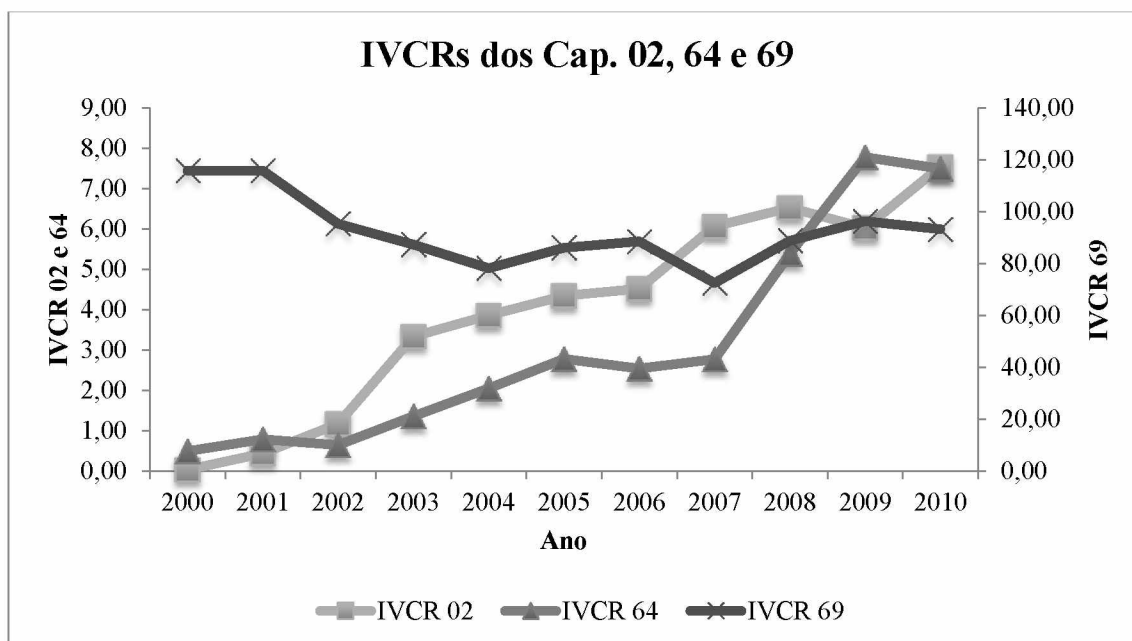
6.2 ANÁLISE DOS IVCRS DAS MESORREGIÕES CATARINENSES

6.2.1 Mesorregião Grande Florianópolis

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada foi calculado para os capítulos SH2 02, 64 e 69, que são, respectivamente, carnes, calçados e produtos cerâmicos. Além dos capítulos, analisaram-se as posições SH4 mais relevantes para a exportação da mesorregião Grande Florianópolis que são as posições SH4 0207, 0210, 6907 e 6908.

A mesorregião Grande Florianópolis até o ano de 2002 não apresentava vantagem na exportação de carnes comparativamente ao Brasil. Porém, nos anos seguintes, as exportações de carnes, mais especificamente carnes de aves da posição SH4 0207, cresceram percentualmente mais do que as exportações totais da mesorregião. O IVCR do capítulo SH2 02 atingiu 7,5 em 2010, representando a importância das exportações de carnes para a mesorregião Grande Florianópolis, sendo as exportações de carnes de aves ainda mais importantes, alcançando um IVCR de 11,88 em 2010.

Figura 52: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), Calçados e Semelhantes (Cap. SH2 64) e Produtos Cerâmicos (Cap. SH2 69)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

O IVCR do capítulo SH2 64 obteve crescimento muito semelhante ao do capítulo SH2 02. A exportação de calçados e semelhantes da Grande Florianópolis, mais especificamente a da cidade de São João Batista, possui vantagens comparativamente a do Brasil a partir de 2003, atingindo em torno de 7,5 em 2010, demonstrando ser essa cidade um polo calçadista nacional.

As exportações de produtos cerâmicos são as que mais apresentam vantagem comparativa para a mesorregião Grande Florianópolis, atingindo um IVCR 93,18 em 2010. Entretanto, durante o período, observa-se a queda contínua da vantagem que os produtos cerâmicos possuem, mais especificamente os ladrilhos e placas vidrados ou esmaltados pertencentes à posição SH4 6908, refletindo o impacto negativo da apreciação cambial que reduziu a competitividade externa dos produtos cerâmicos mais sofisticados.

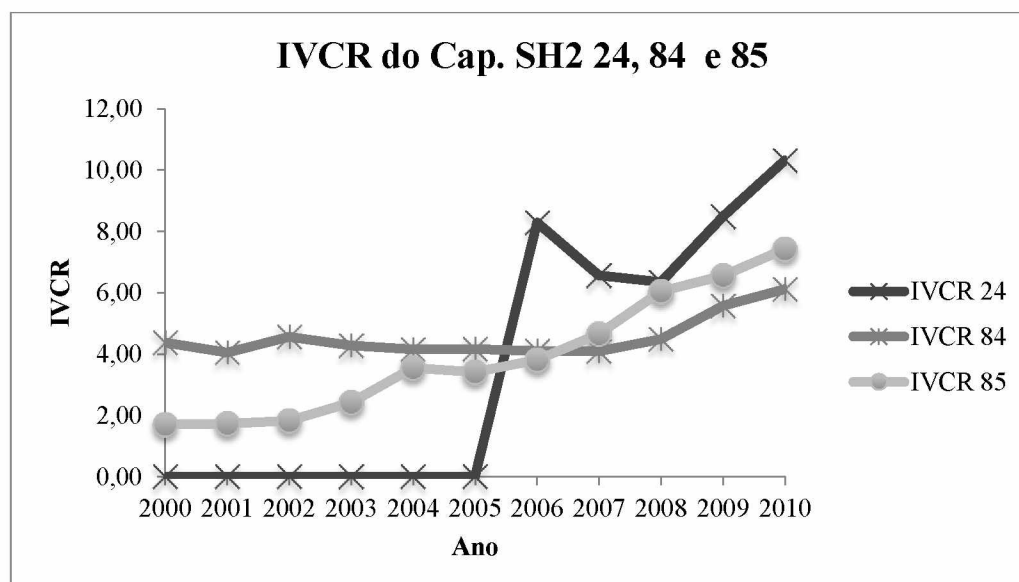
Contudo, os ladrilhos e placas não vidrados ou esmaltados, que são produtos menos sofisticados, tornaram-se os que possuem exportações mais competitivas para a mesorregião da Grande Florianópolis, atingindo um IVCR de 729 em 2010, mostrando claramente que os

produtos cerâmicos menos sofisticados estão se tornando mais competitivos em detrimento dos produtos cerâmicos de maior valor agregado.

6.2.2 Mesorregião Norte Catarinense

Na mesorregião Norte Catarinense os capítulos SH2 mais relevantes nas exportações foram os capítulos 12, 15, 23, 24, 84 e 85. As vantagens comparativas da mesorregião Norte Catarinense são observadas nos capítulos SH2 24, 84 e 85.

Figura 53: IVCRs do Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Cap. SH2 84) e Elétricos (Cap. SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

Os IVCRs dos capítulos SH2 12, 15 e 23 apresentaram desvantagem comparativamente às exportações do Brasil. Esses capítulos possuem produtos pertencentes às

indústrias agroalimentares. Os dois últimos capítulos apresentaram IVCR maior que uma unidade até 2004, posteriormente a esse ano a moeda nacional iniciou um processo de valorização, impactando negativamente o desempenho das exportações.

As exportações de fumo (cap. 24), aparelhos e máquinas mecânicas (cap. 84) e elétricas (cap. 85) apresentaram vantagem comparativa em relação às exportações do Brasil. As exportações de tabaco não manufaturado (posição SH4 2401) foram as responsáveis pelo crescimento de todo o capítulo SH2 24, possuindo a posição SH4 em questão IVCR de 10,52 em 2010.

Dentro das exportações de máquinas e aparelhos mecânico pertencentes ao capítulo SH2 84, destacaram-se as posições SH4 8409, 8414 e 8418, que são, respectivamente, partes destinadas aos motores de pistão; bombas de ar/vácuo, compressores, exaustores e, por fim, refrigeradores, congeladores, máquinas e aparelhos para a produção de frio, bombas de calor.

As exportações de partes ou peças destinadas a motores de pistão possuíram durante todo o período vantagem comparativa em relação às exportações dos mesmos produtos do Brasil, saindo de um IVCR de 4,06 em 2000 para 12,44 em 2010. Entretanto, são os produtos pertencentes às posições SH4 8414 e 8418 que formam as exportações que possuem maior vantagem comparativa, indicando a presença de especialização na mesorregião Norte Catarinense na produção e exportação desses bens, que não sofreram efeitos negativos advindos do câmbio em função das empresas serem de grande porte e também pela característica desses bens serem intensivos em capital.

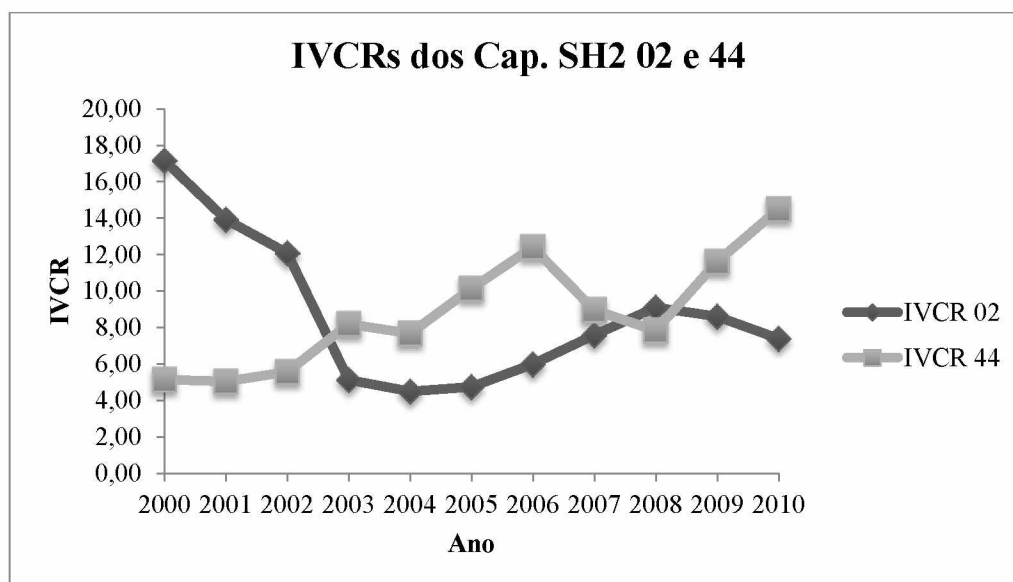
As bombas de ar, compressores e exaustores expandiram a vantagem que possuíam em 2000 de um IVCR na casa de 25 para 33 em 2010. Os refrigeradores, congeladores e aparelhos de produção de frio tiveram comportamento semelhante ao dos produtos da posição SH4 8414, saindo de 14,20 em 2000 para 33,44 em 2010.

As máquinas e aparelhos elétricos pertencentes ao capítulo SH2 85 aumentaram consideravelmente a vantagem comparativa durante os anos estudados, saindo de um IVCR de 1,69 em 2000 para 7,42 em 2010. Os produtos responsáveis pelo crescimento da importância do capítulo SH2 85 para as exportações da mesorregião Norte Catarinense são pertencentes à posição SH4 8501. Portanto, são os motores e geradores elétricos os produtos que apresentam maior vantagem comparativa nas exportações da mesorregião Norte Catarinense em relação às do Brasil, atingindo um IVCR de 40,31 em 2010.

6.2.3 Mesorregião Oeste Catarinense

As exportações da mesorregião Oeste Catarinense se concentraram na agroindústria de carnes, mais especificamente de aves e suínos, e na indústria madeireira, correspondentes aos capítulos SH2 02 e 44, respectivamente.

Figura 54: IVCRs das Carnes e suas Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02) e das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

As exportações de carnes e suas miudezas pertencentes ao capítulo SH2 02 perderam a importância que possuíam no início do período, diminuindo em quase dez unidades o IVCR. As exportações de carnes de aves e suínas foram as responsáveis pela diminuição da importância desse setor para as exportações da mesorregião Oeste Catarinense, principalmente a carne suína pertencente à posição SH4 0203.

Segundo Farina e Nunes (2003, p. 7), o mercado internacional comprador da carne suína brasileira e catarinense é formado por um conjunto de compartimentos estanques definidos por barreiras sanitárias e preços baixos que não são suficientes para o crescimento das exportações.

Para a carne suína existem dois fatores principais que dificultam a exportação, que são o acesso ao mercado da Rússia e a superação de barreiras sanitárias. No caso da Rússia, o papel do governo é fundamental para preservar e ampliar as possibilidades de comércio. (FARINA; NUNES, 2003, p.9).

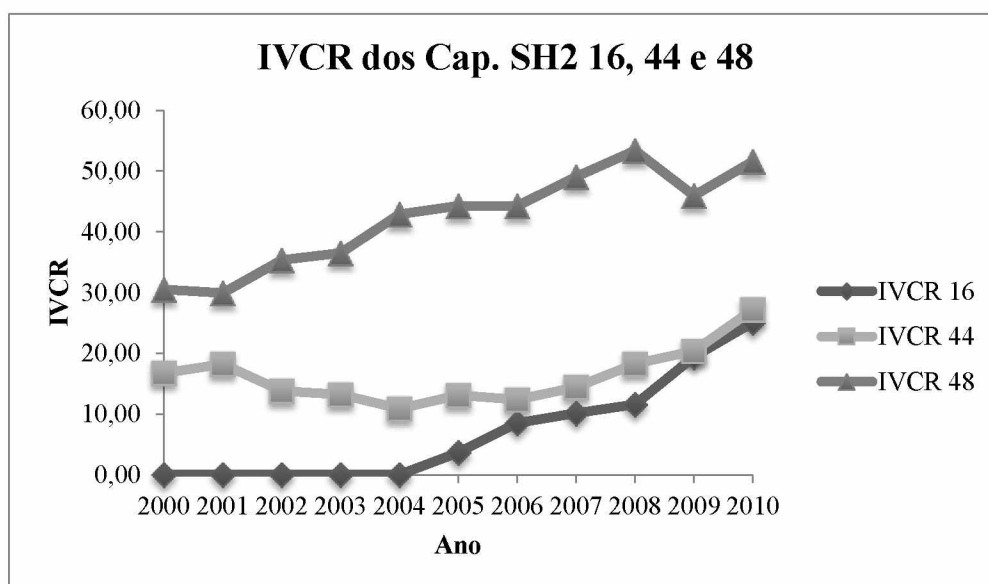
Diferentemente do ocorrido com as exportações de carnes de aves e suínos, a vantagem comparativa observada no capítulo SH2 44 aumentou durante o período estudado, saindo de um IVCR de 5,14 em 2000 para 14,48 em 2010. Os produtos responsáveis pelo aumento da importância das exportações do capítulo SH2 44 foram às obras de carpintaria para construções.

Portanto, na mesorregião Oeste Catarinense as exportações de carnes de aves e suínos perderam importância devido aos graves problemas enfrentados por empresas do setor, problemas sanitários e dificuldade de acesso aos mercados de países desenvolvidos, somando-se ainda as dificuldades que a taxa de câmbio apreciada impôs sobre a competitividade dos produtos e sobre os custos de produção. Em sentido contrário, as obras de carpintaria para construções expandiram suas exportações e sua vantagem comparativa.

6.2.4 Mesorregião Serrana

Na mesorregião Serrana, as exportações que apresentaram IVCR maior que a unidade foram encontradas nos capítulos SH2 16, 44 e 48. O IVCR do capítulo SH2 16 cresceu durante os anos estudados, alcançando 25,03 em 2010. O comportamento do IVCR do capítulo SH2 44 também foi de incremento, crescendo mais de dez unidades de 2000 a 2010. No capítulo SH2 48, o crescimento verificado no índice de vantagem comparativa foi considerável, em torno de 21 unidades.

Figura 55: IVCRs das Preparações de Carnes Diversas (Cap. SH2 16), das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44), do Papel e Cartão, Obras de Pasta de Celulose, de Papel ou de Cartão (Cap. SH2 48)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

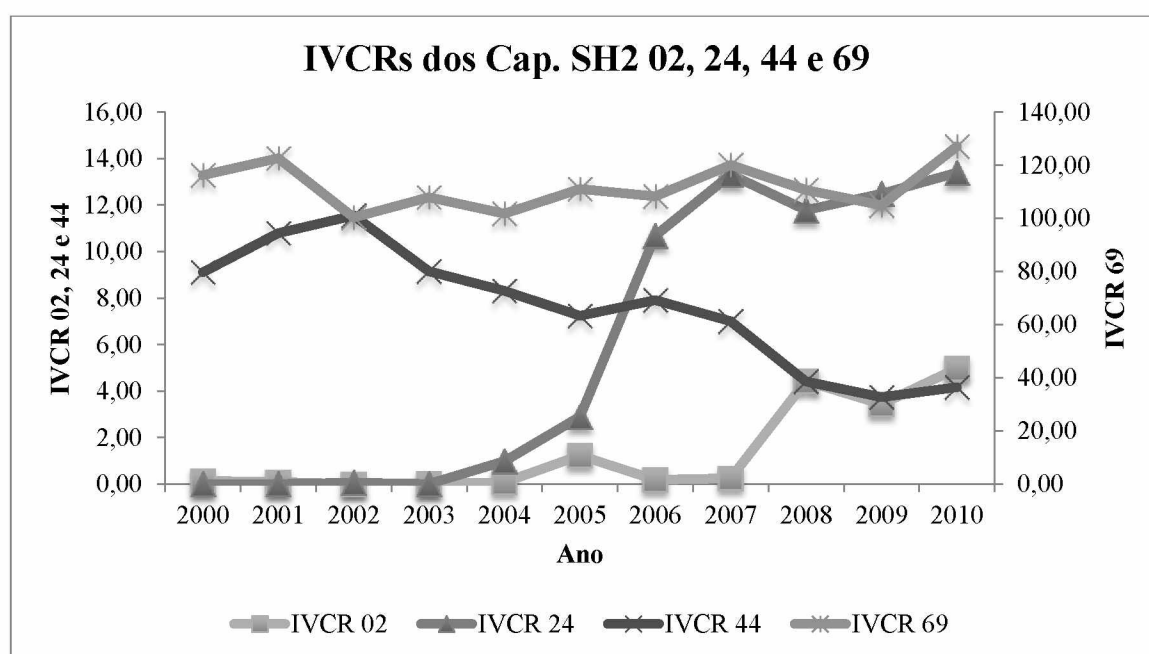
As posições SH4 que possuem mais vantagem comparativamente ao Brasil nas exportações foram outras preparações e conservas de carne, miudezas ou sangue (1602), com IVCR de 28,94; madeira serrada longitudinalmente (4407), com IVCR de 24,56; ferramentas, armações e cabos de ferramentas de madeira; formas de madeira para calçados (4417), com IVCR de 489,70; papel e cartão kraft, não revestidos, em rolos ou em folhas (4804), com IVCR de 373,81; caixas, sacos e outras embalagens de papel, cartão, pasta de celulose, cartonagens (4819), com IVCR de 363,60.

Observando os dados acima, percebe-se que a mesorregião Serrana possui vantagens nas exportações de obras de madeira, papel e cartão kraft, sendo esperados esses resultados devido a conhecida importância das indústrias de papel e celulose e a histórica importância do setor madeireiro para a mesorregião Serrana.

6.2.5 Mesorregião Sul Catarinense

Na mesorregião Sul Catarinense as vantagens comparativas das exportações foram observadas nos capítulos SH2 02, 24, 44 e 69. As exportações de carnes e madeira (cap. 02 e 44) apresentaram vantagem comparativa com IVCR em torno de 4 em 2010, bem abaixo da vantagem comparativa obtida pelas exportações de fumo e seus sucedâneos e produtos cerâmicos, que obtiveram IVCR de 13 e 127, respectivamente.

Figura 56: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), do Fumo e seus Sucédâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Madeiras, Carvão Vegetal e Obras de Madeira (Cap. SH2 44) e Produtos Cerâmicos (Cap. SH2 69)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

O IVCR do capítulo SH2 02 se tornou relevante nos últimos três anos estudados, devido a crescente exportação de carnes de aves pertencentes à posição SH4 0207, sendo que essa posição alcançou um IVCR de 9,91 em 2010.

O desempenho das vantagens comparativas das exportações de fumo e seus sucedâneos, deveu-se ao crescimento das exportações de tabaco não-manufaturado, sendo os IVCRs do capítulo SH2 24 e da posição SH4 2401 foram praticamente idênticos.

Das exportações do capítulo SH2 44, sobressaem-se as exportações da posição SH4 4421, no qual estão contidas diversas obras de madeira. Foram esses produtos os determinantes para a manutenção da vantagem comparativa existente nas exportações do capítulo SH2 44.

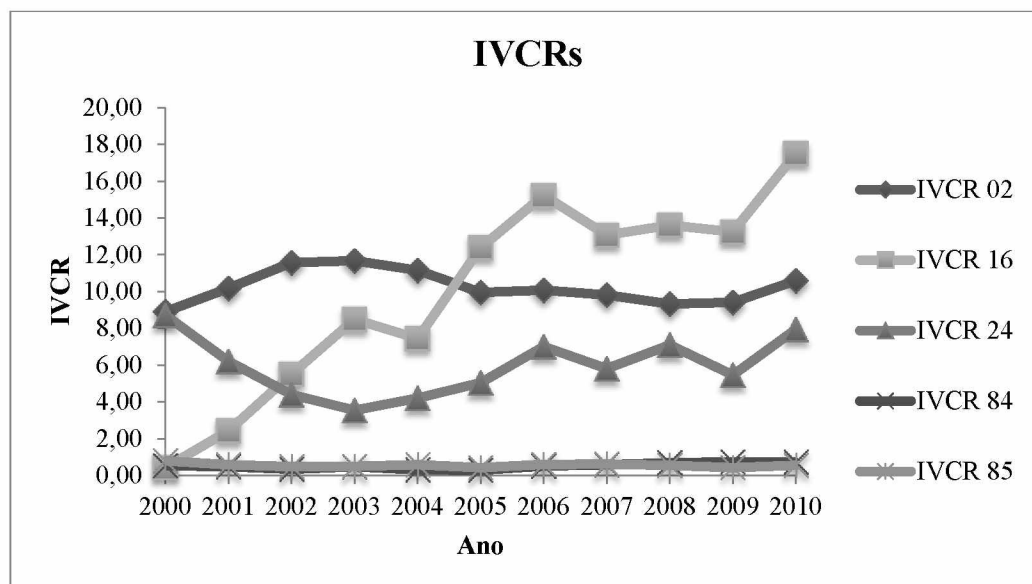
Na mesorregião Sul Catarinense os produtos que apresentam maior vantagem comparativa são os produtos cerâmicos, pertencentes ao capítulo SH2 69. Durante todo o período estudado, o IVCR desse capítulo sempre permaneceu acima de 100, demonstrando a importância que os produtos cerâmicos exercem na economia dessa mesorregião. Mais especificamente, são os ladrilhos e placas esmaltados ou vidrados que possuem grande vantagem comparativamente ao Brasil, atingindo um IVCR de 184,52 em 2010.

Entretanto, durante os 11 anos estudados, as exportações de produtos cerâmicos se reduziram em torno de 6%, demonstrando assim que a manutenção da vantagem comparativamente ao Brasil se deveu pela pouca importância que tais produtos têm na pauta de exportações brasileira. Portanto, apesar da vantagem comparativa existente para a mesorregião Sul Catarinense na exportação de produtos cerâmicos, houve dificuldades para exportar, decorrentes da política cambial adotada.

6.2.6 Mesorregião Vale do Itajaí

Na mesorregião Vale do Itajaí, os dados extraídos da base de dados Aliceweb do MDIC, demonstraram que os capítulos SH2 que possuem vantagem comparativa foram os capítulos 02, 16 e 24. Os capítulos que apresentaram desvantagem comparativa foram os capítulos SH2 84 e 85.

Figura 57: IVCRs das Carnes e Miudezas Comestíveis (Cap. SH2 02), das Preparações de Carnes Diversas (Cap. SH2 16), do Fumo e seus Sucedâneos Manufaturados (Cap. SH2 24), das Máquinas, Equipamentos e Aparelhos Mecânicos (Cap. SH2 84) e Elétricos (Cap. SH2 85)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Aliceweb2/MDIC

A vantagem comparativa nas exportações de carnes se manteve com IVCR entre 8 a 10 durante todo o período, não sofrendo grandes oscilações. As posições SH4 que possuem maior vantagem comparativamente ao Brasil são as que englobam as carnes de aves, suínas e preparações com carnes e miudezas (pos. 0203, 0207 e 0210). Entretanto, apenas as vantagens comparativas das carnes de aves e preparações com carnes e miudezas sofreram expansão, diferentemente do IVCR das exportações de carnes suínas que se manteve estagnado.

A vantagem comparativa das exportações de fumo e seus sucedâneos, não se ampliou durante os anos estudados, mantendo o IVCR em torno de 8. O produto responsável pelo comportamento do capítulo SH2 24, foi o tabaco não-manufaturado.

Os capítulos 84 e 85 apresentaram durante todo o período estudado desvantagem comparativa nas exportações da mesorregião Vale do Itajaí em relação ao Brasil. Entretanto, as posições SH4 8413 e 8511 possuem IVCR acima de 1, ou seja, possuem vantagem comparativa. As exportações de bombas para líquidos e elevadores de líquidos (pos. 8413) tiveram um crescimento de três pontos no IVCR de 2000 a 2010. Todavia, isso não foi o que ocorreu com os aparelhos e dispositivos elétricos de ignição (pos. 8511), que apesar de

apresentarem IVCRs sempre acima de 10, obtiveram uma queda de quase 10 pontos no IVCR durante os anos estudados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os onze anos estudados se caracterizaram pela maior abertura da economia das mesorregiões de Santa Catarina ao comércio exterior, com grande intensificação das importações, principalmente após 2006, ano do aprofundamento da apreciação da taxa de câmbio. Outro fato ocorrido que afetou as seis mesorregiões que compõe o estado de Santa Catarina, foi a queda verificada nas trocas comerciais com o exterior no ano de 2009, reflexo da crise econômica mundial que deprimiu a demanda mundial tanto nas exportações quanto nas importações.

A mesorregião Grande Florianópolis apresentou de 2000 a 2010 maior crescimento das importações em relação às exportações, tornado o saldo comercial crescentemente negativo. Os principais produtos responsáveis pelo salto ocorrido no valor importado foram os produtos de plástico, borracha, aparelhos e peças para a indústria de telefonia e aparelhos de ar condicionado e semelhantes. Pelo lado das exportações ocorreu o aumento das exportações de carnes de aves em detrimento da exportação de produtos cerâmicos, que enfrentaram anos de queda no valor exportado a partir de 2006.

O comportamento das importações e das exportações da mesorregião Grande Florianópolis foi influenciado pela apreciação da taxa de câmbio, que permitiu a importação de produtos utilizados como matéria-prima para as indústrias a preços competitivos e deprimiu as exportações de produtos cerâmicos, tornando-as menos competitivas no mercado internacional, sendo observada queda na vantagem comparativa desses produtos, principalmente dos mais sofisticados. Contudo, as exportações de carnes de aves e calçados aumentaram seus IVCRs, mas se deve observar que a vantagem comparativa desses produtos aumentou em relação às exportações do Brasil, que apresentou maior crescimento das exportações de *commodities* agrícolas.

Assim como ocorreu na mesorregião Grande Florianópolis, a mesorregião Norte Catarinense apresentou crescimento maior no valor importado do que no exportado, fazendo com que o saldo comercial diminuísse, porém não se tornando negativo. Nessa mesorregião se encontra um dos principais portos de exportação de grão, em função disso a soja figura como um importante produto de exportação, segundo os dados do MDIC.

Houve expansão considerável das exportações de tabaco não manufaturado, de partes e peças para motores de pistão, refrigeradores e semelhantes e bombas de ar. Todos esses produtos aumentaram sua vantagem comparativamente ao Brasil. Entretanto, foram os motores e geradores elétricos que obtiveram maior IVCR em torno de 40, mesmo diante das dificuldades enfrentadas durante a crise econômica internacional.

As exportações de máquinas e aparelhos mecânicos e elétricos da mesorregião Norte Catarinense conseguiram enfrentar os efeitos prejudiciais da apreciação do câmbio sobre a competitividade externa em função do grande porte das empresas do setor e as características produtivas dos bens em questão.

Pelo lado das importações se sobressaem os produtos químicos inorgânicos, adubos, plásticos, laminados de ferro ou aço após 2007 e aquecedores, aparelhos videofônicos e de televisão. O aprofundamento das importações foi favorecido pelo câmbio apreciado e pela política tributária do estado de Santa Catarina.

A mesorregião Oeste Catarinense apresentou saldo comercial sempre positivo, por que suas exportações foram muito maiores que as importações, apesar do crescimento percentualmente mais acelerado das importações. As exportações da mesorregião Oeste Catarinense sofreram perdas devido ao embargo russo a carne suína brasileira, provocando a queda do valor exportado desse produto. As exportações de carnes de aves cresceram durante os onze anos estudados, mas foram duramente afetadas pela crise econômica internacional e por problemas financeiros em grandes empresas do setor. Contudo, as obras de carpintaria para construção foram os produtos que apresentaram crescimento das exportações mais robusto, com crescimento da vantagem comparativa durante os anos estudados.

As importações da mesorregião Oeste Catarinense apresentaram crescimento expressivo das cebolas e semelhantes, de produtos químicos orgânicos, polímeros de etileno e pneumáticos novos, impulsionados pela taxa de câmbio favorável a importação. Houve decréscimo no valor importado de milho, soja e resíduos da extração de óleo de soja, os dois primeiros produtos são utilizados na alimentação de aves e suínos e sofreram oscilações tanto devido ao preço quanto a conjuntura econômica da agroindústria.

A mesorregião Serrana apresentou crescimento percentualmente maior do valor importado em relação ao valor exportado, assim como ocorreu com as demais mesorregiões catarinenses. Contudo, o saldo comercial permaneceu positivo durante todos os anos

estudados. Em relação aos produtos exportados, observou-se a retração do valor exportado da madeira cortada longitudinalmente. Entretanto, houve crescimento do valor exportado e no IVCR dos produtos feitos de miudezas de carne e sangue, de diversos utensílios feitos de madeira, de papel e cartão kraft, configurando-se os setores madeireiro e de papel e celulose como os mais importantes nessa mesorregião.

As importações da mesorregião Serrana se concentraram nas máquinas utilizadas nas colheitas agrícolas e na indústria de papel e celulose, além do milho. O decréscimo no valor importado foi observado no malte.

Na mesorregião Sul Catarinense, o aumento do valor importado fez com que o saldo comercial se tornasse negativo a partir de 2006, ano no qual se aprofundou a apreciação da taxa de câmbio, impactando positivamente as importações. Os produtos responsáveis pelo crescimento do valor importado pela mesorregião Sul Catarinense foram os produtos e compostos inorgânicos, as embalagens plásticas e as ligas de cobres em forma bruta.

O crescimento das exportações foi obtido devido às carnes de aves e ao tabaco não manufaturado. Esses dois produtos aparecem na pauta de exportações da mesorregião Sul Catarinense pelo fato da existência do porto de Imbituba e de indústrias beneficiadores de fumo em Araranguá, respectivamente. A queda no valor exportado ocorreu nas obras de madeira e nos produtos cerâmicos, estes últimos somente a partir de 2007, porém de forma muito intensa, em função da apreciação da taxa de câmbio que impôs uma redução da competitividade externa dos produtos cerâmicos.

A mesorregião Vale do Itajaí apresentou crescimento acentuado das importações, tornando o saldo comercial negativo a partir de 2008. Tal fato se deve em parte a presença de dois importantes portos nessa mesorregião, o de Itajaí e o de Navegantes, somando-se a isso a política cambial brasileira e a política tributária catarinense. As importações se focaram nos polímeros de etileno, no algodão, nos fios de filamentos sintéticos, nas fibras sintéticas descontínuas, no ferro, ferro fundido, aço, cobre e nas máquinas, aparelhos e equipamentos mecânicos e elétricas, sendo muitos desses produtos utilizados como matérias-primas nas indústrias da mesorregião.

O crescimento das exportações se deveu as carnes de aves, suínas, outros produtos feitos de carnes, tabaco não manufaturado, bombas para líquidos, elevadores de líquidos e

dispositivos de ignição para motores de ignição. Os três primeiros produtos apareceram na pauta de exportação da mesorregião Vale do Itajaí devido à existência dos portos já mencionados.

As vantagens comparativas das carnes de aves e preparações com carnes e miudezas sofreram expansão, já a da carne suína que se manteve estagnada, assim como as de fumo. As máquinas e equipamentos mecânicos e elétricos apresentaram desvantagem comparativa em relação ao Brasil, porém as exportações de bombas para líquidos e elevadores de líquidos tiveram um crescimento de três pontos e os aparelhos e dispositivos elétricos de ignição apresentaram IVCR sempre acima de 10, porém com queda de quase 10 pontos durante os anos estudados.

Por fim, as mudanças ocorridas no comércio exterior das mesorregiões catarinenses não são uniformes, havendo muitas diferenças entre os impactos causados pela apreciação da taxa de câmbio sobre as variáveis do comércio, principalmente em relação às exportações. De modo geral, a taxa de câmbio proporcionou um crescimento acelerado das importações nas mesorregiões, somando-se a influência da política tributária estadual. Nas exportações, os produtos mais sensíveis à concorrência externa enfrentaram dificuldades em função da apreciação da moeda nacional, como os produtos cerâmicos, principalmente a partir de 2006. As exportações de produtos intensivos em capital e que são fabricados por empresas de grande porte, conseguiram superar as dificuldades impostas pela política cambial brasileira, apesar de terem sofrido com os efeitos da crise econômica mundial.

REFERÊNCIAS

- ABEF. **Relatório Anual**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.abef.com.br/noticias_portal/exibenoticia.php?notcodigo=83>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABEF. **Relatório Anual**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.abef.com.br/noticias_portal/exibenoticia.php?notcodigo=85>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABEF. **Relatório Anual**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abef.com.br/noticias_portal/exibenoticia.php?notcodigo=1417>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABEF. **Relatório Anual**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.abef.com.br/noticias_portal/exibenoticia.php?notcodigo=2264>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABIPECS. **Relatório Anual**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/relatorios-associados/ABIPECS_relatorio_2000_pt.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABIPECS. **Relatório Anual**. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/relatorios-associados/ABIPECS_relatorio_2003_pt.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.
- ABIPECS. **Relatório Anual**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/relatorios-associados/ABIPECS_relatorio_2007_pt.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.
- AVERBUG, André. Abertura e Integração Comercial Brasileira na Década de 90. In: AVERBUG, André. **A Economia Brasileira nos Anos 90**. Rio de Janeiro: Bndes, 1999. p. 43-82. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro/eco90_02.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- AZEVEDO, André Filipe Z. de; PORTUGAL, Marcelo S.. Abertura Comercial Brasileira e Instabilidade da Demanda de Importações. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. , p.01-19, 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/1997_05.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- BANDEIRA, Pedro Silveira. As Mesorregiões no Contexto da Nova Política Federal de Desenvolvimento Regional: Considerações Sobre Aspectos Institucionais e Organizacionais. **Textos Para Discussão Decon-UFRGS**, Porto Alegre, p.01-51, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/decon/publidiscussao.htm>>. Acesso em: 15 maio 2012.

BRACELPA. **Relatório Anual**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.bracelpa.org.br/bra2/sites/default/files/estatisticas/rel2008.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2012.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Doença holandesa e sua neutralização: uma abordagem ricardiana**. 2007. Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=2470>>. Acesso em: 15 maio 2012.

CARVALHO, Rosemeiry Melo; ARAÚJO, Rochele Alves de; PINHEIRO, José César Vieira. Vantagens comparativas e desempenho das exportações do setor pesqueiro brasileiro no mercado norte-americano. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p.01-15, 2010. Semestral. Disponível em: <<http://www.perspectivaeconomica.unisinos.br/pdfs/94.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

COUTINHO, Eduardo Senra et al. De Smith a Porter: Um ensaio sobre as teorias do comércio exterior. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 4, p.101-113, 2005. Trimestral. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rege/v12n4/v12n4a7.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2012.

FARINA, Elizabeth; NUNES, Rubens. Desempenho do agronegócio no comércio exterior e governança nos sistemas agroindustriais das carnes de suínos e das carnes bovinas. In: **Encontro Nacional de Economia**, 31., 2003, Porto Seguro. Anais do XXXI Encontro Nacional de Economia. Porto Seguro: Anpec, 2003. p. 1 - 21. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2003/artigos/E27.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

GOULARTI FILHO, Alcides. A formação econômica de Santa Catarina. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 2, n. 23, p.977-1007, 2002. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2049/2431>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

ILHA, Adayr da S. ; SOUZA, Maurício Jorge Pinto de . Índices de Vantagem Comparativa Revelada e de Orientação Regional para alguns produtos do Agronegócio Brasileiro durante o período de 1992 a 2002. In: **XLII Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural - SOBER**, 2005, Ribeirão Preto, 2005. Disponível em:<<http://www.ufsm.br/mila/adayr/publicacoes/cientificos/vantagemcomparativa.pdf>> Acesso em: 20 maio 2012.

IPEA. **Taxa de Câmbio Real Efetiva**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 15 maio 2012.

ISTAKE, Márcia. **Comércio externo e interno do Brasil e das suas macrorregiões: um teste do teorema de Heckscher-Ohlin**. 2003. 145 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-22102003-171821/pt-br.php>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

KUME, Honorio; CORSEUIL, Carlos Henrique. **A Abertura comercial brasileira nos anos 1990: impactos sobre emprego e salário**. Rio de Janeiro: MTE, 2003. 211p.

MATTEI, Lauro. Economia Catarinense: Crescimento com Desigualdades Regionais. In: **Encontre de Economia Catarinense**, 5, 2011, Florianópolis: Apec, 2011. p. 01 - 24.

Disponível em:

<http://www.apec.unesc.net/V_EEC/sesoes_tematicas/Desenvolvimento%20e%20meio%20ambiente/ECONOMIA%20CATARINENSE%20CRESCIMENTO%20COM%20DESIGUALDADES%20REGIONAIS.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.

MDIC. **Exportações municipais**. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br//consulta-municipio/index/type/exportacaoMunicipios>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MDIC. **Importações municipais**. Disponível em: <<http://aliceweb2.mdic.gov.br//consulta-municipio/index/type/importacaoMunicipios>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

MIRANDOLA, Marco Antonio. **Os impactos da abertura da economia brasileira sobre o desenvolvimento do estado de santa catarina**. 2003. 64 f. Dissertação (Mestrado) - Fgv, São Paulo, 2003. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2227/74586.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

NAKAHODO, Sidney Nakao; JANK, Marcos Sawaya. **A Falácia da “Doença Holandesa” no Brasil**. Disponível em:

<<http://www.iconebrasil.org.br/pt/?acta=8&areaid=7&secaoid=20&artigoid=17>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

NASSIF, André. Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Brazilian Journal Of Political Economy**, v. 28, n. 1, p.72-96, 2008. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rep/v28n1/a04v28n1.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

NUNES, Rubens. Instituições e Teoria no Pensamento Econômico das Primeiras Décadas do Século XIX. In: **Encontro Nacional de Economia**, 31, 2003, Porto Seguro. Anais do XXXI Encontro Nacional de Economia. Rio de Janeiro: Anpec, 2003. p. 1 - 19. Disponível em:

<<http://www.anpec.org.br/encontro2003/artigos/A15.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado. Livre Comércio versus Protecionismo: uma análise das principais teorias do comércio internacional. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 11, p.1-8, 2007. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/011/11oliveira.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2012.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A.. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.219-232, 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572010000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jun. 2012.

PALMA, G. (2005). **Quatro fontes de desindustrialização e um novo conceito de doença holandesa**. Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/publicacoes/pdf/economia/jose_gabriel_palma.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

PESSOA, Eneuton; MARTINS, Marcilene. Revisitando a Teoria do Ciclo do Produto. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.307-329, 2007. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rec/v11n2/a05v11n2.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2012.

PORTER, Michael E. **A vantagem competitiva das nações**. 5. ed Rio de Janeiro: Campus, 1989. 897p.

RATTI, Bruno. **Comércio internacional câmbio**. 9. ed. São Paulo: Aduaneiras, 1997. 486p.

REZENDE JUNIOR, Dráuzio Antônio. **Impactos das Variações da Taxa de Câmbio sobre a Competitividade Exportadora do Setor Siderúrgico Brasileiro**. 2003. 176 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2003. Disponível em: <http://www.ppga.com.br/mestrado/2003/rezende_jr-drauzio_antonio.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 286p.

RODRIGUES, Júlia Vieira. **A Inserção Externa da Economia Catarinense a Partir da Abertura Comercial e Estabilidade Econômica do País**. 2007. 89 f. Monografia (Bacharel) - Curso de Ciências Econômicas, UFSC, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.cse.ufsc.br/gecon/coord_mono/2007.1/J%20FAlia%20Vieira%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2012

SECRETARIA DA FAZENDA DE SANTA CATARINA. **As mesorregiões de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.sef.sc.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

SINDITABACO. **Tabaco no Sul do Brasil: uma cultura sustentável**. Santa Cruz do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.sindifumo.com.br/helpers/php/get_file.php?what=58>. Acesso em: 20 maio 2012.

SOARES, Claudio César. **Introdução ao comércio exterior: fundamentos teóricos do comércio internacional**. São Paulo (SP): Saraiva, 2004. 256p.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Conseqüências Econômicas da Abertura Comercial da Economia Brasileira, 1990/1998**. 2002. Disponível em: <<http://www.nalijosouza.web.br.com/outrostextos.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2012

WILLIAMSON, John. **A Economia Aberta e a Economia Mundial: Um Texto de Economia Internacional**. Rio de Janeiro: Campus, 1989. 394p.

ANEXO

Anexo A: Municípios Pertencentes à Mesorregião Grande Florianópolis

MUNICÍPIOS	
<p>Águas Mornas Alfredo Wagner Angelina Anitápolis Antônio Carlos Biguaçu Canelinha Florianópolis Governador Celso Ramos Leoberto Leal Major Gercino</p>	<p>Nova Trento Palhoça Paulo Lopes Rancho Queimado Sto. Amaro da Imperatriz São Bonifácio São João Batista São José São Pedro de Alcântara Tijucas</p>

Fonte: Secretaria da Fazenda de Santa Catarina

Anexo B: Municípios Pertencentes à Mesorregião Norte Catarinense

MUNICÍPIOS	
<p>Araquari Balneário Barra do Sul Bela Vista do Toldo Campo Alegre Canoinhas Corupá Garuva Guaramirim Irineópolis Itaiópolis Itapoá Jaraguá do Sul Joinville</p>	<p>Mafra Major Vieira Massaranduba Monte Castelo Papanduva Porto União Rio Negrinho Santa Terezinha São Bento do Sul São Francisco do Sul Schroeder Timbó Grande Três Barras</p>

Fonte: Secretaria da Fazenda de Santa Catarina

Anexo C: Municípios Pertencentes à Mesorregião Oeste Catarinense

MUNICÍPIOS			
Abelardo Luz	Entre Rios	Lindóia do Sul	Saltinho
Água Doce	Ercal Velho	Luzerna	Salto Veloso
Águas de Chapecó	Faxinal dos Guedes	Macieira	Santa Helena
Águas Frias	Flor do Sertão	Maravilha	Sta T. do Progresso
Alto Bela Vista	Formosa do Sul	Marema	Santiago do Sul
Anchieta	Fraiburgo	Matos Costa	São Bernardino
Arabutã	Galvão	Modelo	São Carlos
Arroio Trinta	Guaraciaba	Mondaí	São Domingos
Arvoredo	Guarujá do Sul	Nova Erechim	São João do Oeste
Bandeirante	Guatambú	Nova Itaberaba	São José do Cedro
Barra Bonita	Herval d'Oeste	Novo Horizonte	S. L. d'Oeste
Belmonte	Ibiam	Ouro	S. M. da Boa Vista
Bom Jesus	Ibicareé	Ouro Verde	S. Miguel d'Oeste
B. Jesus do Oeste	Iomerê	Paial	Saudades
Caçador	Ipira	Palma Sola	Seara
Caibi	Iporã do Oeste	Palmitos	Serra Alta
Calmon	Ipuacu	Paraíso	Sul Brasil
Campo Erê	Ipumirim	Passos Maia	Tangará
Capinzal	Iraceminha	Peritiba	Tigrinhos
Catanduvas	Irani	Pinhalzinho	Treze Tílias
Caxambú do Sul	Irati	Pinheiro Preto	Tunápolis
Chapecó	Itá	Piratuba	União do Oeste
Concórdia	Itapiranga	Planalto Alegre	Vargeão
Cordilheira Alta	Jaborá	Ponte Serrada	Vargem Bonita
Coronel Freitas	Jardinópolis	P. Castello Branco	Videira
Coronel Martins	Joaçaba	Princesa	Xanxerê
Cunha Porã	Jupia	Quilombo	Xavantina
Cunhataí	Lacerdópolis	Rio das Antas	Xaxim
Descanso	Lajeado Grande	Riqueza	
Dionísio Cerqueira	Lebon Régis	Romelândia	

Fonte: Secretaria da Fazenda de SC

Anexo D: Municípios pertencentes à Mesorregião Serrana

MUNICÍPIOS	
Abdon Batista	Monte Carlo
Anita Garibaldi	Otacílio Costa
Bocaina do Sul	Painel
Bom Jardim da Serra	Palmeira
Bom Retiro	Ponte Alta
Brunópolis	Ponte Alta do Norte
Campo Belo do Sul	Rio Rufino
Campos Novos	Santa Cecília
Capão Alto	São Cristóvão do Sul
Celso Ramos	São Joaquim
Cerro Negro	São José do Cerrito
Correia Pinto	Urubici
Curitibanos	Urupema
Frei Rogério	Vargem
Lages	Zortéa

Fonte: Secretaria da Fazenda de Santa Catarina

Anexo E: Municípios Pertencentes à Mesorregião Sul Catarinense

MUNICÍPIO		
Araranguá	Imbituba	Sangão
Armazém	Jacinto Machado	Santa Rosa de Lima
Balneário Arroio do Silva	Jaguaruna	Santa Rosa do Sul
Balneário Gaivota	Laguna	São João do Sul
Braço do Norte	Lauro Muller	São Ludgero
Capivari de Baixo	Maracajá	São Martinho
Cocal do Sul	Meleiro	Siderópolis
Criciúma	Morro da Fumaça	Sombrio
Ermo	Morro Grande	Timbé do Sul
Forquilha	Nova Veneza	Treviso
Garopaba	Orleans	Treze de Maio
Grão Pará	Passo de Torres	Tubarão
Gravatal	Pedras Grandes	Turvo
Içara	Praia Grande	Urussanga
Imaruí	Rio Fortuna	

Fonte: Secretaria da Fazenda de Santa Catarina

Anexo F: Municípios Pertencentes à Mesorregião Vale do Itajaí

MUNICÍPIOS		
Agrolândia	Doutor Pedrinho	Pomerode
Agronômica	Gaspar	Porto Belo
Apiúna	Guabiruba	Pouso Redondo
Ascurra	Ibirama	Presidente Getúlio
Atalanta	Ilhota	Presidente Nereu
Aurora	Imbuia	Rio do Campo
Balneário Camboriú	Indaial	Rio do Oeste
Balneário Piçarras	Itajaí	Rio do Sul
Barra Velha	Itapema	Rio dos Cedros
Benedito Novo	Ituporanga	Rodeio
Blumenau	José Boiteux	Salete
Bombinhas	Laurentino	São João do Itaperiú
Botuverá	Lontras	Taió
Braço do Trombudo	Luiz Alves	Timbó
Brusque	Mirim Doce	Trombudo Central
Camboriú	Navegantes	Vidal Ramos
Chapadão do Lageado	Penha	Vitor Meireles
Dona Emma	Petrolândia	Witmarsum

Fonte: Secretaria da Fazenda de Santa Catarina